

COLEÇÃO APLAUSO **TEATRO BRASIL**



**CAMILA
BAKER,
LIVES IN
CONCERT**

**EU ERA
TUDO
PRA ELA**

LULU ZINHAS

**HENRIQUE V,
QUE QUERIA**

**SER
O PRIMEIRO**

O TEATRO DE

EMILIO BOECHAT

imprensa oficial

O Teatro de Emilio Boechat

O Teatro de Emilio Boechat

**Camila Baker, Lives in Concert
Eu Era Tudo pra Ela... E Ela me Deixou
Luluzinhas
Henrique V, que Queria Ser o Primeiro**

Emilio Boechat

| imprensaoficial

São Paulo, 2009



Governador José Serra

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

Apresentação

Segundo o catalão Gaudí, *Não se deve erguer monumentos aos artistas porque eles já o fizeram com suas obras*. De fato, muitos artistas são imortalizados e reverenciados diariamente por meio de suas obras eternas.

Mas como reconhecer o trabalho de artistas geniais de outrora, que para exercer seu ofício muniram-se simplesmente de suas próprias emoções, de seu próprio corpo? Como manter vivo o nome daqueles que se dedicaram à mais volátil das artes, escrevendo, dirigindo e interpretando obras-primas, que têm a efêmera duração de um ato?

Mesmo artistas da TV pós-videoteipe seguem esquecidos, quando os registros de seu trabalho ou se perderam ou são muitas vezes inacessíveis ao grande público.

A *Coleção Aplauso*, de iniciativa da Imprensa Oficial, pretende resgatar um pouco da memória de figuras do Teatro, TV e Cinema que tiveram participação na história recente do País, tanto dentro quanto fora de cena.

Ao contar suas histórias pessoais, esses artistas dão-nos a conhecer o meio em que vivia toda

uma classe que representa a consciência crítica da sociedade. Suas histórias tratam do contexto social no qual estavam inseridos e seu inevitável reflexo na arte. Falam do seu engajamento político em épocas adversas à livre expressão e as consequências disso em suas próprias vidas e no destino da nação.

Paralelamente, as histórias de seus familiares se entrelaçam, quase que invariavelmente, à saga dos milhares de imigrantes do começo do século passado no Brasil, vindos das mais variadas origens. Enfim, o mosaico formado pelos depoimentos compõe um quadro que reflete a identidade e a imagem nacional, bem como o processo político e cultural pelo qual passou o país nas últimas décadas.

Ao perpetuar a voz daqueles que já foram a própria voz da sociedade, a *Coleção Aplauso* cumpre um dever de gratidão a esses grandes símbolos da cultura nacional. Publicar suas histórias e personagens, trazendo-os de volta à cena, também cumpre função social, pois garante a preservação de parte de uma memória artística genuinamente brasileira, e constitui mais que justa homenagem àqueles que merecem ser aplaudidos de pé.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Camila Baker, Lives in Concert

Camila Baker, Lives in Concert

Inicia-se a peça com o palco em B.O. Alguns instantes até que Camila entra em cena iluminada por um canhão. Ela canta os últimos versos de *I love flowers em cats*.

CAMILA – ... *I can't dance and sing alone. (Aplausos. Camila agradece e se dirige até seu camarim. Ela pega um cigarro e começa a procurar seu isqueiro na bancada do camarim. De repente, alguém, que não percebemos inicialmente, pois se encontra na penumbra no canto do palco, estende o braço segurando um isqueiro com o qual acende o cigarro de Camila)*

13

CAMILA – Obrigado! (*Percebendo agora tratar-se de um estranho*) Mas quem é o senhor?

PARKER – Parker.

CAMILA – Baker, Camila Baker!

PARKER – Detetive Parker, décimo sétimo distrito!

O detetive sai de cena e ocorre a passagem para a cena seguinte onde Camila pega uma carona no carro de sua melhor amiga, Virgínia.

Camila e sua melhor amiga

CAMILA – Virgínia, você é a minha melhor amiga?

VIRGÍNIA – Bem... é... eu acho que sim.

CAMILA – Como você **acha** que sim? Você é ou não é minha melhor amiga?

VIRGÍNIA – Bem... é que eu sempre pensei que Melody fosse sua melhor amiga.

CAMILA – Melody era uma fingida. Ela se dizia minha melhor amiga, mas no fundo... Ela tirou Joseph de mim. Ele me amava, queria se casar comigo e ela o seduziu, aquela víbora!

VIRGÍNIA – Mas você sempre disse que detestava Joseph, que não queria se casar com ele!

14

CAMILA – Não importa, isso não justifica o que ela fez! Eu o detestava sim, é verdade, ele tinha aquele mau hálito terrível... mas ela o tirou de mim! Não podia ter feito isso comigo! Mas agora me responda, você é ou não é minha melhor amiga? Eu preciso saber!

VIRGÍNIA – Bem, sendo assim... Mas por que você quer saber se eu sou ou não sou a sua melhor amiga?

CAMILA – Céus, Virgínia! Mas por que tantas perguntas? Não pode simplesmente me responder com um sim ou um não?

VIRGÍNIA – Só estou tentando analisar a questão através de um prisma mais amplo, a fim de obter uma resposta lúcida e satisfatória sobre um assunto tão complexo como esse que diz respeito à amizade!

CAMILA – Inferno!

VIRGÍNIA – Não quero que fique zangada comigo, Camila.

CAMILA – Virgínia, eu tenho uma coisa aqui guardada no meu peito e que eu preciso dividir com alguém. E que pessoa melhor pra isso que a minha melhor amiga. É por isso, Virgínia, que eu preciso saber se você é ou não é a minha melhor amiga!

15

VIRGÍNIA – Bem, Camila, você devia saber que a amizade não se mede com palavras. A amizade nós vemos se alguém a tem ou não por nós através de seus atos.

CAMILA – Sim, e daí?

VIRGÍNIA – E daí, bem ... você quer saber se eu sou sua amiga...

CAMILA – Quero saber se é minha MELHOR amiga. A Carol, por exemplo, é minha amiga, mas não é minha melhor amiga porque ela já é a

melhor amiga de Sandy. E não acho que alguém possa ser a melhor amiga de duas pessoas ao mesmo tempo.

VIRGÍNIA – Esta bem, você quer saber se sou sua melhor amiga. Pois, então, eu já agi de algum modo que a magoasse, fiz algo que a desapontasse e não demonstrasse minha amizade por você?

CAMILA – Bem... teve aquela vez em que você cortou os cabelos da minha boneca favorita...

VIRGÍNIA – Ah, por favor, Camila, nós éramos apenas crianças!

16

CAMILA – Bem... você disse para o Harold que eu já tinha saído com todos os rapazes da rua quando sabia que eu estava apaixonada por ele.

VIRGÍNIA – Mas era verdade!

CAMILA – Não era verdade! Eu não tinha saído com todos os rapazes da rua, não tinha saído com o Harold ainda!

VIRGÍNIA – Bem, eu ainda não acho que isso prove que eu não seja sua melhor amiga!

CAMILA – No teste final de química você me passou a cola das respostas todas erradas. Eu

fiquei de recuperação e não pude viajar para o vale para me encontrar com Clayton!

VIRGÍNIA – Não foi de propósito, eu devo ter copiado por engano!

CAMILA – É, mas, então, por que justo naquele verão você começou a namorar o Clayton?

VIRGÍNIA – Ora, eu não tenho culpa se ele se apaixonou por mim!

CAMILA – Ele não se apaixonou por você. Só estava se divertindo!

VIRGÍNIA – E como pode ter certeza disso?

17

CAMILA – Pelas cartas de amor que ele me mandava todos os dias!

VIRGÍNIA – Mas você nunca me contou nada sobre isso!

CAMILA – Você nunca me perguntou!

VIRGÍNIA – Camila, nunca pensei que pudesse me esconder algo assim. Sempre achei que fosse minha melhor amiga!

CAMILA – Mas agora mesmo você não sabia me responder se era ou não era minha melhor amiga!

VIRGÍNIA – Não é que eu não soubesse responder, apenas achava que você deveria saber se eu sou ou não sou sua melhor amiga. Eu acho que já dei provas suficientes de minha amizade!

CAMILA – É? Por exemplo...

VIRGÍNIA – Por exemplo... bem, eu não me lembro de nenhuma agora, mas, certamente, eu sou a sua melhor amiga e fico muito triste em saber que você tem dúvidas a esse respeito! *(Começa a chorar e larga a direção do carro)*

18 CAMILA *(Desesperada, tenta controlar o carro desgobernado)* – Ah, por favor, Virgínia, não fique assim! Eu não quis te magoar! Não duvido de você, sei que é minha melhor amiga!

VIRGÍNIA *(Mais calma, torna a pegar na direção, tranquilizando Camila)* – Oh, que bom, Camila! Você sabe que eu gosto muito de você, que nunca faria algo que te machucasse!

CAMILA – Eu sei. Mas por que você dizia para todos os rapazes que eu tinha sífilis?

VIRGÍNIA *(Volta a chorar, largando o volante do automóvel)* – Ora, por favor, Camila, que falta de sensibilidade!

CAMILA (*Segura o volante, desesperada*) – Me perdoe, Virgínia! E agora que sei que é minha melhor amiga acho que posso lhe contar meu segredo!

VIRGÍNIA (*Curiosa, pára de chorar e torna a pegar a direção*) – Segredo?

CAMILA – É. Sabe, Virgínia, eu vou fugir de casa! Meus pais não sabem, mas eu vou para a Broadway. Vou tentar a vida como atriz e, um dia, quando eu tiver partido para o Olimpo, sei que vão montar uma peça contando trechos da minha vida e relembrando os meus maiores sucessos, *Camila Baker, Vida e Obra!* (*Vendo que Virgínia a olha incrédula*) Bom, talvez esteja exagerando um pouco...

19

VIRGÍNIA – É, um pouquinho, talvez...

CAMILA – Mas, você acha que eu tenho talento?

VIRGÍNIA – Se você tem talento? Bem...

CAMILA – Sim ou não?

VIRGÍNIA – Camila, você sabe que eu sou sua melhor amiga e que estarei sempre torcendo por você! E pode contar comigo sempre que você precisar, menos às terças, que eu tenho ginástica!

Entram os primeiros acordes da musica *Camila Superstar*. Camila e mais duas atrizes vestem trajes de um musical da Broadway. Elas dançam e cantam...

Vou estrelar
Um grande musical
Nada vai me deter
Será meu o papel principal.
Serão milhões de artistas
E eu serei a tal
Pode vir quem quiser
Ninguém me tira o papel principal.
Muitas peças na Broadway
Shows no Hollywood Ball
Serão noites de gala
Ninguém me tira o papel principal
Me cobrirão de glórias
Manchetes no jornal
Platéias se rasgando
Serei uma estrela de fama internacional.
Eu dou pro empresário
Pro diretor-geral
Eu dou pro contrarregra
Me dá logo o papel principal
Saboto a montagem
Eu mato minha rival
Eu compro os jornalistas
Eu incendeio o Carnegie Hall

Jantares com artistas
Coluna Social
Um *affair* com o presidente
Ninguém me tira o papel principal
Casacos de pele
E jóias no Natal
Verões na Riviera
Eu faço qualquer coisa pelo papel principal.
Com meu talento
Meu sucesso é fatal
Eu sou gostosa
Ninguém me tira o papel principal.
Me descabelo
Esperneio e passo mal
Eu sento o braço
Ninguém me tira o papel principal (*Repetir*)

21

Terminado o número musical tem início a tragédia grega, em dois minúsculos atos, o primeiro grande sucesso de Camila nos palcos.

Tragédia Grega

PRIMEIRO ATO – Apenas Hermafrodeus e Tripanossomas no palco.

HERMAFRODEUS – Tripanossomas, achas certo o que fizeste à tua esposa?

TRIPANOSSOMAS – Ex-esposa.

HERMA – A abandonaste para viver com outra e ainda por cima recusas-te a dar-lhe a pensão!

TRIPA – Hermafrodeus, não fiz isso por minha própria vontade. Os deuses me ordenaram.

HERMA – Te ordenaram a largar Perfídia?

TRIPA – Bem, não chegou a ser uma ordem, foi mais um conselho. Mas o que queres, que eu despreze um conselho dos deuses?

22

HERMA – Mas como foi isso?

TRIPA – Tive uma visão, Hermafrodeus.

HERMA – Uma visão?

TRIPA – Bem, não estou certo se era uma visão ou um sonho, talvez fossem as duas coisas juntas. Mas o fato é que, nessa noite, vi dez bezerros que pastavam no campo. Um velho pastor os guiava com um cajado. Era dia, e, no entanto, a lua brilhava...

HERMA – Espera aí, era dia e a lua brilhava?

TRIPA – E o que é que tem?

HERMA – Isso é impossível. Como pode ser dia e a lua estar brilhando?

TRIPA – Estás me chamando de mentiroso?

HERMA – Não, não é isso. Mas acho que deve ter se enganado.

TRIPA – Tudo bem, esqueças a lua, por favor. Agora, será que posso continuar com a minha visão?

HERMA – Mas era visão ou era sonho?

TRIPA – Tanto faz, tanto faz! E tem alguma diferença?

23

HERMA – Muita. Quando sonhamos liberamos fantasias e desejos reprimidos em nosso subconsciente. Enquanto, quando temos visões é porque, muito provavelmente, estamos ficando loucos!

TRIPA – Tudo bem, foi um sonho, então. Estás satisfeito, agora? Vou poder prosseguir?

HERMA – Tens a palavra.

TRIPA – Pois bem... nem me lembro bem onde estava.

HERMA – O velho pastor...

TRIPA – Isso mesmo! O velho pastor guiava as dez ovelhas...

HERMA – Não eram bezerros?

TRIPA – Bezerros?

HERMA – É, falou antes bezerros, agora disseste ovelhas.

TRIPA – Eu disse ovelhas?

HERMA – Disse.

24 TRIPA – Pois tudo bem, eram bezerros. O pastor guiava os dez bezerros...

HERMA – E o que acontece?

TRIPA – Você vai me deixar contar o sonho?

HERMA – Perdoa-me, Tripanossomas. Não foi minha intenção interromper-te.

TRIPA – Mas já interrompeu.

HERMA – Prossiga, por favor.

TRIPA (*Tosse*) – Bem... o velho pastor guiava os seus dez bezerros no campo verdejante. Porém, os céus anunciavam a tormenta que estava por

vir! Densas nuvens negras cobrem o sol e tudo fica envolto em trevas. O pastor não sabe o que fazer, esquecera o seu guarda-chuva em casa e suas galochas haviam sido roubadas na semana anterior por um troiano. Grandes raios caem do firmamento, que já não parece tão firme assim. Os bezerros não entendem nada. Era a primeira vez que pastavam e, portanto, não sabiam como se portar naquela situação. É, então, no meio de todo aquele tumulto, que um raio acerta um dos bezerros. Um outro bezerro, irmão do que havia sido atingido, tenta socorrê-lo, mas, é pego por outro raio. Então, outro bezerro, primo do primeiro bezerro e concunhado do segundo bezerro, também tenta ajudar e mais um raio o atinge. É aí que mais um bezerro, primo em segundo grau desses três últimos, desesperado, corre para ajudá-los...

HERMA – Quando um outro raio o atinge.

TRIPA – Não, ele cai num buraco e quebra o pescoço. Bem, o fato é que todos os bezerros morrem.

HERMA – E o pastor?

TRIPA – Depois da tempestade nunca mais é visto.

HERMA (*Pensativo*) – Hum...

TRIPA – O que é?

HERMA – Esse seu sonho.

TRIPA – O que tem ele?

HERMA – Essa história dos bezerros morrerem atingidos por raios...é muito pouco provável. Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, devias saber disso.

TRIPA – Espera aí, esse sonho é meu, o raio cai no mesmo lugar quantas vezes eu quiser.

26 HERMA – Tudo bem, eu não pretendia ofender-te. Mas, afinal de contas, o que tem esse sonho a ver com o fato de teres largado Perfídia?

TRIPA – Não percebes?

HERMA – Perceber o quê?

TRIPA – Ora, me espanta a tua falta de perspicácia, Hermafrodeus! É pura aritmética, como diria Pitágoras. Veja, dez bezerros que morrem quando pastavam no meio de uma tempestade só pode significar que, em dez dias, minha ex-mulher Perfídia vai morrer afogada no Mediterrâneo. Como dizia Tales de Mileto, *Tudo é água*.

HERMA – Ele disse isso? Que idiota.

TRIPA – Não entendes nada de filosofia grega, Hermafrodeus.

HERMA – Escuta aqui, Tripanossomas, tens certeza que esse sonho tem mesmo tal significado?

TRIPA – E que outro significado poderia ter?

HERMA – Que não se deve levar os bezerros para pastar em dia de tempestade, por exemplo.

TRIPA – Ora, isso seria ridículo!

HERMA – E como podes ter certeza que é Perfídia quem vai morrer? Não poderias ser tu?

27

TRIPA – É claro que é Perfídia quem vai morrer. Daqui a dez dias serei um homem livre!

(Saem os dois para entrada de Perfídia e o começo do segundo ato)

Segundo Ato – Perfídia Está Só No Palco.

PERFÍDIA – Oh, existência cruel! O que tem os deuses contra mim que tornam tão amargo esse meu trilhar pela árida estrada da vida? Oh, Tripanossomas, por que me abandonaste, me deixaste sozinha nessa Pólis fria e desumana, eu, uma pobre mulher indefesa e desprotegida?

Homens que não sabem ouvir nem falar! Nascidos querem viver e deter suas partes, ou antes repousar, e atrás de si deixam filhos a se tornarem partes! Morte é tudo o que vemos despertos, e tudo que vemos dormindo é sono! Mais vale um pássaro na mão do que dois voando sobre a Acrópole! Mas o meu dia não tarda, eu vou me vingar, Tripanossomas! Vais se arrepender de teres me trocado por aquela loira oxigenada da Jocasta! Uma mulher que transa com o próprio filho! Tu és mesmo um perverso por te juntares a tal criatura! Pois diverso é o prazer do cavalo, do cão, do homem, tal como Heráclito diz que asnos prefeririam palha a ouro! Heráclito também dizia que o ético no homem é o demônio e o demônio é o ético! Bem, Heráclito era um idiota... Oh, Tripanossomas, sentirás o gosto de minha vingança, verás com quantos paus se faz um cavalo de Tróia! Como fui tola de te amar esses anos todos! Bem, pelo menos, não tão burra quanto Penélope, que se casou com Ulisses. O desgraçado disse que ia até a esquina comprar cigarros e nunca mais deu as caras! (Entra Tripanossomas. Perfídia se espanta) Tripanossomas, o que fazes aqui? Oh, não precisas responder, posso adivinhar. Te arrependeste de teres me trocado pela loira oxigenada da Jocasta e, agora, queres se reconciliar comigo!

TRIPA – Não é nada disso, Perfídia. É que esqueci os meus tacos de golfe.

PERFÍDIA – Como? Tens coragem de voltar a esta casa apenas para pegar os seus tacos de golfe?

TRIPA – Bem, já que tocastes no assunto, estava pensando em levar o despertador digital também.

PERFÍDIA – Tu és mesmo um vil, um canalha, Tripanossomas. Mamãe é quem tinha razão, não devia ter dado ouvidos a um sofista como tu.

TRIPA – Pois fiques sabendo que a sofística é uma arte. Vais ver gostas desse sujeito que vem corrompendo a nossa juventude, como é mesmo o nome dele? Sócrates, sei lá... Sabes o que ele diz? *Só sei que nada sei*. O sujeito é um ignorante! Agora, se me permites, vou pegar os tacos e dar o fora!

PERFÍDIA – Por que me abandonaste, oh, Tripanossomas?

TRIPA – É que me irritas profundamente, Perfídia, é isso!

PERFÍDIA – Eu cansei, Tripanossomas. Cansei de ser humilhada por ti, cansei de ser uma dessas mulheres de Atenas, que vivem pros seus maridos, orgulho e raça de ...

TRIPA – É melhor parar por aí! Agora, ande logo, me diga onde guardaste os meus tacos de golfe?

PERFÍDIA – Eu os joguei fora!

TRIPA – O quê? Jogou fora os meus tacos de golfe? Estás louca? Sabes quanto custam tacos de golfe como aqueles? Uma fortuna!

PERFÍDIA – A minha única loucura até hoje foi ter alimentado todos esses anos um amor platónico por ti.

TRIPA – Escuta aqui, ô Perfídia, vamos parar com esse canto gregoriano que eu já estou ficando de saco cheio!

30

PERFÍDIA – De saco cheio estou eu, e abaixe o tom de voz quando falar comigo! Não sou mais aquela mulher com quem te casaste anos atrás!

TRIPA – Não é mesmo. Estás mais gorda e cheia de rugas!

PERFÍDIA – É a última vez que me ofendes dessa maneira!

TRIPA – E de que maneira quer que eu te ofenda de agora em diante?

PERFÍDIA (*Puxando um facão*) – Vou me vingar de ti, Tripanossomas! Se não podes ser meu,

não serás de mais ninguém! Podes dar adeus à tua vida!

TRIPA (*Amedrontado*) – O que é isso, Perfídia? Saibas que a vingança não é um sentimento muito nobre. Vamos lá, largue essa faca! Meu médico disse pra eu evitar ser esfaqueado, não iria fazer bem pro meu colesterol!

PERFÍDIA – Não adianta chorar, Tripanossomas. Considera-te um homem morto!

TRIPA – Por favor, Perfídia, penses no que estás fazendo. Penses no nosso amor, nos nossos filhos!

PERFÍDIA – E, por acaso, tu pensaste neles?

TRIPA – Não, mas podes pensar neles por mim também.

PERFÍDIA – Começa a rezar, Tripanossomas. Vais morrer!

TRIPA – Espera aí, Perfídia. Já que vai me matar, acho que tenho direito a um último desejo.

PERFÍDIA – Tá legal, vou te quebrar este galho. E o que queres?

TRIPA – Um copo d'água.

PERFÍDIA – Um copo d'água? E pra que queres um copo d'água?

TRIPA – Para beber, é lógico! Estou morrendo de sede! Além do mais, beber água faz bem à saúde, devemos beber pelo menos cinco litros por dia!

PERFÍDIA – Cinco litros? E não é muito?

TRIPA – Depende, se você não beber enquanto estiver nadando não vai fazer mal nenhum!

PERFÍDIA – Bem, vou satisfazer o teu desejo. *(Pega o copo)* Eis a tua água.

32

TRIPA – Obrigado! *(Engole uma pílula com a água)*

PERFÍDIA – O que estás fazendo? Que comprimido é esse?

TRIPA – Te sacaneei, Perfídia. Agora já não podes mais me matar!

PERFÍDIA – Não? Por quê?

TRIPA – Acabei de engolir uma pílula de cianureto, vou morrer dentro de alguns segundos. A pílula deve estar começando a fazer efeito, estou sentindo um formigamento no meu pé esquerdo!

PERFÍDIA – Oh, por que fizeste isso comigo, Tripanossomas? Eu ainda te amo! Não queria te matar, apenas te dar um susto!

TRIPA – O quê? Não ia me matar? Argh! (*Começa a se curvar e gemer de dor*)

PERFÍDIA – Não, eu te amo, Tripanossomas!

TRIPA – Não ias me matar e só agora é que me diz? Mas que idiota!

PERFÍDIA (*Se inclina sobre Tripa, já caído no chão*) – Oh, Tripanossomas, não se vá!

TRIPA – Argh! Perfídia, estou morrendo! Me faça um último favor!

33

PERFÍDIA – Tudo o que quiser, querido!

TRIPA – Tire o cotovelo do meu peito!

PERFÍDIA – Oh, sim, é claro, querido!

TRIPA – Oh, Perfídia, vou morrer sem que tenha realizado meu maior sonho!

PERFÍDIA – Que sonho, querido?

TRIPA – Discursar na Ágora vestido de baiana! Sempre sonhei com isso, mas agora é tarde!

PERFÍDIA – Tens razão, já passa da hora do jantar!

TRIPA – Argh! (*Geme e morre*)

Perfídia chora a morte de Tripanossomas e vai até a frente do palco segurando a sua faca.

PERFÍDIA – É melhor um final com tragédia que uma tragédia sem final! (*Dizendo isso, Perfídia se mata com o punhal. Ao final do ato, a platéia aplaude calorosamente a grande atuação de Camila, que agradece emocionada.*)

Depoimento de Dorothy no Camarim.

34

DOROTHY – A senhora Baker lutou muito para chegar a ser uma grande estrela. No começo teve até que lavar pratos, vender passaportes, carteiras de identidade... Mas ela era uma artista completa: atriz, cantora, dançarina, ventríloqua, a maior de todas! (*Pausa*) Mas aí, houve aquele crime...

Nesse instante Camila chega ao camarim, após a consagradora tragédia, sendo recebida por sua fiel camareira...

A Fiel Camareira

DOROTHY – Oh, senhora, esteve divina! Todos a adoram!

CAMILA – Obrigado, Dorothy, estou muito feliz hoje! Não só pelo sucesso do espetáculo, mas... Sabe, eu estou apaixonada!

DOROTHY – Apaixonada, senhora?

CAMILA – Sim, Dorothy. Sinto uma coisa aqui, na barriga (*Passa a mão sobre a barriga*) É a paixão!

DOROTHY – Tem certeza que não foi aquela empada que comeu ontem, senhora?

CAMILA – Oh, Dorothy! Já estive apaixonada alguma vez?

DOROTHY – Houve uma vez em que pensei que estivesse... mas depois descobri que era caxumba.

35

CAMILA – Oh, Dorothy, estar apaixonada é uma das melhores coisas do mundo! A felicidade nos invade por dentro e faz com que nos sintamos mais leves; nossos olhos brilham! Toda a natureza se compraz! Os bichinhos correm nas florestas, as gaivotas voam no céu, o albatroz canta nas árvores...

DOROTHY – Me perdoe, senhora Baker, mas o albatroz não canta!

CAMILA – Não canta?

DOROTHY – Muito menos nas árvores, senhora!

CAMILA – Mas, e aquele albatroz na casa de Theodor?

DOROTHY – Aquilo não é um albatroz, é um canário!

CAMILA – Oh, eu não havia reparado...

DOROTHY – É, dá pra confundir, eles são muito parecidos...

36 CAMILA – Dorothy, a paixão é mesmo extraordinária! O único problema é que, apesar de estar apaixonada por Harry, é a Christopher que realmente amo!

DOROTHY – Christopher, o barítono?

CAMILA – Ele não é um barítono, é um tenor!

DOROTHY – Ama Christopher, o tenor com voz de barítono, mas está apaixonada por Harry, o dançarino...

CAMILA – Não, ele não é dançarino! Henry é dançarino. Harry é o comediante!

DOROTHY – Está apaixonada por um comediante, senhora? E é engraçado?

CAMILA – Até que não. Ele não costuma fazer muitas piadas enquanto transamos.

DOROTHY – Mas sobre Henry, o dançarino, sempre pensei que gostasse dele.

CAMILA – E gosto, porém o que sinto por Henry é um amor fraternal.

DOROTHY – Fraternal? Mas, senhora Baker, não costumava dormir com ele?

CAMILA – E o que tem de mais? Também dormia com meu irmão!

DOROTHY – Dormia com seu irmão?

37

CAMILA – Sim, por quê?

DOROTHY – Mas... é que... bem, não quis dizer exatamente dormir...

CAMILA – Quer saber se fazíamos amor?

DOROTHY – Bem... sim.

CAMILA – De vez em quando.

DOROTHY – Fazia amor com seu irmão?

CAMILA – De vez em quando.

DOROTHY – Seu próprio irmão?

CAMILA – Bem, fazia com o irmão de uma amiga também. Mas também fazia com Charles.

DOROTHY – Charles?

CAMILA – Meu irmão. Há algo de errado nisso?

DOROTHY – Bem... Não, quer dizer, não sei. É que não é muito comum. E o seu pai?

CAMILA – Ele nunca reclamou.

38 DOROTHY – Quer dizer que ele sabia de tudo e nunca disse nada? Nunca reclamou da senhora transar com o seu irmão?

CAMILA – Não, digo que papai nunca reclamou d'eu transar com ele. Papai me achava fantástica na cama!

DOROTHY – Quer dizer que transava com seu pai?

CAMILA – Todas as terças.

DOROTHY – E como podia?

CAMILA – Ele tinha folga nas terças.

DOROTHY – Então dormia com seu irmão, com seu pai... Senhora, por favor, me diga, também transava com a sua mãe?

CAMILA (*Irritada*) – Dorothy, o que você pensa que eu sou? Uma pervertida?

DOROTHY – Não, absolutamente! Não foi isso que eu quis dizer. Quis apenas saber se transava com sua mãe.

CAMILA – Só uma vez.

DOROTHY – Também transou com sua mãe?

CAMILA – Uma vez apenas! Eu não queria, mas ela me forçou. Disse que se eu não fizesse, não poderia comer a sobremesa.

39

DOROTHY – Nossa, deve ter sido terrível!

CAMILA – Bom, pelo menos comi aquele bolo de chocolate.

DOROTHY – E, senhora, esse foi o seu único relacionamento com outra mulher?

CAMILA – O mais importante, eu acho. (*Tom*) Oh, Dorothy, querida, o que devo fazer? Estou apaixonada por Harry, mas amo Christopher!

DOROTHY – Bom, senhora, eu não entendo muito bem disso. Como pode amar dois homens ao mesmo tempo?

CAMILA – Oh, Dorothy, eu não amo dois homens ao mesmo tempo! Eu amo apenas a Christopher! Por Harry o que eu sinto é paixão!

DOROTHY – E qual é a diferença?

CAMILA – Bem, a paixão é passageira, mas o amor é eterno!

DOROTHY – Bem... continuo não entendendo, senhora Baker.

40

CAMILA – Oh, Dorothy, sua burrinha. Venha, vou lhe explicar de outra maneira. Eu nunca me casaria com Harry, isso porque estou apaixonada por ele; mas com Christopher, que eu amo, poderia muito bem me casar, quer dizer, isso se já não estivesse casada com Edward...

DOROTHY – E por que a senhora não pede o divórcio para o senhor Edward e se casa com Christopher?

CAMILA – Pedir o divórcio? Bem, eu estava pensando em lhe pedir um casaco de peles. Não sei se ele concordaria em dar as duas coisas ao

mesmo tempo... Você conhece Edward, sabe o custo que foi para ele me dar aquele colar de brilhantes! *(Batem na porta)*

DOROTHY – Senhora, estão batendo na porta! *(Vai atender)*

CAMILA – O que pode ser?

DOROTHY *(Voltando com um buquê de flores)*
– São flores para a senhora! E tem um cartão!

CAMILA *(Segurando as flores)* – Leia para mim, Dorothy, por favor!

DOROTHY – Diz: *As rosas são vermelhas e as violetas são azuis. Oh, Camila, eu te amo e por isso lhe mando essas flores! Se não gostar de rosas pode trocar na loja. Basta levar a nota fiscal. Está assinado, Gregor.*

41

CAMILA – Gregor? Mas esse homem não me deixa em paz! Só porque saímos algumas noites, transamos umas vezes, acha que posso gostar dele!

DOROTHY – E por que sai com ele, então?

CAMILA – Bem, ele me deu um Mercedes, um anel de diamante, um mink legítimo...

DOROTHY – Sai com ele por dinheiro?

CAMILA – Não, ele nunca me deu dinheiro! Me deu um cheque, uma vez, mas dinheiro nunca! (Tom) Oh, Dorothy, não sei o que fazer em relação aos meus sentimentos, estou confusa! (Chora)

DOROTHY – Oh, senhora, não chore! Não deve se entristecer, é uma mulher tão sensível e tão linda! (Abraçando Camila para consolá-la)

CAMILA – Acha mesmo, Dorothy?

DOROTHY – É claro, senhora!

CAMILA – Dorothy, já fez amor com uma mulher? (Batem na porta novamente. Dorothy vai atender. Ouvimos a voz de Harry ainda fora do palco)

HARRY (Fora do palco) – Camila, razão da minha existência!

CAMILA (Harry entra mancando) – Harry! Mas o que foi isso?

HARRY (Entra trazendo um balão em uma das mãos, que entrega a Dorothy logo que entra, e na outra um buquê de flores que procura esconder de Camila às costas) – Nada, meu amor, é apenas você que é uma eterna pedra no meu sapato (Cai na gargalhada. Oferece o buquê de flores para Camila). Flores para uma flor!

CAMILA – Oh, Harry, querido! (*Camila vai cheirar as flores e leva um esguicho d'água no rosto. Harry cai na gargalhada*). Harry, como você é divertido!

HARRY – Eu tenho uma piada ótima pra vocês! Vocês sabem o que o sinal verde disse para o vermelho? (*Camila e Dorothy pensam um pouco*) Há um amarelo entre nós (*Cai na gargalhada*).

CAMILA – Ah, que divertido, Harry!

HARRY – É mesmo? Então me responda: Por que o português guarda o lápis atrás da orelha?

DOROTHY (*Se intrometendo*) – Porque ele gosta de fazer as contas de cabeça!

43

HARRY (*Avança sobre Dorothy e estoura o balão que lhe havia entregue no início da cena. Para Camila, irritado*) – Desde quando sua camareira é comediante?

CAMILA – Harry, preciso ir para o palco. Você veio aqui só pra me contar piadas?

HARRY (*Sério*) – Não, Camila. Também vim para dizer que eu te amo!

CAMILA (*Se derretendo*) – Oh, Harry! (*Se dão as mãos*)

HARRY – Ontem mesmo pensei que podíamos nos casar! Depois me lembrei que já era casada e pude respirar mais aliviado!

CAMILA – Que coisa mais sem graça, Harry!

HARRY – Acha mesmo? Então dê só uma olhada! *(Harry tira uma lagartixa, ou uma barata de borracha de dentro da calça)* Uma lagartixa! *(Joga a lagartixa sobre Camila que, assim como Dorothy, leva o maior susto)*

CAMILA *(Pegando a lagartixa e percebendo que se trata apenas de um bicho de borracha)* – De borracha! *(De saco cheio)* Ah, que divertido!

44

HARRY – E por falar em brincadeira, vocês sabiam que os cientistas descobriram a operação definitiva para um homem se tornar mulher? Sabe o que eles fazem? Eles tiram o cérebro do sujeito! *(Cai na gargalhada. Dorothy também começa a rir, mas pára quando vê que a sua senhora está séria)*

CAMILA *(Não entendendo muito bem a piada, ouve-se um sinal)* – Harry, já deram o sinal, eu preciso entrar.

HARRY – Mas cuidado para não entrar pelo cano! *(Cai na gargalhada).*

CAMILA (*Tentando se livrar do amante*) – Por favor, Harry!

HARRY – Está bem, Camila. Mas, antes, me dê um beijo! (*Os dois se beijam*)

CAMILA – Tchau, querido! (*Sai*)

HARRY – Tchau, amor! Eu não troco essa mulher por nada! (*Olha para Dorothy*) Dorothy, já fez amor com um comediante? (*Avança sobre que Dorothy que sai correndo*).

Camila entra no palco para a...

Peça de Época

45

CONDE – Oh, Madalaine, eu te amo!

MADALAINE – Por favor, Conde de Busckerville, contenha-se! Sabes como toda essa situação é difícil para mim! Sou apenas uma mulher e por isso não tenho controle sobre o meu destino. O que estou dizendo, mal tenho o controle de meu peso, que dirá de meu destino! Além de tudo, não podes esquecer de que sou uma mulher casada. E, por sinal, muito bem casada com o Duque de Grunewald. Ele é um homem bom, generoso e que me ama. E eu também o amo... talvez não tanto quanto ele me ame, ou quanto uma es-

posa deva amar seu marido, mas me divirto com nossas partidas de gamão. E mesmo se assim não o fosse, não poderia me furtar a esquecer tudo de bom que o Duque me proporcionou. Eu era apenas a pobre filha de um casal de camponeses do norte da Grã-Bretanha. E o Duque, em uma de suas tradicionais visitas para a cobrança dos impostos, se apaixonou por mim, além de cortar as cabeças de meu pai e minha mãe pela má safra do trigo. Sim, ele se apaixonou por mim... mesmo eu tendo apenas a idade de 13 anos e o Duque já ser um homem experiente, em torno dos 80. Com ele aprendi a ser mulher. Ele me ensinou como deveria me portar, me pintar, me vestir, me comprou vestidos tão bonitos quanto os dele... E agora, como podes querer que eu vire as costas a um homem que me foi tão extraordinário e aceite o seu amor? Será que não te satisfarias em sermos apenas bons amigos? Poderíamos nos encontrar duas, ou três, quem sabe, cinco ou seis vezes por semana junto ao velho estábulo próximo ao vale e nos divertir no meio de todo aquele feno, o que achas? O Duque não precisaria saber, ele é alérgico a feno.

CONDE – Não, amada Madalaine, quero que fujas comigo! Não suportaria a idéia de dividi-la com outro homem!

MADALAINE – Se é isso que te preocupa, devo dizer que, desde que completou 90 anos, o Duque

sequer levanta o polegar direito. Talvez, no máximo, tenhas que acertar contas com o cocheiro.

CONDE – Oh, Madalaine, fujas comigo, eu te peço! Poderíamos ir para a França, tenho um tio que é rei lá!

MADALAINE – Não me agrada muito a França. Além do mais, eu amo esta terra! ... No entanto, não haveria problema algum em ficarmos juntos se o Duque morresse. Eu, sendo viúva, poderia me casar novamente e não precisaria me mudar daquele castelo. Adoro o local, é tranqüilo, silencioso e não falta água nunca!

CONDE – Amo-te tanto que seria capaz de matar teu marido, o Duque, se isso significasse tê-la ao meu lado!

47

MADALAINE – Oh, por favor, não quis dizer que devesse matar meu marido!

CONDE (*Envergonhado de seu terrível pensamento*) – Não, é claro que não!

MADALAINE – Talvez pudesses contratar alguém para fazê-lo.

CONDE – Não seria uma boa idéia. Quanto menos pessoas soubessem, melhor. Caso contrário, poderíamos ser chantageados!

MADALAINE – Você poderia matá-lo depois!

CONDE (*Estranhando a ânsia da duquesa*) – Bem... aí teríamos duas mortes!

MADALAINE – E o que significa duas mortes perto do nosso amor?

CONDE – Então me amas?

MADALAINE – Não deverias dizer isso, mas... sim, eu o amo! Talvez não como tu me ames, nem como uma mulher deva amar seu amante, mas gosto quando passas sua mão entre minhas cochas.

48

CONDE – Oh, Madalaine, tu não sabes como isso me deixa feliz! Sou o homem mais feliz de todo o Reino Unido, e para festejar isso lhe prometo matar o Duque!

MADALAINE – Oh, Conde, isso me deixaria radiante! (*Tom*) Quer dizer, é uma pena que ele tenha que morrer...

CONDE – Confesso que isso também entristece o meu coração. Não me agrada matar um homem na idade do Duque, com 90 anos.

MADALAINE – Se esse é o problema, ele completa 91 na semana que vem!

CONDE – Não sei se me seria muito fácil matar um homem com idade para ser meu avô...

MADALAINE – Ora, ele tem idade para ser meu tataravô e eu mesma já tentei uma vez. Quis sufocá-lo com o meu travesseiro, mas não pude prosseguir... ele soltou um daqueles seus peidos terríveis!

CONDE – Já tentaste matar o Duque?

MADALAINE – Oh, Conde, não me interpretes mal! Meu desejo era apenas o de livrar um homem naquela idade de toda aquela dor!

CONDE – Então ele sofre?

MADALAINE – Sim, sente uma dor terrível no molar superior esquerdo!

CONDE – E não seria mais fácil arrancar-lhe o dente?

MADALAINE – Arrancar-lhe o dente? Não havia pensado nisso... é um ponto de vista interessante...

CONDE – Oh, Madalaine, meu amor, não quero que se preocupe com mais nada. Já não tarda o dia em que ficaremos juntos para sempre! Podes considerar o Duque um homem morto!

MADALAINE – Oh, Conde, farei de ti o homem mais feliz do mundo! (*Os dois se abraçam*)

Cai o pano

Virgínia fala sobre Camila

VIRGÍNIA – Não, eu não vou falar sobre Camila. Se houvesse algo de bom para dizer sobre ela, tudo bem. Mas, se não, devemos respeitar a memória dos que já se foram. O importante é a lembrança de grande atriz que ela nos deixou. Mesmo que para muitos o mais importante tenha sido o fato de ela ter-nos deixado! Sem Camila o teatro jamais será o mesmo... talvez melhore!

50

Camila acha em seu camarim, após o término do espetáculo, um bilhete de seu marido George se despedindo dela para sempre. Camila, então, corre até a estação de trem, sem mesmo se trocar, na tentativa de encontrar o marido antes de sua partida.

CAMILA (*Chegando na estação vê seu marido próximo à plataforma de chegada dos trens. George, no entanto, ainda não viu Camila*) – George, George!

GEORGE (*Vendo Camila*) – Eu vou embora, Camila.

CAMILA – Não faça isso, George! Eu achei o seu bilhete e vim correndo pra cá. Sequer troquei de

roupa, e tudo isso porque eu te amo. Não pode desprezar um amor assim!

GEORGE – Camila, você é uma mulher prepotente e dominadora, e, além disso, sua orelha direita é maior que a esquerda! Eu não suporto mais, estou cheio! Quero ter minha própria vida!

CAMILA – O que quer dizer com isso?

GEORGE – Em ter a minha própria vida?

CAMILA – Não, em relação à minha orelha direita ser maior que a esquerda. Eu nunca havia reparado nisso...

GEORGE – Nunca reparou que aquele seu brinco de pingentes lhe tocava o ombro do lado direito?

CAMILA – Pra mim era a posição de minha cabeça.

GEORGE – Aí é que você se engana, você acabava entortando a cabeça pro lado esquerdo pros brincos ficarem na mesma altura.

CAMILA – Então, todo aquele meu problema de torcicolo...

GEORGE – Era porque você andava com o pescoço torto.

CAMILA – E você nunca me disse isso antes!

GEORGE – Nunca lhe disse nada porque pensei que isso pudesse lhe ofender.

CAMILA – E eu sempre mudando de cabeleireiro porque achava que cortavam um lado maior que o outro!

GEORGE – Pois é, agora já sabe de tudo. E eu vou embora!

CAMILA – Não vá, George, por favor! Eu faço uma plástica, vou ficar com as duas orelhas do mesmo tamanho!

52 GEORGE – Não adianta, Camila. Agora, já que vai fazer uma plástica, aproveite e dê um jeito no seu pomo de adão?!

CAMILA – O que tem o meu pomo-de-adão?

GEORGE – Também nunca reparou nisso? Ele é enorme! Antes de te conhecer pensava que era um travesti!

CAMILA – Oh, que horror!

GEORGE – Não se scandalize. Isso não me incomodava mais do que aquele seu tique com o olho esquerdo.

CAMILA – Tique com o olho esquerdo?

GEORGE – É, assim (*Imita o tique*)! Você sempre faz quando fica muito irritada!

CAMILA – É mentira! (*Começa a fazer o tique*)
É mentira!

GEORGE – E o que diz de quando nós fazemos amor?

CAMILA – Tá querendo dizer que eu tenho tiques na cama?

GEORGE – Isso.

CAMILA – Não me consta que gemer seja tique nervoso

53

GEORGE – Você não geme, simplesmente!

CAMILA – É lógico, transar não é só ficar gemendo!

GEORGE – Você geme cantando! (*Imita*) Por que tem que cantar *As Times Goes By* quando transamos?

CAMILA – É uma música bonita, eu gosto! E isso não é tique nervoso! Agora, também, só falta dizer que eu ronco!

GEORGE – Você não ronca.

CAMILA – Ainda bem!

GEORGE – Talvez fosse melhor do que declamar Shakespeare enquanto dorme. Shakespeare nunca foi o seu forte, você sempre tropeça nos monólogos!

CAMILA – George, você é um insensível!

GEORGE – Não sou insensível, apenas não consigo dormir e escutar Hamlet ao mesmo tempo!

CAMILA – Não sei como pude viver todo esse tempo com você! Levei quase dez anos para descobrir que o meu marido não gosta de Shakespeare! E ainda se diz um escritor de teatro! Um escritor que não gosta de Shakespeare!

54

GEORGE – Não venha querer me ofender agora, Camila. Tenho total consciência de meu talento como escritor, não preciso de sua opinião!

CAMILA – Consciência de seu talento? Ora, não me venha com essa!

GEORGE – Sou talentoso, sim! Sensível e talentoso!

CAMILA – E o que tem de sensível naquela coisa que escreveu?

GEORGE – Alaska não é uma coisa, é uma peça! É muito sensível, uma história de amor!

CAMILA – Entre dois pingüins! Por que acha que alguém vai querer assistir ao romance de um casal de pingüins? Nunca vão encenar essa droga, e se encenarem, vai ser um fracasso certo!

GEORGE – O público é bastante medíocre, prefere essas porcarias que você faz!

CAMILA – Você está sendo muito injusto comigo, George. Eu, que todos esses anos fui tão compreensiva com você. Nunca disse uma palavra por você gostar de dormir vestindo minhas camisolas, e segurando aquele ursinho de pelúcia ridículo, o que é pior! O seu problema é que não sabe nada sobre a vida que não tenha lido nos livros. Sempre conseguiu as coisas com muita facilidade. Mas não eu. Eu tive de lutar já desde pequena. Sim, tive uma infância difícil. Com seis anos de idade meu pai me fez sair de casa. Eu era apenas uma criança indefesa e ele me mandou até a esquina comprar cigarros. Mas, mesmo assim, nunca deixei de amar meus pais! Eu gostava muito de mamãe, e quando era criança sempre tive vontade de que ela corresse comigo nos bosques. Eu queria muito que ela corresse comigo nos bosques, mas ela sempre me dizia que NÃO. Eu reclamava com papai, lhe pedia para que convencesse mamãe a correr comigo nos bosques e a única coisa que ele me respondia era: *(Imitando o pai, grita) Sua mãe é parálitica, como pode querer que ela corra*

com você nos bosques?! Toda essa incompreensão me deixou marcas profundas. Eu achava papai um homem sábio. Ele sempre tinha uma resposta pra tudo... a mesma resposta. Quando fiz nove anos, descobri que quem eu pensei toda a minha vida se tratar de minha mãe, na verdade não passava de meu tio John. Minha mãe havia morrido três anos antes d'eu nascer. Fiquei muito abalada, e pra piorar, tivemos omelete no jantar! Alguns anos mais tarde, antes de morrer, papai me revelou que eu e meu primo Billy éramos a mesma pessoa. Sem nenhum parente vivo, com exceção de alguns tios, os avós por parte de mãe, e uma foca amestrada chamada Salty, fui colocada num orfanato. Lá, todos abusavam de mim. O diretor abusava de mim; o vigia abusava de mim; os meninos abusavam de mim; minhas coleguinhas abusavam de mim; meu ursinho de pelúcia abusava de mim... Vivi naquele orfanato até os quinze anos, quando um casal de filipinos me adotou. Eles me tratavam como se eu fosse uma filha, não como se fosse a filha deles, mas como se fosse uma filha. É isso, George.

GEORGE – É uma história muito triste, Camila. Mas não pense que me comove com isso. Estou resolvido a ir embora, preciso provar ao mundo que eu posso vencer sozinho. Não suporto mais viver à sua sombra. Adeus, Camila!

(Sobem os primeiros acordes da música: *Camila's song*. Camila e George cantam e dançam)

Não pense que você vai me reencontrar
Não pense que você vai me rever
Nem imagine que eu vou me angustiar
Um homem é fácil de prever
Não pense que eu me preocupo demais
Não pense que eu não me contenho em mim
Saiba que vocês são todos iguais
O que era doce amarga no fim.
Se eu hoje não te quero mais
Amanhã vem cair aos meus pés
E eu vou encará-lo sorrindo
Divertindo-me com mais dez
Mas, afinal, quem você pensa
Que eu sou pra te aturar
Ora bolas, sou uma grande estrela
Tenho os meus fãs para cuidar.

ESTRIBILHO

Homens, Marlon Brando, Kennedy
Gene Kelly, John Wayne
Homens, Onassis, Henry Miller
When the lights go out, they are the same.
Eu penso que possa talvez conversar
Talvez até leve em consideração
Mas não precisa nem se entusiasmar
Trata-se apenas de uma boa ação
Marque uma hora no meu escritório

Faça uma carta pedindo perdão
Se ajoelhe, encomende o velório
Talvez eu lhe dê atenção
Você não quer me dar paz
Quebrei seu retrato com os meus pés
Mande até matar seu cachorro
Abri seu cofre, rasguei seus papéis
Mas, afinal, quem você pensa
Que é pra poder me largar
Nos vemos no tribunal, querido
Meu advogado vai lhe procurar.
ESTRIBILHO

(Ao final da música, George fala sobre Camila)

- 58 **GEORGE** – Camila nunca conseguiu se recuperar de minha partida. Passou a se entregar ao vício e à luxúria. Bebia muito, além de escrever nomes obscenos nas portas dos banheiros. Nunca mais foi a mesma mulher, ela fez aquela plástica nas orelhas, o que mudou completamente o seu caráter. Agora era triste e perdida, chegando a procurar refúgio em certas seitas de ritos estranhos como, por exemplo, o culto à azeitona. Por isso não me espantei tanto quando soube daquele crime...

Peça intelectual...

Na sala, as pessoas conversam (Stela, Philip, Alan, Eva e Harold). Num dado momento, Stela se dirige até a frente do palco...

STELA (*Ao público*) – Meu nome é Stela. Estou casada com Philip há três anos, mas penso que a nossa relação já está no fim. Ele é um escritor, não muito talentoso, e me faz ler tudo o que escreve, o que me fez tentar o suicídio duas vezes. Philip não me satisfaz mais sexualmente e acho que me sinto atraída por seu melhor amigo, Alan. Às vezes penso em Freud... ele era mesmo judeu? (*A Philip*) Oh, Philip querido!

PHILIP (*Se aproximando, os dois se dão as mãos*) – Stela, meu amor! (*Ao público*) Stela é uma mulher muito frágil e sinto que não pode viver sem mim. Penso que a alimento intelectualmente, sem contar com o fato de ter lhe ensinado os verdadeiros prazeres da vida como, por exemplo, ler Baudelaire e comer rosquinhas. Apesar disso, estou apaixonado por Eva, sua irmã mais nova. Entretanto, não gostaria de machucar Stela. Talvez pudesse ficar com as duas...

ALAN (*Também se aproximando*) – Vocês formam um belo casal, sabiam? (*À Platéia*) Eu sou Alan. Leciono na Universidade de Yale. Sou formado em Filosofia, apesar de até hoje não saber como se escreve Nietzsche. Conheço Philip desde pequeno. Sabemos quase tudo um do outro. A única coisa que ele não imagina é que eu o amo.

EVA (*Saindo do fundo do palco*) – Stela, onde pôs o brandy? (*À platéia*) Sou Eva, irmã de Stela. Ultimamente ando aflita, somos tão infinitamente pequenos em comparação à grandiosidade do universo, e, além disso, há três meses que não menstruo. Acho que espero um filho de Philip... ou de Alan... ou, talvez, de Paul... Bem, isso não importa tanto quando pensamos que a existência humana é tão inócua, mesmo que eu não saiba soletrar isso.

HAROLD (*Também se aproximando*) – Meu nome é Harold. Não tenho a menor idéia do que estou fazendo aqui, não conheço ninguém. Só estava passando e achei que estivessem dando uma festa.

ALAN – Por que não vamos assistir àquele filme do Bergman?

STELA – Bergman é tão sensível! E profundo...

PHILIP – Se me permitem, gostaria de ler a minha mais recente poesia... (*Todos franzem a testa e torcem o nariz*)... se chama O CREPÚSCULO: *Cai a noite como um escuro véu a cobrir nossas medíocres existências / A vida se perpetua no copular mecânico dos frios corpos sub-humanos / Morte é tudo o que me resta / E meu sangue se esvai lentamente, gota a gota.*

HAROLD – Onde fica o banheiro?

ALAN (*Tentando ser gentil*) – Há algo de realmente misterioso nesse poema...

EVA (*Bancando a inteligente*) – É LINDO! Mas, o que você quis dizer exatamente com *gota a gota*?

STELA – Às vezes me pergunto, pra onde vamos depois que morremos? Existirá vida após a morte? Haverá mesmo um além? E se houver, como será que se vestem por lá?

HAROLD – Alguém aqui sabe onde fica o banheiro?

ALAN – Sartre escreveu certa vez: *O homem é, antes de mais nada, um projeto vivido subjetivamente, ao invés de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor.*

61

PHILIP – Tem certeza que Sartre escreveu isso?

STELA – Oh, não há sentido na vida! Tudo é um grande *nonsense*. O amor não existe! Deus não existe! Nós não existimos!

HAROLD – Isso quer dizer que vocês não têm um banheiro por aqui?

EVA – Acho que vou morrer antes da aurora! (*A Harold*) (*Tom*) Segunda porta à esquerda.

Nesse momento os atores parecem que vão prosseguir com o texto, mas, quem interpreta Alan, se dirigindo ao iluminador na cabine, pede para que acendam as luzes. Enquanto dois dos cinco atores se trocam para a cena do detetive Parker, os três restantes propõem ao público um debate para se discutir o andamento da peça até aquele momento. Os atores acham que a platéia não está entendendo a proposta da peça, etc. O texto deve ser improvisado pelos atores.

Após o debate, inicia-se a cena entre Camila e o detetive Parker...

62

Camila chega em seu camarim após mais um espetáculo. Ela pega um cigarro e procura seu isqueiro. Nesse instante, um homem misterioso aparece e aproxima um isqueiro aceso de seu cigarro. Camila acende o cigarro e só depois se dá conta da presença do estranho.

O detetive Parker

CAMILA – Oh! Mas quem é o senhor?

PARKER – Parker...

CAMILA – Baker, Camila Baker.

PARKER – Detetive Parker, do décimo sétimo distrito!

CAMILA – Como entrou aqui?

PARKER – Bem, a porta estava aberta. Achei que não haveria problema em esperá-la aqui dentro.

CAMILA – Pois o senhor errou! Como deve saber, sou uma mulher ocupada e, portanto, tenho muito o que fazer!

PARKER – Antes preciso lhe fazer algumas perguntas.

CAMILA – Não digo nada sem, antes, consultar o meu advogado!

PARKER – Mas não precisa se preocupar, são apenas perguntas informais.

63

CAMILA – Sei como é. Começam com perguntas informais e terminam com uma acusação de assassinato.

PARKER – Ora, mas o que é isso? Não tem nada a temer, isto é, se está com a sua consciência tranqüila. Prometo não lhe tomar muito tempo.

CAMILA – Já disse, não respondo nada sem, antes, consultar o meu advogado!

PARKER (*Cansado*) – Tudo bem, tudo bem! Pode telefonar pra ele, eu espero.

CAMILA – Bem, acontece que eu não tenho advogado, vou precisar contratar um primeiro. O senhor conhece algum famoso?

PARKER – Escute, senhora Baker, por que não colabora com a polícia? São apenas algumas perguntas sem importância!

CAMILA – Se são sem importância, por que quer fazê-las?

PARKER – Bem, não são tão sem importância assim! Escute, a senhora prefere respondê-las aqui, ou vai me obrigar a chamá-la até a delegacia?

64

CAMILA – Está me ameaçando?

PARKER – Não é uma ameaça. Estou apenas tentando lhe alertar, pode evitar muitos problemas. A delegacia não é um lugar muito agradável, como a senhora deve imaginar.

CAMILA – Bem, como sou uma mulher muito bondosa, me disponho a desperdiçar alguns minutos do meu precioso tempo para responder a essas suas perguntas.

PARKER – Muito obrigado!

CAMILA – Você é bem-vindo!

PARKER – Bom. Onde estive na noite do dia 27 de janeiro?

CAMILA – Mas isso foi ontem!

PARKER – Sim, isso mesmo. Acredito que não tenha dificuldades de recordar onde estive ontem.

CAMILA – E pra que quer saber?

PARKER – Ora... pra quê? Bem... é... ora essa, quem faz as perguntas aqui sou eu! Onde estive na noite do dia 27 de janeiro?

CAMILA – O senhor já me fez essa pergunta.

PARKER – E a senhora não me respondeu. Onde estive na noite do dia 27 de janeiro?

CAMILA – É a terceira vez que me faz essa pergunta!

PARKER – Quer, por diabos, simplesmente responder à pergunta!

CAMILA – Eu não me lembro!

PARKER – Não se lembra da pergunta? Mas eu já a fiz mais de dez vezes!

CAMILA – Não, o senhor a fez três vezes. Confesso que isso é completamente enfadonho, mas

não tanto quanto seria se a tivesse feito mais de dez vezes. Mas não é da pergunta que não me lembro. Não me lembro de onde estive na noite do dia 27 de janeiro!

PARKER – Mas isso foi ontem!

CAMILA – Eu sei, eu mesma lhe disse isso!

PARKER – E não se lembra de onde esteve ontem?

CAMILA – Bem, sou uma mulher muito ocupada. Sou uma artista, como o senhor deve saber, e muito famosa. Os críticos costumam dizer: *L'état c'est moi*.

66

PARKER – E o que quer dizer?

CAMILA – É uma boa pergunta. O senhor prefere que eu responda essa ou a outra sobre onde estava na noite do dia 27 de janeiro? Sabe, eu me confundo com tantas coisas ao mesmo tempo.

PARKER – Onde esteve na noite do dia 27 de janeiro?

CAMILA – Como estava lhe dizendo, sou uma mulher muito ocupada. Sou uma artista, como o senhor deve saber, e muito famosa. Os críticos costumam dizer: *L'état c'est moi*.

PARKER – Vai dizer tudo de novo?

CAMILA – Agora já disse.

PARKER – Por favor, continue!

CAMILA – Bem, como já lhe disse, sou uma mulher muito ocupada. Sou uma artista, como...

PARKER – Por favor, pule essa parte.

CAMILA – Como quiser. E que parte prefere?

PARKER – A parte em que me responde onde estive na noite do dia 27 de janeiro!

67

CAMILA – Não prefere que eu declame Shakespeare? As pessoas costumam gostar.

PARKER – Vai ou não vai me responder onde estive na noite do dia 27 de janeiro?

CAMILA – Bem, eu não posso. Não me lembro.

PARKER – Mas como não se lembra? Isso foi ontem!

CAMILA – Pra mim é como se já tivesse passado um mês, ou dois...

PARKER – Escute, vou tentar lhe facilitar as coisas. Seu ex-marido Robert foi encontrado morto essa

madrugada e a senhora é a principal suspeita, portanto, se não se lembrar de onde esteve na noite do dia 27 de janeiro, as coisas podem se complicar para o seu lado!

CAMILA – Robert morreu?

PARKER – Sim.

CAMILA – Mas isso é terrível!

PARKER – Sim, eu compreendo a sua dor.

CAMILA – Então, provavelmente vai haver um enterro! E eu vou ter de me vestir de preto. O que o senhor acha?

68

PARKER – É duro perder alguém tão íntimo.

CAMILA – Não é isso, quero saber se acha que eu fico bem de preto! Eu detesto preto.

PARKER – Bem, eu não sei. Mas, por favor, vai responder àquela minha pergunta?

CAMILA – Onde estive na noite do dia 27 de janeiro?

PARKER – É, essa mesma!

CAMILA – E como foi que ele morreu?

PARKER (*Sem paciência*) – Foi apunhalado cinco vezes nas costas. Aliás, com uma faca parecida com aquela ali! (*Aponta para uma faca ensanguentada sobre uma mesa*)

CAMILA (*Sem jeito*) – Oh! Mas que coincidência, não é mesmo?

PARKER (*Segurando a faca*) – Está suja de sangue!

CAMILA (*Tirando a faca do detetive*) – Mas o que é isso! Não é sangue, é tinta! É de uma nova peça que estou fazendo onde uma artista famosa mata um detetive com dez facadas nas costas.

PARKER – Parece uma boa história, e como termina?

69

CAMILA – Não posso contar, se não o senhor não vai assistir! (*Vai conduzindo o detetive até a porta*)

PARKER – Sim, é claro, eu compreendo. Bem, eu vou andando, então.

CAMILA – Mas já? É tão cedo! Não fica para o chá?

PARKER – Não, eu não posso, preciso ir! (*Tom*) Mas o que eu estou fazendo? A senhora não me respondeu ainda! Onde estive na noite do dia 27 de janeiro? É melhor responder, a senhora é a principal suspeita!

CAMILA – Sou a principal suspeita?

PARKER – Sim.

CAMILA – A principal suspeita de um assassinato?

PARKER – Sim.

CAMILA – Do assassinato do meu ex-marido?

PARKER – Sim.

CAMILA – Do meu ex-marido Robert?

PARKER – Meu Deus, isso vai demorar mais do que eu esperava!

70

CAMILA – Mas por que suspeitam de mim? Logo eu que sou tão frágil e indefesa! Eu não seria capaz de matar uma mosca! Bem, é verdade que matei uma, uma vez ... mas não foi minha culpa, ela me provocou!

PARKER – O fato é que a senhora é a principal suspeita. Há indícios disso.

CAMILA – Indícios, que indícios? O que poderia ter feito para que suspeitassem de mim? Foi tudo bem planejado! *(Percebendo a besteira que acaba de dizer, Camila leva à mão a boca)* – Oh!

PARKER – O que disse?

CAMILA (*Apanhando a lagartixa de borracha deixada em seu camarim por Harry, o comediante, e a jogando no chão perto do detetive*)
– Uma lagartixa!

PARKER – (*Toma um susto inicial, mas logo vê do que realmente se trata. Abaixa-se e pega a lagartixa*) (*Em tom de ironia*) De borracha! Ah, que divertido! Bom. Como ia dizendo, seu marido foi encontrado ainda com vida, e antes de morrer disse: – *Foi Camila*.

CAMILA (*Pausa*) – Ora, mas isso não quer dizer nada!

PARKER – Como não quer dizer nada?

71

CAMILA – Se ele tivesse dito: Foi Camila quem me matou; aí sim, isso diria alguma coisa, que ele era um grande mentiroso! Agora, como ele só disse: Foi Camila; bem, poderia estar querendo dizer: Foi Camila quem fez o filme *Poliana Moça*, quando, aliás, ganhei o meu primeiro Oscar. Ou, foi Camila quem gravou o sucesso *Nunca Mais Esquecerei de Você, Meu Bem*. Entende o que digo? É uma frase sem sentido definido. Além do mais, há muitas Camilas no mundo, é verdade que Camila Baker só existe uma, mas ele não falou Camila Baker, falou? Portanto, poderia ser Camila Simpson, Camila Willians, ou Camila Costa, poderia ser qualquer Camila!

PARKER – Acontece que junto do corpo encontramos essa pulseira que pertence à senhora.

CAMILA – Como pode saber que me pertencia? Muitas mulheres usam pulseiras iguais a essa!

PARKER – Acontece que essa tem o seu nome gravado nela: Camila Baker.

CAMILA – Robert, aquele ingrato... então, ele roubou a minha pulseira!

72 PARKER – Acho bom que se lembre logo onde estive na noite do dia 27 de janeiro. Ou, as coisas podem ficar realmente difíceis para a senhora. Além do mais, sabemos que vocês dois se separaram recentemente, depois de uma briga feia!

CAMILA – Oh, espere um momento, tudo está ficando mais claro agora! É isso, lógico! Na noite do dia 27 de janeiro estive com o meu empresário, Bob, na casa dele, me lembro como se fosse ontem!

PARKER – Mas foi ontem!

CAMILA – Foi o que eu disse.

PARKER – Bem, senhora Baker, isso é impossível. Já liguei para o seu empresário e ele me disse que não estive com a senhora ontem à noite.

CAMILA – Não esteve?

PARKER – Não.

CAMILA – Bem... é lógico, eu não estive com Bob na noite do dia 27 de janeiro. Foi uma pequena confusão, na verdade, estive com ele na tarde do dia 15 de dezembro.

PARKER – E onde esteve na noite do dia 27 de janeiro?

CAMILA – Onde estive na noite do dia 27 de janeiro? Bem, eu estive... é... estive na casa de meu segundo marido, George, é isso!

73

PARKER – Isso também não confere. Antes de vir pra cá telefonei pra ele e me disse que não a via há mais de um mês.

CAMILA – É mesmo? Meu Deus, como o tempo voa!

PARKER – Então, onde esteve na noite do dia 27 de janeiro?

CAMILA – Escuta aqui, o senhor telefonou pra todo mundo que eu conheço pra saber se estiveram comigo na noite do dia 27 de janeiro?

PARKER – Bem, só não consegui falar com a sua tia Harriet.

CAMILA – Pois foi exatamente com ela que eu estive na noite do dia 27 de janeiro!

PARKER – Tem certeza do que está falando?

CAMILA – É lógico. Como poderia me esquecer de onde estive na noite de ontem?

PARKER – Bem, eu não sei, senhora Baker, mas acho que há algo de estranho nessa sua história. (*Nesse instante, Camila apanha uma arma e a aponta para o detetive*) Mas o que é isso, senhora Baker?

CAMILA – É um revólver. Nunca viu um?

74

PARKER – Sei que é um revólver. Eu mesmo tenho um... (*Saca uma arma*) ... e está apontada para você!

CAMILA – Bem, eu acho que estamos num impasse.

PARKER – E o que vamos fazer?

CAMILA – Bom, papai sempre dizia que a melhor coisa pra se fazer quando se está num impasse é cantar!

Sobem os primeiros acordes da música: Minhas Coisas Preferidas.

Se você está triste e cabisbaixo
E quer se divertir
Lembre-se das coisas que te fazem feliz
E deixam o mundo mais feliz
Seu cachorro feliz
Seu vizinho feliz
Subir as escadas do Empire State
Descer correndo e subir novamente
Comprei um fusca e daí, se eu uso All Star.
Fettuccine com gorgonzola
Me deixa feliz
McNuggets com creme de milho
Rosquinhas de polvilho
Bala de anis
Me fazem feliz.
Bem feliz.

75

Se sua mulher fugiu com o cachorro
Se ao te verem todos saem pedindo socorro
Se seu filhinho não acredita que você seja seu pai

ESTRIBILHO

Cante, cante
Cantar faz você ficar feliz
Se você não está feliz
Cante e você ficará feliz.

(Na segunda vez em que se canta o estribilho
Parker canta alto e desafinado o que faz com
que Camila descarregue seu revólver no detetive,
que cai morto. Entra, então, Harry para dar o seu
depoimento sobre Camila.)

Depoimento de Harry

HARRY – Aqueles assassinatos não ajudaram muito a carreira de Camila. Bem, se ajudaram foi da mesma forma que o elefante ajudou a formiguinha a atravessar o rio (*Cai na gargalhada*). O que interessa é que, depois de tantas atribuições, Camila resolveu se ausentar e repousar por algum tempo. Dez anos recomendados pelo juiz da Suprema Corte (*Cai na gargalhada*). Mas até que aquela experiência foi educativa para Camila. Ela nunca foi muito boa em geometria e, agora, iria aprender a ver o sol nascer quadrado (*Cai na gargalhada*). Entretanto, o lugar de uma grande atriz é no palco, e Camila decidiu retornar em grande estilo. O mito não perdeu sua glória: Camila Baker lives!

76

Peça infantil

AURORA (*Entra só no palco, cantando*) – *Eu sou Aurora/ E gosto de brincar/ Sou uma menininha/ e também gosto de brincar.* Oh, como eu adoro passear na floresta. E minha mãe, que gosta muito de mim, sempre me manda passear na floresta quando o padeiro vai lá em casa. Eu fico muito feliz em saber que mamãe não fica sozinha quando papai viaja!

LOBO (*Entrando de surpresa*) – Ah! Ah! Uma menininha fresquinha para o meu jantar! Um pouco feia, é verdade... (*Canta*) *Eu sou o Lobo/ E gosto de brincar/ Sou comilão/ E também gosto de brincar.* Ah! Ah! Menina, é hora do jantar!

AURORA – Muito obrigada, seu Lobo, mas eu já jantei! Além do mais, mamãe sempre diz que não se deve comer com estranhos!

LOBO – E quem disse que você vai comer alguma coisa? Você é o jantar!

CAÇADOR (*entra empunhando um rifle*) – Afaste-se dessa menina, Lobo Malvado! (*CANTA*) *Sou o caçador/ E gosto de brincar/ Sou matador/ E também gosto de brincar.* Prepare-se para morrer, Lobo miserável!

77

FADA – Não, espere! Não mate o pobre bichinho: (*Canta*) *Eu sou a Fada/ e gosto de brincar/ Sou boazinha/ e também gosto de brincar* Não se deve matar os bichinhos da floresta. Devemos preservar a nossa fauna!

CAÇADOR – Pois esse animal não merece compaixão! Ele queria comer a pobre menina... feia, é verdade...

FADA – Oh, eu não acredito que esse animalzinho indefeso fosse fazer algo tão horrível assim

com essa menina tão horrorosa! (*Num gesto com sua varinha de condão*) Plim! Viram, ela já não é tão horrorosa assim!

BRUXA (*Entrando*) – Ei!, que confusão é essa? (*Canta*) *Eu sou a Bruxa! e gosto de brincar! Eu sou malvada! e também gosto de brincar*

FADA – Oh, dona Bruxa Baker, é que esse caçador impiedoso quer matar o pobre lobinho.

AURORA – Minha mãe sempre diz que não se deve matar alguém sem um bom motivo. Tio BILL, por exemplo, quis saber se o revólver funcionava.

78 BRUXA (*Para o público*) – E vocês, o que acham? Quem estiver com a Fada dê uma cambalhota. Quem estiver com o Caçador, plante uma banana (*Espera um momento e depois vira-se para os outros no palco*). Não adianta, esse público é muito em cima do muro!

Com toda essa discussão o Lobo aproveita para fugir e mistura-se à plateia.

CAÇADOR – Ei!, onde está o Lobo?

FADA – Estava aqui agora mesmo!

CAÇADOR – Vocês deixaram aquele miserável fugir!

AURORA – Então é melhor procurá-lo! Lobo! Lobinho!

FADA (*Para o público*) – Onde está o Lobo? (*Procurando*) Lobo! (*Para o público*) Vocês viram o Lobo?

(Todos procuram o Lobo um instante e ele aparece no meio da plateia)

AURORA (*Vendo o Lobo*) – Ei!, olhem lá o Lobo! É o Lobo! É o Lobo!

CAÇADOR – Lobo maldito! (*Atira no Lobo e o persegue no meio da plateia*)

79

CAÇADOR – Lobo covarde, pare de se esconder e morra como homem!

(O Lobo corre novamente e sai pelos fundos. O Caçador o persegue)

CAÇADOR – Peguem o Lobo! Pegue o Lobo!

BRUXA (*Que permaneceu no palco em companhia da Fada e da Aurora*) – Aposto cem no Lobo!

FADA – Por favor, não dê mau exemplo para as criancinhas! O jogo deforma o caráter!

BRUXA – Ora, vá se foder!

AURORA – Por favor, gente, vamos viver sem discórdia! O mundo é muito mais belo quando semeamos o amor! Vovó sempre dizia que o homem, assim como alguém de óculos não é necessariamente cego, desde que haja paz, porque quem planta vento colhe tempestade, ou seja, dois é pouco, três é demais!

BRUXA – Mas isso não tem nenhum sentido!

AURORA – Vai ver foi por isso que puseram vovó no hospício!

80

(Nesse momento entram correndo pelo palco o Lobo e o Caçador, que encurrala o bicho)

CAÇADOR – Agora você não me escapa, vai morrer!

LOBO – Por acaso não há aqui presente nenhum membro da sociedade protetora dos animais?

AURORA – Não maltrate o bichinho! Será que não existe mais amor no mundo?

Sobem os primeiros acordes da música infantil.

BRUXA – Ih, saco! Vão cantar agora!

Aurora começa a cantar a música infantil...

Estou preocupada
Com a destruição da natureza
Sem verde a vida é amarga
E o mundo sem beleza
Veja o Caçador
Quer matar o pobre Lobinho
Que nunca fez mal a ninguém
E é tão bonitinho.

ESTRIBILHO

Criança você não pode assistir sentada
Quando você crescer já não vai ter mais nada
Seus pais estão matando toda a bicharada
Então vamos pra rua, vamos dar porrada.
É uma violência o que tá acontecendo
O ar tá poluído, os rios se fodendo
E se não fizer nada tudo vai pro espaço
Então chega de papo, vou sair no braço!
Eu sou a Fada
Protetora da floresta
Sou boazinha
Mas a pirralhada me detesta
Eu sou o Lobo
E tô com uma fome de matar
Mas o veado do caçador
Estragou o meu jantar
Sou o caçador
E esse Lobo tá querendo briga
Se ele não calar a boca vai amanhecer
Com ela cheia de formiga

Eu sou a Bruxa
E digo que vai ter confusão
Se resolverem vir pro meu lado
Vou dando um chute nos colhão!
ESTRIBILHO

Os atores deixam o palco e saem cantando a música pela platéia até saírem pelos fundos. Camila fica só no palco. Um pequeno instante de silêncio. Camila começa a tirar a fantasia da bruxa. Inicia-se a música *I Love Flowers and Cats* cantada por Camila.

82

I killed my father
Because I hated him
I killed my mother
I hated her too
Then I'm so happy
Because they're dead
They won't bother me any more.

ESTRIBILHO

I love flowers, I love cats
But I killed my father and my mother.
Father hated flowers, mother hated cats
But I killed them I'm very happy.
My girlfriend Susan
Said she hated flowers
And hated cats
I had to killed her
Today I'm lonely

Susan is gone
I can't dance and sing alone.

Enquanto canta, a coreografia mostra a volta por cima da grande estrela que termina a música em trajes de gala e em grande estilo. Ela se despede da plateia. B.O.

FIM

Eu Era Tudo pra Ela... E Ela me Deixou

Eu Era Tudo pra Ela... E Ela me Deixou

De Emilio Boechat

Personagens: para montagem com três atores

Protagonista:

Samuel.

Personagens femininos (ordem de entrada em cena):

Dóris, mulher de Samuel.

Mãe, de Samuel.

Lola, recepcionista do hotel de quinta categoria.

Odete, a puta.

Velhinha, a florista.

87

Personagens masculinos (ordem de entrada em cena):

Jorge, o amigo de Samuel.

Carlinhos Borboleta, que Samuel conhece no hotel.

Bêbado, que Samuel encontra no bar.

Homem, que Samuel imagina na cama com Dóris

Marimbondo, que confunde Samuel com Borboleta.

Personagens (sugestão para montagem com cinco atores)

Protagonista:

Samuel.

Atriz 1

Dóris, mulher de Samuel. (Para que a atriz que interpreta Dóris, não interprete as outras personagens femininas, teríamos que fazer algumas pequenas adaptações em algumas cenas em que Samuel confunde a mulher com as outras personagens, já que esse artifício foi criado para viabilizar a montagem com apenas três atores. Na cena da Puta, em que, por um momento, a prostituta passa a interpretar Dóris, teríamos a entrada, nesse momento, da própria Dóris)

88

Atriz 2

Mãe, de Samuel.

Lola, recepcionista do hotel de quinta categoria.

Odete, a puta.

Velhinha, a florista.

Ator 2

Jorge, o amigo de Samuel.

Bêbado, que Samuel encontra no bar.

Ator 3

Carlinhos Borboleta, que Samuel conhece no hotel.

Homem, que Samuel imagina na cama com Dóris.

Marimbondão, que confunde Samuel com Borboleta.

CENA 1

SAMUEL – Mas por que você quer o divórcio? Não é feliz o suficiente comigo? Eu não a agrado mais sexualmente? (*Tom*) não precisa responder!

DÓRIS – Eu quero o divórcio.

SAMUEL – Por quê? Você não gostou do relógio que eu te dei de aniversário?

DÓRIS – Eu quero o divórcio!

SAMUEL – Será que não sabe dizer outra coisa? Dóris, você está-se repetindo!

89

DÓRIS – Samuel, eu quero o divórcio!

SAMUEL – Eu não disse? Falou de novo! Bem, vamos negociar. Você quer o divórcio, eu quero um carro novo... Onde isso nos leva?

DÓRIS – Samuel, eu quero o divórcio. Não posso mais viver com você!

SAMUEL – Mas por que não? Eu tenho alguma doença contagiosa, por acaso? Não vá me dizer que bronquite é contagiosa porque eu sei que não é!

DÓRIS – Não dá mais, Samuel, o nosso casamento acabou!

SAMUEL – Bem, e as nossas tardes divertidas jogando xadrez? Você já se esqueceu disso?

DÓRIS – A minha vida não tem mais sentido ao seu lado!

SAMUEL – Mas é obvio, a vida não tem sentido mesmo! Não vai ser me abandonando que você vai encontrar a paz para as suas inquietações metafísicas. Alguns passam a acreditar em Deus, outros cometem o suicídio, não que eu esteja sugerindo que você tenha que fazer o mesmo, veja bem!

90 DÓRIS – Samuel, não torne as coisas mais difíceis pra mim! Eu prefiro que seja uma separação amigável... (tom) mas a litigiosa pra mim já serve!

SAMUEL – Dóris, pense bem. O divórcio é algo muito sério. Uma família dividida... Você já pensou no que isso pode representar para os nossos filhos?

DÓRIS – Mas nós não temos filhos!

SAMUEL – Por sua culpa, eu sempre achei uma boa idéia!

DÓRIS – Você é estéril!

SAMUEL – Bem, nós podemos adotar alguns! Está decidido, vamos adotar uns três, Dóris, meu amor!

DÓRIS – Se afaste de mim!

SAMUEL – Dóris!

DÓRIS – E pode ir preparando as malas!

SAMUEL – Mas você já vai embora hoje?

DÓRIS – As suas malas!

SAMUEL – As minhas?!

DÓRIS – Você não dorme mais debaixo do mesmo teto que eu!

91

SAMUEL – Tudo bem, eu durmo no andar debaixo então.

DÓRIS – Não adianta fazer piadas, Samuel. Pode ir preparando a sua mudança!

SAMUEL – E posso saber por que sou que tenho de mudar? A idéia da separação foi sua!

DÓRIS – Não tem discussão. Você vai embora e pronto! Não fica nem mais um dia na minha casa!

SAMUEL – Na sua casa? O que quer dizer com *na sua casa*? Essa casa também é minha. Aliás,

mais minha do que sua. Eu a comprei com o meu dinheiro, fruto do meu trabalho, do suor do meu rosto!

DÓRIS – Que suor? Você trabalha num escritório com ar-condicionado!

SAMUEL – Tá legal! Imagine, então, quantos resfriados eu não peguei até conseguir pagar esta casa!

DÓRIS – Não venha com história, Samuel! Você tem uma saúde de ferro!

92 SAMUEL – E o que você me diz da minha bronquite? Das minhas palpitações, minha dificuldade em respirar, minhas tonturas, minha enxaqueca, meu bico de papagaio, minha úlcera gástrica...

DÓRIS – Você é hipocondríaco, Samuel. É diferente.

SAMUEL – Não brinque com minha saúde, Dóris! Aliás, não posso me esquecer de consultar meu médico amanhã. Tenho sentido umas dores estranhas no peito... Acho que tenho pouco tempo de vida...

DÓRIS – Seu problema não é com um médico, é com um psiquiatra. Você é louco, Samuel!

SAMUEL – E você é a equilibrada? Não sou eu quem gasto uma fortuna de analista, todos os meses, há dez anos!

DÓRIS – Exatamente o tempo em que estamos casados. Não fosse a análise, casada há tanto tempo com você, não me admiraria se estivesse louca!

SAMUEL – Aí é que você se engana, Dóris! Você já está louca! Não é sensato se separar. Eu sou tudo pra você! Você não pode viver sem mim! Vamos, Dóris, reconsidere. Volte atrás e estará perdoada!

DÓRIS – Perdoada?! E eu lá estou te pedindo perdão de alguma coisa? Me separar de você é a decisão mais sensata que tomo nos últimos dez anos!

93

SAMUEL (*Clima romântico*) – Dóris, por favor, pense bem em todos esses anos em que estivemos juntos! Nos nossos momentos de amor, de carinho. Pense no companheirismo de dez anos de convivência, no conhecimento íntimo um do outro. Em tudo o que construímos juntos! Por favor, Dóris, olhe pra mim, bem no fundo dos meus olhos. Você vai mesmo desprezar tudo isso? Quer mesmo se separar de mim?

DÓRIS – Quero!

SAMUEL – Dóris, se você for embora, eu juro que me mato!

DÓRIS – Não sou eu quem vou embora, Samuel. É você!

SAMUEL – Eu me mato do mesmo jeito!

DÓRIS – Tudo bem, mas não aqui, nesta casa. A faxineira limpou tudo ontem e eu não quero ver minha casa toda bagunçada, com sangue no meu carpete e um corpo estendido no meio do quarto!

94

SAMUEL – Que insensibilidade, Dóris! Você não tem pena de mim?

DÓRIS – Samuel, por favor, pare de se fazer de vítima! Estamos aqui, discutindo há horas e só consegue pensar no que a separação pode trazer de ruim pra você! Será que, nem por um segundo, pode pensar em mim?! Será que não pode parar e pensar na minha situação?

SAMUEL – Mas a sua situação é muito boa! Não é você quem vai ter que procurar uma casa nova! Vai ficar morando aqui, vai receber uma boa mesada, o suficiente pra não precisar trabalhar... Eu é que vou ter gastos com advogados, despesas de aluguel...

DÓRIS – Meu Deus! Será que você só consegue pensar nessas coisas? Como você é materialista, Samuel! Estou falando de sentimentos, de emoções... Como acha que estou me sentindo vendo que meu casamento não deu certo? Dez anos!... O que acha que pode ter me afetado tanto a ponto de eu querer o divórcio depois de tanto tempo juntos? Já pensou nisso? Você, em algum momento, se perguntou se eu era feliz?

SAMUEL – Se você não era feliz, por que é que nunca me disse? Poderíamos ter feito alguma coisa! Uma viagem a Disneylândia, talvez...

DÓRIS – Eu tentei te dizer várias vezes, Samuel. Mas você nunca pareceu se interessar, sempre preocupado com os seus problemas! Você nunca tinha tempo pra me ouvir...

95

SAMUEL – Isso não é verdade, Dóris! E os finais de semana em que eu não jogava pôquer com o pessoal do escritório? Os feriados e os dias santos? Eram todos pra você, meu amor! Se queria mais tempo pra eu te ouvir podíamos marcar algum dia no meio da semana, quarta-feira, talvez, na minha hora de almoço, o que acha?

DÓRIS – Samuel, será que você nunca vai mudar?

SAMUEL – Eu preferia que não, Dóris. Gosto desta casa...

DÓRIS – Pois você tem meia hora pra arrumar as suas coisas e dar no pé (vira as costas e sai)

SAMUEL – Dóris! Dóris!

DÓRIS (*Grita de fora do palco*) – 29 minutos!

SAMUEL – Mas pra onde é que eu vou? Dóris, você sabe que eu não gosto de dormir sozinho! Eu sempre acho que um pinguim vai sair debaixo da cama pra me sufocar com o travesseiro!

DÓRIS – Pode levar o pastor alemão que a sua mãezinha nos deu de presente!

96

SAMUEL – Ah, muito obrigado pela sua preocupação! Você sabe que aquele cachorro me detesta! (*Pausa. Pensa um pouco e tem uma ideia*) Mamãe, vou ligar pra mamãe! Ela não vai recusar o filho de volta ao lar! Vai até ficar contente! (*Pega o telefone e liga*)

CENA 2

MÃE (*Pode aparecer no palco ou não*) – Alô?

SAMUEL – Alô? Mãe? É o Samuel!

MÃE – Que Samuel?

SAMUEL – Samuel, o seu filho!

MÃE – Samuel? É o Samuel? Meu filho?

SAMUEL – É, mãe, sou eu! (*A mãe bate o telefone*) Alô? Alô? Eu acho que a ligação caiu. (Liga de novo. O telefone toca várias vezes antes que a mãe resolva atender).

Mãe (*Tentando disfarçar a voz*) – Isso é uma gravação. No momento não podemos completar a sua chamada. O número que você discou não confere! Talvez sua mãe tenha mudado de telefone.

SAMUEL – Pare com isso, mãe! É o Samuel de novo!

97

MÃE – Samuel, meu filho?

SAMUEL – É mãe, eu acho que a ligação caiu!

MÃE – Mas, por que está me ligando a essa hora?

SAMUEL – Mas são 3 horas da tarde!

MÃE – Pois é, por que está me ligando às 3 horas da tarde?

SAMUEL – Mãe. Eu e a Dóris brigamos! Ela agora quer o divórcio e me expulsou de casa!

MÃE – Mas por que isso?

SAMUEL – A senhora diz o divórcio ou a minha expulsão de casa?

MÃE – Não, por que está me ligando às 3 horas da tarde?

SAMUEL – Mãe, eu queria saber se posso morar com a senhora por uns tempos.

MÃE – Como está a Dóris?

SAMUEL – A Dóris? Bem... Não sei... Acho que está bem... Mas, mãe, eu posso ir pr'aí?

MÃE – E os seus filhos, como vão?

98

SAMUEL – Mãe, nós não temos filhos!

MÃE – Bem, eu sempre achei que vocês deveriam ter pelo menos uma dúzia. Um casamento sem filhos acaba dando em divórcio!

SAMUEL – Bem, mãe, então eu vou levando as coisas aí pra sua casa!

MÃE – Isso vai ser impossível, Samuel!

SAMUEL – Mas, por que impossível?

MÃE – É que amanhã eu parto numa excursão para o Pantanal.

SAMUEL – Pro Pantanal? A senhora resolveu contemplar a natureza?

MÃE – É uma excursão clandestina! Vamos caçar jacarés!

SAMUEL – Mãe, a senhora devia parar com esses seus negócios escusos! Isso vai acabar dando em cadeia!

MÃE – É mais fácil você parar na cadeia por causa dessa sua mania de jogar bolinhas de gude nas vidraças dos vizinhos!

SAMUEL – Mas, mãe, eu nunca joguei bolinhas de gude nas vidraças dos vizinhos! Nem quando eu era criança!

99

MÃE – É verdade, você nunca foi uma criança normal! Todos os garotos jogavam bolinhas de gude nas vidraças, menos você! Fazia questão de me envergonhar na frente dos vizinhos!

SAMUEL – Mas por que eu não posso ficar aí? A senhora não viaja amanhã? Eu vou pr'aí hoje e fico tomando conta da casa enquanto a senhora está ausente!

MÃE – Mas eu já contratei um vigia e paguei metade adiantado!

SAMUEL – Tudo bem, mãe, mas duas pessoas tomando conta da casa vai ser melhor que uma só!

MÃE – Eu não tenho dinheiro pra pagar dois vigias!

SAMUEL – Mas, mãe...

MÃE – Samuel, meu filho, eu vou ter de desligar!

SAMUEL – Mas por quê?

MÃE – É que eu esqueci a televisão ligada!

SAMUEL – Mas o que tem de mais...

100 MÃE – Tchau, Samuel! Ligue mais vezes! Mas não deixe de ligar! (*Desliga*)

SAMUEL – ... Deixar a televisão ligada? (*Põe o fone no gancho. Samuel anda pelo quarto pensativo*) Oh, meu Deus! O que está acontecendo com a minha vida? Como dez anos de casamento podem acabar assim, de uma hora para a outra? Eu sempre pensei que a Dóris fosse feliz comigo! Eu sempre procurei diverti-la... Costumava vestir aquela roupa de palhaço e até fiz um curso de mágica por correspondência! Me lembro que gostava de levá-la ao cinema pra ver os filmes do Glauber, do Godard, do Bergman... Talvez devesse ter visto *Cenas de um Casamento* mais vezes!...

Por que será que o amor acaba? Ou será que, na verdade, não chegamos a amar ninguém? Apenas pensamos que amamos! Bem, eu amava a Dóris, e sempre achei que ela também me amasse. Sentia até ciúmes de mim! Ou, então, por que reclamaria tanto de eu tomar banho agarrado com o meu patinho de borracha? *(Pausa)* Agora eu estou aqui, me preparando para ir embora da casa em que morei durante dez anos! E que eu mesmo comprei, paguei com o meu próprio dinheiro! Por que é que eu tenho de me mudar? Não sou eu quem quero a separação!

DÓRIS *(Grita das coxias)* – 15 minutos!

101

SAMUEL – Foi pra isso que eu fiquei dez anos casado? Será que não vai me restar nada desse casamento?!

DÓRIS *(Joga o patinho de borracha em Samuel e fala)* – E a pensão! Depois temos de discutir quanto vai me dar de pensão!

CENA 3

Samuel, depois de sair de sua casa, vai até o apartamento de um amigo. Ele toca a campainha e o amigo vem atender.

JORGE (*Abrindo a porta, com espanto ao ver Samuel com as malas*) – Samuel?!

SAMUEL (*Entrando com as malas*) – Jorge, que bom que eu te encontrei!

JORGE (*Ainda olhando as malas*) – Mas o que é isso?

SAMUEL – Dóris me expulsou de casa! Acredito que não vai se incomodar se eu ficar aqui por uns tempos. Só até arrumar um lugar definitivo!

JORGE – Me desculpe, Samuel, mas não vai poder ficar aqui!

102

SAMUEL (*Começa a fuçar o apartamento. Abre as janelas e cortinas, verifica a quantidade de poeira passando o dedo nos moveis, etc.*) – Por que não? Eu não vou dar trabalho! Prometo não incomodar! Eu me ajeito em qualquer canto, basta que seja bem ventilado, não tenha umidade nem muita poeira, por causa da minha asma. Além do mais, sou um homem quase sem manias! Gosto de dormir com a luz acesa e a TV ligada, mas é só. E não acho que vai se importar d'eu tomar banho com o meu patinho de borracha. Também não gosto que fumem dentro de casa. (*Apanha um cinzeiro e joga as cinzas fora pela janela*) Eu sei que você ainda não conseguiu abandonar o

cigarro, embora eu já tenha lido isso mais de cem vezes o mal que ele faz, mas pode fumar sempre que quiser dentro do banheiro. *(Aqui pode dar uma olhada no banheiro. E segue andando pelo apartamento, mudando as coisas de lugar, etc.)* Contanto, é claro, que não seja na hora do meu banho, que é das 7 às 9 da manhã, e das 8 às 10 da noite. Fora isso pode fumar no banheiro a hora que quiser. Quanto às minhas aulas de tuba, não se preocupe. Fora os finais de semana, quando dedico todo meu dia ao instrumento, só estudo duas horas por dia. E hoje nem vou estudar porque não pude trazer a tuba ainda! *(Esparrama-se, finalmente no sofá, como se já estivesse instalado. Olhando em redor)* Acho que com uma boa faxina, uma decoração diferente, outros móveis e uma pintura nova posso gostar de ficar aqui...

103

JORGE – Eu sei que você não incomoda ninguém, Samuel. Mas mesmo assim não vai dar!

SAMUEL – Mas por quê? Prometo não ficar muito tempo! Talvez, no máximo, um ou dois...

JORGE – Um ou dois dias?

SAMUEL – Um ou dois anos. Mas é claro que Dóris pode desistir dessa idéia absurda do divórcio e, assim, eu voltar pra casa mais cedo!

JORGE – Eu sei que um ou dois anos pode parecer pouco tempo, Samuel, mas não vai poder ficar aqui!

SAMUEL – O que está querendo dizer com não vou poder ficar aqui?

JORGE – Estou querendo dizer que não vai poder ficar aqui!

SAMUEL – Não acredito que está querendo dizer que eu não vou poder ficar aqui!

JORGE – É exatamente o que estou dizendo!

104 SAMUEL – Não posso acreditar que o meu melhor amigo está-se recusando a me dar abrigo! Que prefere que eu passe a noite na rua, ao relento, podendo ser assaltado e morto! Como vai conseguir dormir sabendo que seu melhor amigo morreu porque se recusou a lhe prestar ajuda e a deixar que dormisse em sua casa? Vai conseguir ficar em paz com a sua consciência?

JORGE – Não dramatize, Samuel! Por que não fica na casa de sua mãe?

SAMUEL – Ela viaja amanhã!

JORGE – E não pode ficar lá enquanto ela está fora?

SAMUEL – É verdade mesmo o que está acontecendo? Eu não estou sonhando? Não é um pesadelo? Você não vai mesmo me deixar ficar aqui?

JORGE – Há milhares de hotéis na cidade!

SAMUEL – Sabe quanto custa a diária de um hotel?

JORGE – Não precisa ficar num hotel de cinco estrelas!

SAMUEL – Quer que eu vá pra uma espelunca qualquer, não é? Você não se importa! Não quer mesmo que eu fique aqui!

JORGE – Eu não disse isso!

105

SAMUEL – Então se importa? Eu posso ficar aqui?

JORGE – Não! Não disse pra ir pra uma espelunca qualquer!

SAMUEL – Nas horas difíceis é que vemos quem são nossos amigos de verdade!

JORGE – Você por acaso se esqueceu de quando eu precisei que me emprestasse 20 mil? Eu estava com a corda no pescoço e você só faltou puxar!

SAMUEL – Mas era diferente!

JORGE – Por que diferente? Eu precisei de sua ajuda e você negou!

SAMUEL – Não neguei porque quis! Acontece que emprestar dinheiro é contra os meus princípios!

JORGE – Tá legal, Samuel, mas não vai poder ficar aqui! Por favor, pegue as suas malas e vá embora!

SAMUEL – Está me expulsando?!

JORGE – Não é isso, Samuel! Me entenda, por favor! Eu gosto da minha privacidade!

106 SAMUEL – Mais do que de seu melhor amigo! Eu entendo... Até meu melhor amigo está contra mim! Todos estão contra mim! O mundo me despreza! A humanidade inteira me detesta! Vocês estão cravando o punhal da traição nas minhas costas! *(Tendo um ataque de histeria, se joga no chão, se descabela)* Será que eu não sirvo pra nada? Por que não me matam de uma vez?! Me matem! Me matem! Acabem comigo! Me matem!

JORGE – Por favor, Samuel! Deixe de balela!

SAMUEL *(Se levantando do chão, fala com energia)* – Está bem, *(Calmo agora, bancando o coitado)* não quero incomodar! Não quero ser um

estorvo na sua vida! Longe de mim querer ser um peso pra qualquer pessoa, principalmente para o meu melhor amigo! Prefiro morrer de frio, ao relento, do que atrapalhar a vida de alguém! Não, eu nunca faria algo assim! Quero apenas um canto qualquer onde possa passar o resto dos meus dias e ter uma morte tranqüila! Não preciso de mais nada!

JORGE – Samuel!

SAMUEL – Já estou indo! Agora, se eu morrer, por acaso, não se sinta culpado! Saiba que eu estarei num lugar melhor que esse! Lá onde todos se ajudam uns aos outros...

107

JORGE – Não vou me sentir culpado!

SAMUEL – Isso mesmo, não se sinta! *(Silêncio)*

SAMUEL – Não vai dizer nada?

JORGE – Adeus!

SAMUEL – Adeus! *(Pega as malas vagorosamente enquanto olha o apartamento, como se tivesse morado lá durante muitos anos)* Adeus, sofá! Adeus, cadeira! Adeus, televisão! Adeus, cortinas! Adeus, tapete! Adeus, abajur! Adeus, estou indo embora definitivamente! Agora não tem

mais volta! Vou pra sempre! (*Vai saindo, mas se volta de repente*) Não vai me impedir?

JORGE – Não.

SAMUEL – Essa foi a sua última oportunidade, Jorge. Espero que não se arrependa!

JORGE – Não vou me arrepender!

SAMUEL – Adeus! (*Sai*)

JORGE – Adeus (*Vai fechar a porta, mas Samuel volta*) Mas o que foi agora?

108 SAMUEL – Nada. Por um instante pensei que tivesse me chamado.

JORGE – Mas eu não chamei!

SAMUEL – Então, adeus! (*Sai em definitivo. Mas ainda o escutamos do lado de fora depois de alguns segundos*) Então é adeus?

JORGE – É, Samuel. Adeus! (*Jorge fecha a porta*)

CENA 4

Samuel fica vagando pelas ruas até altas horas da madrugada. Por pão-durismo sua só consegue vaga num hotel de quinta categoria.

SAMUEL – Por favor, eu queria um quarto!

LOLA (*Que lia um jornal*) – Você deu sorte, ben-zinho! Acabou de vagar um!

SAMUEL – Puxa, mas até que enfim um quarto vago! Essa cidade, nessa época do ano, fica lotada de turistas! Não se acha uma vaga num hotel! (*Dando uma de quem só entraria num hotel como aquele por puro acidente*) Acabei de vir lá do Meridian e não consegui nada! Está tudo lotado!

LOLA – É verdade... (*Pega uma garrafa de uísque e se serve. Um homem grita de um dos quartos*)

109

GODOFREDO – Lola, sua puta! Roubaram o meu uísque! Lola, eu quero o meu uísque!

LOLA (*Para Samuel*) – Um dos hóspedes. Você me dá licença um instante?

SAMUEL – É... Bem... Sim, é claro!

LOLA (*Berra do mesmo lugar*) – Puta é a sua mãe! Agora, se acha que roubaram o seu uísque, ligue pra polícia, seu corno! (*Voltando-se para Samuel com a maior calma*) O senhor está servido?

SAMUEL – Não, obrigado! Eu não costumo beber.

LOLA – É legitimo! O Godofredo é um contrabandista dos bons!

SAMUEL – Por favor, qual é o meu quarto?

LOLA (*Pega as chaves*) – É o 56. Bom quarto, vista pro puteiro... Eu posso lhe arrumar uns binóculos se quiser, não sai muito caro.

SAMUEL – Não, obrigado!

LOLA – Ah, me desculpe! Já entendi... Não bebe, não fuma, não...

SAMUEL – A senhora pode me dar as chaves?

110

LOLA (*Sensual*) – Não me chame de senhora. Meu nome é Lola.

SAMUEL – Tudo bem, Lola. Agora pode me dar as chaves?

LOLA – Pagamento adiantado!

Samuel (*Tira um bolo de notas de sua carteira na frente de Lola*) – E quanto é?

LOLA (*Apanhando o dinheiro das mãos de Samuel*) – Isso já serve!

SAMUEL – Ei!, espere aí!

LOLA – Eis as suas chaves!

SAMUEL – Mas...

LOLA – Se o senhor não está satisfeito, pode mudar de hotel!

SAMUEL – É o que eu pretendo fazer!

(Silêncio)

LOLA – Não devolvemos o dinheiro!

SAMUEL – Ora, mas que absurdo! *(Pausa)* pelo menos chame o carregador para levar as minhas malas! Vocês não têm alguém que leve a bagagem dos hóspedes?

111

LOLA – O rapaz que leva as malas... Infelizmente ele foi preso semana passada. Envolvimento com o tráfico... Mas também não sei se ia gostar muito dele. Não era muito fácil recuperar as malas que ele carregava!

SAMUEL – Essa é boa! Como acho o meu quarto?

LOLA – É fácil, o número está na porta... Ou no chão, ou em algum lugar, eu não sei! Procure, homem! Quer tudo de mão beijada?!

SAMUEL – *(Sorri ironicamente)*

LOLA – O senhor pode subir pelas escadas, são cinco lances. Não temos elevador. Como já estava quebrado há mais de um ano, resolvi alugá-lo como outro quarto!

SAMUEL – É... Eu acho o quarto!

LOLA – Boa-noite, e sonhe com os anjos! (*Volta a ler o jornal*) Olhem só! Encontraram mais uma vítima do estrangulador essa noite!

CENA 5

112 Samuel entra no quarto resmungando. Ele põe as malas sobre a cama e começa a abri-las. Procura a toalha.

SAMUEL (*Com seus botões*) – Isso tudo é um absurdo! E eu sou um idiota! Pagar todo aquele dinheiro por uma lixeira como essa! (*Samuel tenta acender a luz do quarto, mas ela está queimada. O cômodo é somente iluminado pela luz do néon do bordel em frente*) Droga, não tem luz! Até a porcaria da lâmpada está queimada! Onde eu pus a toalha? Esse quarto pelo jeito não tem banheiro! Devem usar um banheiro pra todo mundo! Imagine como deve ser! Isso, se tiver um banheiro por aqui! A cretina pegou todo o meu dinheiro!...

BORBOLETA (*Saindo do escuro, onde não podíamos vê-lo*) – A Lola limpou você?

SAMUEL (*Assustado*) – Mas quem é você?

BORBOLETA – Lola é uma mulher esperta! É preciso ter cuidado com ela! Mas no fundo é uma boa pessoa!

SAMUEL – Me desculpe, mas devo ter entrado no quarto errado! O meu é o 56!

BORBOLETA – Esse é o 56!

SAMUEL – É? E o que está fazendo aqui, no meu quarto?

113

BORBOLETA – Acontece que esse também é o meu quarto! Mas não precisa ficar irritado. Tem duas camas aqui, todos os quartos têm...

SAMUEL – Pensei que tivesse pago por um quarto só meu!

BORBOLETA – Pelo jeito Lola não lhe falou nada...

SAMUEL – Não. E eu vou até lá embaixo reclamar os meus direitos!

BORBOLETA – Não há necessidade disso. Lola já tem muito com o que se preocupar!

SAMUEL – Mas eu tenho os meus direitos!

BORBOLETA (*Nesse momento pega uma arma que estava escondida na cintura e começa a limpá-la com um pano*) – Não iria se fosse você! Só arranjaria mais problemas!

SAMUEL (*Apavorado ao ver o revólver*) – Acho que tem razão!

BORBOLETA (*Fica o tempo todo mexendo na arma. Abre o cão, tira as balas para limpá-lo e as põe de volta, etc.*) – Sabe, é bom ter companhia de vez em quando. Geralmente as pessoas com quem eu cruzo não vivem por muito tempo e eu acabo sempre sozinho. Normalmente não tenho com quem conversar.

114

SAMUEL (*Cada vez mais apavorado*) – Infelizmente eu não vou poder ficar muito tempo. Pra falar a verdade, eu já estou de saída! O meu chofer deve estar me esperando lá embaixo!

BORBOLETA (*Apontando o revólver para Samuel, mas num gesto casual, sem intenção*) – O que é isso? Fique mais um pouco! O seu chofer não vai se importar de esperar mais um pouco, (*Tom ameaçador*) não é?

SAMUEL (*Intimidado pela arma*) – Que nada, ele até vai gostar! Só assim vai conseguir terminar o *Pato Donald* que começou a ler mês passado!

BORBOLETA – Carlinhos Borboleta.

SAMUEL – Não, *Pato Donald*!

BORBOLETA – Carlinhos Borboleta é como costumam me chamar!

SAMUEL – Ah, sim! Muito prazer!

BORBOLETA – Eu tive uma infância difícil...

SAMUEL – Como?

BORBOLETA – Meu pai morreu quando eu tinha apenas oito anos...

SAMUEL – E aí você teve que trabalhar para ajudar a família...

BORBOLETA – Não. Fui preso por ter matado o coroa... Na verdade não tinha sido essa a minha intenção quando lhe cravei o ancinho nas costas. Só queria machucá-lo um pouco... Ele tinha aquela mania de me chamar de garoto e passar a mão na minha cabeça, e isso me irritava um bocado!

SAMUEL (*Sempre mais apavorado*) – E ficou preso durante toda a sua infância?

BORBOLETA – É... Poderia ter sido só durante a infância se não fossem pelos outros crimes...

SAMUEL – Outros crimes?

BORBOLETA – É... Dez assassinatos. Quer dizer, dez que eles conseguiram provar, é claro!

SAMUEL – É claro! (*tom*) Já que vamos dormir juntos, a título de curiosidade, você costuma roncar?

BORBOLETA – Nunca conseguiram me incriminar daqueles seis esquartejamentos...

SAMUEL – Não conseguiram... (*Para si*) provavelmente ronca...

116 BORBOLETA – Não, foi tudo muito limpo. Com o tempo a gente pega prática nessas coisas.

SAMUEL – Na limpeza.

BORBOLETA – É. Não gosto de sujeira.

SAMUEL – Entendo... Essa é uma boa qualidade para um companheiro de quarto.

BORBOLETA – A prisão é um lugar horrível!

SAMUEL – Imagino.

BORBOLETA – Foi por isso que eu fugi!

SAMUEL – Fugiu?

BORBOLETA – É claro! Se não, como eu estaria aqui? Eu peguei perpétua!

SAMUEL – É lógico! Que cabeça a minha! Se pegou perpétua e está aqui, é obvio que você fugiu...

BORBOLETA – Mas eu não gostava mesmo daquela prisão... A comida era ruim, os lençóis fediam, e a decoração era péssima!

SAMUEL – Eu entendo...

BORBOLETA – Era um lugar nojento. Imagine só, 40 presos vivendo numa cela de 4 por 4!

SAMUEL – Bem, pelo menos devia ser um bom lugar para se conhecer pessoas, fazer amizades...

117

BORBOLETA – Não no meu caso. Como me consideravam um preso muito perigoso, eles me jogaram na solitária. Não tinha contato com praticamente ninguém, além de Silvester.

SAMUEL – Silvester? O carcereiro?

BORBOLETA – Não, um rato com quem eu fiz amizade. Éramos muito amigos, fazíamos quase tudo juntos, inclusive tomar banho. Mas um dia discutimos durante uma partida de pôquer, Silvester estava trapaceando, e eu tive de matá-

lo. Desde então, há muito tempo que não tenho com quem conversar.

SAMUEL – Eu entendo... Um bate-papo assim, agradável como esse...

BORBOLETA – A sociedade não me entende. As pessoas tem medo de mim, acham que eu sou mau.

SAMUEL – Que absurdo, uma pessoa tão doce como você!

BORBOLETA – Mas se eu me tornei um marginal foi porque eu não tive escolha, não porque escolhi assim! Escute, eu já tentei trabalhar honestamente várias vezes. Mas conseguir emprego hoje em dia é muito difícil, principalmente se você é um preso fugitivo! As pessoas tem muito preconceito. Mas eu me esforcei. Uma vez me candidatei a um emprego numa clínica veterinária, eu sempre gostei muito dos bichinhos, mas eles não quiseram me dar o trabalho. Sabe por quê? Sabe o que foi que o cara me disse?

SAMUEL – O que foi que ele te disse?

BORBOLETA – Ele me disse que se eu queria o emprego de veterinário devia me formar em veterinária primeiro. Eu não tive dúvidas, estourei os miolos do cara!

SAMUEL – É, foi uma grosseria da parte dele dizer aquilo.

BORBOLETA – É o que eu digo, se não me dão trabalho o que eu posso fazer? Não tenho outra saída a não ser assaltar, roubar...

SAMUEL – Matar...

BORBOLETA – Não, matar eu faço por *hobby*. Mas, e você? Eu falei muito de minha vida e você não disse nada sobre a sua.

SAMUEL – Bem, eu não tenho muito pra contar...

BORBOLETA – O que é isso? É como dizia o investigador de polícia quando penduravam a gente no pau-de-arara: todo mundo tem coisas pra contar. Fale um pouco de sua vida. Você disse que tem um chofer te esperando lá embaixo, não foi? Deve ter muito dinheiro pra ter um chofer particular...

119

SAMUEL – O que é isso? De maneira alguma! Não tenho um tostão furado! É justamente por isso que o chofer está me esperando lá embaixo, estou devendo a ele seis meses de salário. Eu estou completamente falido! Ou você por acaso acha que se eu tivesse dinheiro viria pra um lugar como esse?

BORBOLETA (*Apontando o revólver para Samuel, mas num gesto casual*) – Está querendo me dizer que este lugar não é bom?

SAMUEL – Não, não foi isso que eu quis dizer! Esse lugar é ótimo!

BORBOLETA – Ótimo?! Você está louco? Esse lugar é péssimo! As paredes estão cheias de infiltrações, os colchões tem pulgas, o banheiro é fedorento, e, além disso, eles nem têm estacionamento próprio!

SAMUEL – É... Você tem razão. Já não estou mais falando coisa com coisa...

BORBOLETA – É... Você não parece estar mesmo muito bem.

SAMUEL – É... Eu acho que não estou mesmo...

BORBOLETA – Vamos lá, se abra comigo! (*Apon-tando novamente o revólver para Samuel, mas num gesto involuntário, embora, mesmo assim, ameaçador*) Afinal, nós somos, ou não somos amigos, hein? (*Dá uma risada asquerosa. Samuel responde com um sorriso nervoso e amarelo, só para não contrariar o seu companheiro de quarto*)

SAMUEL – Sabe... A verdade é que... O problema é com a minha mulher, ou melhor, ex-mulher. Ela me deixou!

BORBOLETA – Ah, não!

SAMUEL – Ah, sim!

BORBOLETA – Ah, não!

SAMUEL – Ah, sim!

Borboleta (*Agora realmente apontando a arma para Samuel*) – Ah, não!

SAMUEL – Ah, não! (*Concordando*)

121

BORBOLETA – Mulheres... Eu sei muito bem o que você está passando. Aconteceu o mesmo comigo. A Jussara, a minha nega...

SAMUEL – Ela também te deixou?

BORBOLETA – Pra sempre! (bem triste)

SAMUEL – Mas o que aconteceu? Ela te deu o fora?

BORBOLETA – Ela morreu.

SAMUEL – Meu Deus! E como foi isso? Algum desastre? Ela estava doente?

BORBOLETA – Não, eu mesmo a matei. (*Desconsolado*) Descarreguei o meu 38 nela. (*Silêncio*) Mas não foi culpa minha, eu não queria. Mas, um belo dia, eu cheguei em casa mais cedo e... Ela estava lá, com outro homem.

SAMUEL – Puxa vida!

BORBOLETA – Eu não pensei duas vezes, queimei os dois ali mesmo! (*Pausa*) Só depois é que eu fui saber que o cara era irmão dela...mas como que eu podia imaginar? Ela nunca me falou que tinha irmão. E, além do mais, eu encontrei os dois numa situação muito comprometedora!

122

SAMUEL – Pelados na cama?

BORBOLETA – Não, eles estavam na sala.

SAMUEL – Pelados?

BORBOLETA – Não, estavam tomando cafezinho.

Samuel (*Tentando entender*) – Ah... Mas o que isso tem de comprometedor? Tomar cafezinho na sala?

BORBOLETA – Ora, todo mundo sabe que é costume, depois de uma boa trepada, tomar um

cafezinho! É que nem nos filmes. Os dois acabam de transar e aí, tomam um cafezinho!

SAMUEL – Eles não tomam cafezinho. Nos filmes eles acendem um cigarro! Mas, mesmo assim, nos filmes eles ainda estão na cama, no quarto, e não na sala, e vestidos ainda por cima!

BORBOLETA – É, mas depois do cigarro, o que você faz? Vai até a sala tomar aquele cafezinho!

SAMUEL – É... Tem a sua lógica...

BORBOLETA – É por isso que eu sei o que você está sentindo. Essa sensação de abandono, esse vazio por dentro...

123

SAMUEL – Não, vazio por dentro não. Eu comi antes de vir pra cá. Eu estou é sentindo azia. Acho que aquele croquete estava estragado...

BORBOLETA – Sabe, de vez em quando eu ainda sinto saudades da Jussara. Todos os anos eu levo flores no cemitério pra ela. Apesar do que ela me fez, eu ainda gosto dela. No fundo eu acho que sou um sentimental...

SAMUEL – Eu entendo...

BORBOLETA – Mas, infelizmente, Deus achou que era hora de ela partir... E você sabe que o que Deus dá ele também tira. E nos não podemos discutir as decisões do todo-poderoso. Por isso temos de seguir em frente, temos que continuar vivendo, certo ou errado?

SAMUEL – Certo...

BORBOLETA – Vamos fazer um negócio? Quando eu falar certo, você fala errado. Certo?

SAMUEL – Errado.

BORBOLETA – Aí, tá certo!

124

SAMUEL – Errado.

BORBOLETA – Muito bem!!

SAMUEL – O que é que eu digo pra muito bem?

BORBOLETA – Você diz... Você diz... Diz... Nem tudo muito bem. Certo?

SAMUEL – Errado.

BORBOLETA – Muito bem.

SAMUEL – Nem tudo muito bem.

BORBOLETA – Certo!

SAMUEL – Errado!

BORBOLETA (*Irritado*) – Agora chega! (*Se acalmando*) é o que eu sempre digo: a vida continua... E é por isso mesmo que eu tenho que puxar o meu carro agora, batalhar o meu pão-de-cada-dia. Bem... Eu tenho que ir trabalhar! (*Guarda o revólver na cintura*)

SAMUEL – Tudo bem. Bom trabalho pra você!

BORBOLETA – Obrigado! Agora, se você resolver sair, tenha cuidado! Há muita gente que não presta solta pela cidade!

125

SAMUEL – Vou me lembrar disso!

BORBOLETA – Parece que tem um louco que anda estrangulando pessoas aqui pelas redondezas. Agora eu preciso ir. Tchau! A gente se vê! (*Sai pela janela*)

SAMUEL – Tchau! Foi muito agradável conversar com você! Não vamos perder contato! Podemos trocar correspondência! (*Com os seus botões*) Loucos soltos pela cidade... Deus do céu! Estou dividindo um quarto com um assassino! Viu só, Dóris, o que você fez comigo? Olhe bem aonde eu vim parar por sua culpa!

CENA 6

Volta clima de sonho. Mudança de música e luz.
Aparece Dóris.

DÓRIS – Ora, não reclame como um velho, Samuel! Podia estar num hotel decente se não fosse tão pão-duro!

SAMUEL – Eu não sou pão-duro! Simplesmente não quis gastar uma fortuna com um hotel num momento difícil como esse. Essa separação agora vai me dar gastos que eu não estava esperando: aluguel, advogados, a sua pensão... É um rombo no meu orçamento! E o meu dinheiro não cai do céu!

DÓRIS – É só nisso que a nossa separação te afeta, não é, Samuel? No seu bolso. Se você não tivesse que gastar um tostão não ia ligar a mínima!

SAMUEL – Não fale assim, Dóris! Você sabe que eu vou sentir a sua falta!

DÓRIS – Vai sim, vai sentir falta do seu jantar quentinho, da casa limpa, da sua roupa lavada, e tudo isso sem precisar gastar um níquel!

SAMUEL – Por favor, Dóris, você sabe que não é assim. Eu te amo, Dóris! Não posso viver sem

você! Como vão ser as minhas noites agora sem as histórias que você contava pra eu dormir?! Volta pra mim, Dóris querida, eu te amo!

DÓRIS – Você só ama uma pessoa nesse mundo, Samuel. Você mesmo!

SAMUEL – Não diga isso, Dóris. Volte aqui! *(Dóris vai desaparecendo aos poucos como num sonho)* Não me deixe aqui sozinho! Você sabe que eu tenho medo de escuro! Dóris! Devo estar ficando louco! Preciso sair e beber alguma coisa! *(Samuel sai do quarto)*

CENA 7

127

Samuel entra num bar. Senta-se no balcão ao lado de um cara esquisito que parece já ter bebido muito.

SAMUEL – Garçom, me traz uma dose de uísque, duplo! Pensando bem, me traz a garrafa inteira. Hoje eu quero beber até cair! *(Com os seus botões)* O que não vai ser muito difícil. Fico bêbado com um copo de cerveja! *(Tom. Lembrando que não tem dinheiro)* Ah! Vocês aceitam cartão? Não? Então, cancela a bebida!

BÊBADO *(Se aproximando)* – Paga uma dose aqui pro meu amigo! *(Para Samuel)* Essa é por

minha conta! (*Quase abraçando Samuel que não agüenta o bafo de pinga*) Ei!, amizade, por que quer encher a cara? Não precisa nem dizer, eu já sei! Ela te deixou, não foi?

SAMUEL – (*Consente com a cabeça*)

BÊBADO – É sempre assim. Um dia elas sempre vão embora! Aconteceu o mesmo comigo. Eu e Mildred estávamos juntos há mais de cinco anos e ontem quando cheguei em casa, ela não estava mais lá! (*Chora copiosamente*)

SAMUEL – Não chore, por favor!

128 BÊBADO – Ela era tudo o que eu tinha e ela me deixou!

SAMUEL – Não fique assim!

BÊBADO – Vocês tinham filhos?

SAMUEL – Não.

BÊBADO – Assim é mais fácil! Mas Mildred teve doze!

SAMUEL – Doze? Mas não é muito?

BÊBADO – Eu também achava. Por isso dei todos os doze!

SAMUEL – Deu?

BÊBADO – Sim, eles davam muito trabalho! Mas eu só dei pra gente amiga. Todos me disseram que cuidariam bem deles e me garantiram que jamais iriam comê-los!

SAMUEL – Comê-los?

BÊBADO – Não fique desse jeito! Muita gente come coelho. Eu sei que é uma maldade, mas dizem que é gostoso! É claro que eu nunca teria coragem...

SAMUEL – Pensei que estivesse falando de sua mulher!

BÊBADO – Mulher? Nada disso, eu cansei das mulheres! Elas não prestam! Por isso resolvi criar Mildred. Ela sempre pareceu gostar de mim de verdade. Mas até ela me deixou! Da próxima vez vou tentar com uma cabra... Mas, então, sua mulher te deixou?

SAMUEL – É... Ela pediu o divórcio e me pôs para fora de casa!

BÊBADO – Eu não estou dizendo? Essas mulheres não prestam! São todas umas vagabundas! Menos a minha mãe, é claro! Aquela mulher era uma santa! (*Violento*) E eu quebro a cara do primeiro engraçadinho que repetir que ela traía

meu pai com o careca da quitanda! Ele não era careca, só um pouco calvo!

SAMUEL – Estávamos casados há mais de dez anos! E ela agora quer o divórcio... Disse que não me ama mais!

BÊBADO – Ela tem outro!

SAMUEL – Como disse?

BÊBADO – Ela tem outro, meu chapa! É óbvio!

SAMUEL – Eu não posso acreditar numa coisa dessas!

130

BÊBADO – Os que não acreditam são sempre os mais fáceis de enganar! Ela tem outro e já faz tempo!

SAMUEL – Quer dizer que ela me traía enquanto estávamos juntos?

BÊBADO – É lógico! Ela não poderia trair você se estivessem separados!

SAMUEL – Se ela me traía já há tanto tempo, por que só agora quis a separação?

BÊBADO – Arrumou outro.

SAMUEL – Como assim? Ela já não tinha outro?

BÊBADO – Arrumou outro outro. A coisa funciona assim: ela se separa de você, leva o outro pra morar com ela. Então, o outro deixa de ser o outro e ela arruma outro outro. Bem, pelo menos não é você quem vai ter que agüentar o comentário dos vizinhos. Porque você sabe, quando o marido chega a desconfiar é sinal de que os vizinhos já têm certeza!

SAMUEL – Não pode ser como você diz!

BÊBADO – Não devia poder, mas é!

SAMUEL – E acha mesmo que ela levou o sujeito pra dentro da minha própria casa?

BÊBADO – Pra fazer coisinhas na sua própria cama, entre os seus próprios lençóis, debaixo do seu próprio nariz!

SAMUEL – Então a ordinária me tirou de casa pra pôr lá um cafajeste qualquer!

BÊBADO – Bom, talvez ele não seja má pessoa, nunca se sabe! As mulheres é que sempre têm culpa!

CENA 8

Entra clima de sonho. Samuel começa a imaginar-se flagrando Dóris com outro homem em sua cama. Mudança de luz. Começa a tocar um tango...

SAMUEL (*Vendo Dóris com outro – que deve ser interpretado pelo próprio bêbado*) – Dóris! Mas... Mas... Eu... Nunca podia imaginar que a minha mulher me traía com outro!

DÓRIS – Se eu te traía só podia ser com outro, seu palerma! Não podia te trair com você mesmo!

SAMUEL – Mas por quê, Dóris? Eu sempre fui um marido tão bom!

DÓRIS – Eu precisava de um homem de verdade, Samuel! Não suportava mais ir pra cama com um sujeito que dormia agarrado a um patinho de borracha!

132

SAMUEL – Mas, Dóris, nós nos dávamos tão bem na cama! A gente se divertia tanto! Você não pode negar isso! Você até costumava rir!

DÓRIS – E você acha que rir é reação normal de alguém que está transando? Eu não ria porque estava gostando. Ria porque você era completamente desastrado. Samuel, você era péssimo na cama! Eu nunca tive um orgasmo com você! Aliás, eu só fui saber o que era isso quando conheci um homem de verdade. Antes, orgasmo era apenas uma palavra sem significado pra mim.

SAMUEL – Bem, Dóris, nós tínhamos dicionário em casa.

DÓRIS – Só depois que eu conheci o Dinamite... *(Faz referência ao cara que está com ela e a fica agarrando o tempo todo durante a cena)*... É que eu descobri quanto tempo da minha vida eu havia perdido rindo com você. Eu finalmente descobri que fazer sexo podia ser uma explosão ao invés de um show humorístico!

SAMUEL – Mas por que você nunca me disse isso, Dóris? Por que nunca me disse que não tinha orgasmos comigo?

DÓRIS – E isso é coisa que precisa ser dita, Samuel? Alguma vez, enquanto fazíamos amor, você sentiu alguma reação minha parecida com um orgasmo?

133

SAMUEL – Bem... Uma vez você gritou, eu me lembro muito bem!

DÓRIS – Gritei porque você se apoiou com o cotovelo em cima do meu peito! Não porque tivesse atingido o clímax!

SAMUEL – Bem... Você costumava ranger os dentes... E assoviar aquela música do *Cantando na Chuva... (Desistindo)* Bolas, se você nunca me dizia que eu não te agradava na cama como é que eu podia adivinhar? Eu não tenho bola de cristal!

DÓRIS – Eu já não agüentava mais aquela nossa vidinha! Eu precisava de emoções fortes. De fazer sexo como um animal no cio. E como é que eu podia conseguir isso indo pra cama com um homem que sequer tirava as meias e a camisa pra transar?

SAMUEL – Mas isso tem uma explicação lógica! Eu não tirava a camisa por causa da minha bronquite. Não podia me arriscar a receber um golpe de ar pelas costas! E quanto às meias, bem, você está cansada de saber que eu tenho frieira nos pés!

134 DÓRIS – Eu sentia falta de um homem que tivesse alguma coisa de feroz! Algo de animal!

SAMUEL – E esse cara tem tudo isso, não é mesmo? Um verdadeiro animal! Aposto como ele late e dá a patinha. Com algum tempo ele vai aprender a rolar e a se fingir de morto também!

DÓRIS – Não venha com piadas, Samuel! Esse homem é um verdadeiro gorila na cama. Você está é com despeito!

SAMUEL – Eu, com despeito? Você está louca! Eu sou de uma espécie mais evoluída. Já dominamos a escrita e deixamos de viver nas árvores há muito tempo!

DÓRIS – E com certeza se esqueceram de um dos mais primitivos instintos animais, o do sexo!

SAMUEL – Pelo amor de Deus, Dóris! Então você vai me trocar por um orangotango qualquer? O que você faz depois que acabam de transar? Da um cacho de bananas pra ele? Vocês conseguem fazer alguma coisa de humano como conversar, por exemplo?

DÓRIS – Há momentos em que não são necessárias as palavras.

SAMUEL – Um relacionamento não é feito só de sexo, Dóris, por favor! E quando vocês não estão transando, o que vocês fazem?

135

DÓRIS – Nós transamos o tempo todo. Você não imagina, Samuel. Ele é uma verdadeira máquina!

HOMEM – Amorzinho, dispensa logo esse chato e vamos de uma vez ao que interessa!

SAMUEL – Você veja lá como fala comigo! Fique sabendo que eu sou o marido dela, seu projeto de homem macaco!

DÓRIS – Ex-marido agora, Samuel! E veja lá você como fala do meu homem!

SAMUEL – Seu homem? Mas que coisa mais vulgar!

DÓRIS – Aposto que sexo pra você também é uma coisa vulgar, não é, Samuel?

HOMEM – Amorzinho, quer que eu dê uma bifa nesse cara?

DÓRIS – Samuel, será que você não vê que está sobrando aqui?

SAMUEL – Dóris, me dê mais uma chance! Eu vou provar pra você que também posso ser um animal, você vai ver só! Pode até me deixar dormir no quintal e me levar pra passear na coleira!

DÓRIS – Samuel, dá o fora! *(Volta a se agarrar com o Homem)*

SAMUEL – Não, Dóris! *(Como num sonho, Dóris vai desaparecendo e voltamos para o bar)* Não vá! *(Pensativo)* A minha Dóris não teria coragem de fazer isso comigo!

CENA 9

BÊBADO – Talvez seja melhor esquecer tudo isso!

SAMUEL – Eu não posso esquecer!

BÊBADO – É lógico que não pode! Nenhum homem de brio poderia! (*Soca o balcão*)

SAMUEL – É mesmo?

BÊBADO – Lógico! Eu sei o que deve fazer! (*Põe um revólver sobre o balcão*) Essa arma é muito boa, nunca falhou comigo! Agora volte lá na sua casa, descarregue ela na sua mulher e caso encerrado! Você está com sua honra lavada!

SAMUEL – Mas eu não posso fazer isso!

BÊBADO – É claro que pode! Ou prefere que riam pelas suas costas?

137

SAMUEL – Bom, é melhor do que se rissem pela frente!

BÊBADO – Não pode deixar que riam de maneira nenhuma!

SAMUEL – Nem quando eu contar uma boa piada?

BÊBADO – Isso agora não é piada! Vá lá e de cabo da sua mulher! Ela traiu você, é uma vagabunda! Tome, pegue essa arma e faça o que tem de ser feito!

SAMUEL – Desculpe, mas eu não posso!

BÊBADO – Pegue a arma!

SAMUEL – Não posso!

BÊBADO – Pegue!

SAMUEL – Não!

BÊBADO (*Apontando a arma para Samuel*) – Pegue!

SAMUEL – Tá bom, eu pego! Você me convenceu! (*Segura pelo cano do revólver com a ponta dos dedos como se tivesse nojo*)

138 BÊBADO – Agora vá!

SAMUEL – Não precisa gritar, já estou indo!

CENA 10

Samuel, depois de sair do bar, volta para o quarto do hotel. Ele ainda tem a arma.

SAMUEL – Eu nunca teria coragem de matar alguém! Nunca mataria a minha Dóris! Posso até ter vontade, mas não mataria! Eu não sou um assassino! Vou pegar as minhas malas e dar o fora daqui! (*Começa a procurar as malas*) Dóris tem que me aceitar de volta! (*Procura as malas*) Ela ainda

me ama! *(Procura as malas)* Disse aquilo porque estava com raiva! Droga, onde estão as minhas malas? *(Pausa)* Não é possível, roubaram as minhas malas! Roubaram as minhas malas! *(Senta-se)* Por que eu estou me enganando? Dóris não vai me aceitar de volta! Ela foi bem clara, disse que não me ama mais! Vai ver até tem outro realmente! *(Pausa)* O que vou fazer da minha vida? Roubaram as minhas malas! *(Olha para o revólver em cima da cama. Apanha a arma e lentamente a aponta para a sua cabeça. Engatilha o revólver com a dificuldade de quem nunca segurou uma arma e põe o dedo no gatilho. Fecha os olhos com força e toma coragem para puxar o gatilho, o que faz com que franza mais a testa. Quando parece que vai mesmo disparar, abre os olhos)* Eu não consigo! Não tenho coragem! *(Apavorado com o que ele próprio ia fazer, Samuel arremessa a arma longe. Mas como ela estava engatilhada, dispara sozinha. Ouvimos o grito de uma pessoa que despenca da janela do hotel, alvejada pelo revólver de Samuel – isso deve ser passado com os efeitos da trilha sonora – um outro homem, entretanto, surge na janela. Ele segura um revólver)*

139

MARIMBONDO – Não tente nada, Borboleta! Conseguiu acertar Lagartixa, mas Marimbondo ainda está vivo e você está na minha mira! Agora jogue fora a arma!

SAMUEL – Eu já joguei! Por isso ela disparou!

MARIMBONDO – Sem nenhuma gracinha agora! Vamos lá, pensou que fosse passar o Marimbondo pra trás? Diga onde escondeu o dinheiro antes que eu o mate!

SAMUEL – Que está falando? Não sei de dinheiro nenhum! Eu fui assaltado, levaram tudo o que eu tinha, até as minhas malas!

MARIMBONDO – Sem essa, Borboleta!

SAMUEL – Espera aí, deve estar me confundindo com outro inseto que dorme nesse quarto! Eu não sou o Carlinhos Borboleta, meu nome é Samuel! Samuel Aranha!

MARIMBONDO – Aranha?

SAMUEL – Isso mesmo! Mas os mais íntimos me tratam só por Samuel. Não está me vendo por causa da luz apagada! Acenda só e vai ver quem eu realmente sou!

MARIMBONDO – Tá bom! *(Anda até perto da porta, onde está o interruptor. Detalhe importante para a cena: a porta do quarto deve ter uma espécie de gancho pontiagudo usado para se pendurar roupas ou chapéus. Marimbondo*

aperta o interruptor, mas a luz não acende) Mas o que é isso?

SAMUEL – Desculpe, tinha me esquecido! A lâmpada está queimada! Mas será que você não tem um isqueiro ou coisa assim?

MARIMBONDO – Tenho um aqui (*Se aproxima de Samuel com o isqueiro aceso para ver seu rosto*) É... Você não se parece com o Borboleta...

SAMUEL – Está vendo só?

MARIMBONDO – Você fez alguma plástica? (*Com raiva, brandindo o revólver*) Gastou todo o nosso dinheiro pra mudar de Borboleta pra Aranha?

141

SAMUEL – É claro que não! Eu não sou o Borboleta! Sou bem mais baixo que ele! Plástica não diminui a altura de ninguém!

MARIMBONDO – Tudo bem! Acho mesmo que não é o Borboleta!

SAMUEL – Ainda bem que acredita!

MARIMBONDO – Mas vou ter de matar você assim mesmo! Você matou Lagartixa!

SAMUEL – Foi sem querer, a arma disparou sozinha! Eu nunca mataria uma mosca, quanto mais uma Lagartixa!

MARIMBONDO – Mesmo assim não posso deixar testemunhas! Vai ter que morrer!

SAMUEL – Eu não conto nada pra ninguém! Vou ficar de boca fechada! Eu vou pra um mosteiro, vou fazer voto de silêncio! Eu sou um túmulo!

MARIMBONDO – Pode ter certeza! É pra onde vai!

SAMUEL (*Com os seus botões*) – Eu e minha boca!

Marimbondo vai atirar, ele está exatamente de costas para a porta, mas, nesse momento, alguém abre a porta com força, de repente. Marimbondo some atrás dela. Uma pessoa pergunta das coxias...

ENTREGADOR – Foi daqui que pediram uma pizza?

SAMUEL – Não, você deve ter batido no quarto errado!

ENTREGADOR – Me desculpe, mas é que esses quartos não têm os números na porta.

SAMUEL – É... Não têm...

Quando a porta é fechada, verificamos que Marimbondo está fincado no cabide e parece morto.

SAMUEL (*Assustado, se aproxima do homem para certificar-se de que ele está morto*) – Meu Deus, está morto! Marimbondado morreu fincado no cabide da porta! Lagartixa despencou da janela! Preciso sair daqui! (*Nisso passa uma barata na frente de Samuel. Ele vê o inseto. Diz espantado*) Meu Deus, uma barata! (*Pisa na barata. Levanta lentamente o pé, cutuca a barata e diz, olhando-a fixamente*) Acho que estou me transformando num assassino frio e calculista... (*Sai*)

CENA 11

143

Samuel anda desolado pela rua.

SAMUEL – Preciso ir embora desse lugar! (*Pega a carteira*) Aquela salafrária do hotel ficou com todo o dinheiro que eu tinha! Não tenho dinheiro sequer pra pegar um ônibus!

PUTA (*Está na penumbra, em contraluz, por isso não vemos o seu rosto*) – Ei!, você! Tá a fim de transar?

SAMUEL (*Surpreso*) – Como?

PUTA – Tá a fim de transar?

SAMUEL – Transar? Você quer transar comigo?

PUTA – Tem mais alguém aqui, por acaso?

SAMUEL – Bom... (*Olhando ao redor*)

PUTA – O que há com você, cara? Quer ou não quer transar?

SAMUEL – Me desculpe mas... Você é uma... Uma puta?

PUTA – Não, sou vendedora da Avon! Fico parada nas esquinas de madrugada e vestindo essas roupas por *hobby*!

144

SAMUEL – É um *hobby* estranho!

PUTA – É claro que eu sou uma puta!

SAMUEL – Meu Deus! É mesmo uma puta? Eu nunca falei com uma puta de verdade em toda a minha vida!

PUTA – Saco!

SAMUEL – É verdade que tinha uma prima minha que todos diziam que era... Mas com uma puta de verdade, assim, em carne e osso, eu nunca falei! Acho que sempre tive um pouco de medo. E preconceito também! Acho que sou um cara precon-

ceituoso! Pelo menos em relação a putas. Não sei, por exemplo, se sou preconceituoso em relação aos negros, ou aos judeus e homossexuais...

PUTA (*De saco cheio*) – Escuta aqui, cara, esqueça o que eu disse sobre a gente transar, tá legal? Agora, vai andando que parado aí você tá atrapalhando o meu lado!

SAMUEL – Por que quer que eu vá embora? Também não gosta de mim? Ninguém gosta de mim. Nem mesmo as putas gostam de mim! Todos me detestam! Todos querem me ver pelas costas! (*Quase chorando*)

145

PUTA (*Se aproximando, sai da penumbra*) – O que é isso, cara? Não fique assim!

SAMUEL (*Vendo o rosto da mulher*) – Meu Deus! Você se parece com a... Dóris!

PUTA – Eu me chamo Pâmela!

SAMUEL – Dóris!

PUTA – Tá legal! Meu nome mesmo é Odete! Mas eu não gosto muito dele!

SAMUEL – Que bom que veio me buscar! Eu quero ir com você, querida!

PUTA – Tá bom, tá bom! Tem um motelzinho barato... logo ali!

SAMUEL – Oh, querida! Que bom que eu te encontrei! (*Saem os dois*)

CENA 12

Samuel e Odete entram no quarto do motel. Ele ainda parece em transe. Se senta na cama e observa o quarto com o olhar vago. Ela começa a se despir perto da janela.

146 SAMUEL – O que fez aqui no quarto, querida? Ele parece diferente...

PUTA – Deve estar sentindo falta do piano de cauda. Eu o tirei pra que coubesse a cama! (*Tom*) O que você queria, o Hilton?

SAMUEL – Você fez uma nova decoração?

PUTA – Sim, troquei o papel de parede. Gosto mais desse tom verde-mofo! (*Tom*) Você achou um lixo, não foi?

SAMUEL – Não quis dizer isso, querida. Se é do seu agrado pra mim está bom! Pra falar a verdade, acho mais bonito do que como era!

PUTA – Eu ainda preferia sem as goteiras! Mas você é mesmo um romântico! *(Tom)* Peguei um gozador essa noite!

SAMUEL *(Vendo Odete se despir)* – O que você está fazendo, Dóris?

PUTA – O que acha? Não me diga que vai querer transar de roupa! E já disse pra não me chamar de Dóris!

SAMUEL *(Com o olhar distante)* – Dóris... *(Samuel começa a delirar novamente. Mudança de luz e música. A puta se transforma em Dóris)* Dóris... Você veio me buscar, Dóris? Veio me levar de volta pra casa?

147

CENA 13

DÓRIS – Você está louco, Samuel? Se eu fizesse isso... você, com certeza, poderia me internar num sanatório, porque isso seria uma demonstração de completo desequilíbrio mental. Demorei dez anos pra tomar a decisão mais acertada da minha vida, que foi me livrar de um traste como você, e agora acha que eu iria voltar atrás e cometer o mesmo erro pela segunda vez?

SAMUEL – Por que está aqui então, Dóris?

DÓRIS – Você é quem deveria saber. Essa conversa não passa de fruto da sua mente doentia. Infelizmente eu estou nesse seu delírio e tenho que suportar a sua presença desagradável, mesmo que isso não esteja acontecendo de verdade, e sim, apenas na sua cabeça!

SAMUEL – Não seja tão cruel comigo, Dóris!

DÓRIS – Cruel, eu? Você é que está sendo cruel comigo me obrigando a te encontrar toda a hora. Escute aqui, Samuel, me faz um favor, não sonhe mais comigo!

SAMUEL – E você, Dóris, não sonha comigo também?

DÓRIS – Sonhar com você? Não seja ridículo! Você nunca estaria num sonho meu. Só num pesadelo!

SAMUEL – Não é possível, Dóris! Você não sente nem um pouco a minha falta?

DÓRIS – A sua falta? Falta das suas ranhetices, do seu pão-durismo, das suas manias como colecionar insetos, dormir com a luz acesa, colocar suas meias sujas de baixo do travesseiro, esconder dinheiro na lata de biscoitos...

SAMUEL – Será que eu não fui nem um pouquinho importante na sua vida?

DÓRIS – É claro que foi. Você foi muito importante na minha vida, Samuel! Você foi o homem que estragou dez bons anos dela!

SAMUEL – Você está exagerando, Dóris! Nosso casamento não pode ter sido tão ruim assim, ou então, não teria durado dez anos!

DÓRIS – Por caridade, Samuel, já basta que tenha acontecido assim, mas não fique me lembrando disso a todo momento! Estou tentando esquecer que vivi com você durante tanto tempo! Eu sei que é difícil. Às vezes, quando me deito, ainda tenho a sensação de que vou acordar no meio da noite com você tocando tuba do meu lado na cama!

149

SAMUEL – Por favor, Dóris, vamos tentar de novo! Eu vou mudar, eu prometo! Se você não gosta de tuba eu posso aprender outra coisa, trombone de vara, por exemplo! O que você acha?

DÓRIS – Você já teve chances demais, Samuel. Teve dez anos pra provar que valia a pena e não conseguiu.

SAMUEL – Me dê mais dez anos e eu provo que vale!

DÓRIS – Nem em cem anos você conseguiria provar isso!

SAMUEL – Tudo bem, me dê 20 anos, então!

DÓRIS – Eu não desperdiçaria nem mais um segundo da minha vida com você! Além do que, tenho que aproveitar agora, enquanto ainda estou com quase tudo no lugar para encontrar o homem da minha vida.

SAMUEL – Por favor, Dóris! Volta pra mim, eu faço o que você quiser! O que você quiser! É só dizer que eu faço!

DÓRIS – O que eu gostaria que você fizesse, Samuel, não seria educado a uma mulher como eu dizer em público!

150

SAMUEL – Dóris, você não pode viver sem mim! Eu sei disso! Volte atrás agora, ou talvez, quando perceber isso já seja tarde demais!

DÓRIS – Será que você não entendeu ainda, Samuel? Acabou! Agora eu vou viver a minha vida, e você não faz mais parte dela! Entre nós não existe mais nada! Esqueça que eu existo (*Tom*), ou melhor, não esqueça não, senão você vai acabar é esquecendo de pagar a minha pensão! Agora eu vou andando, Samuel, que esse seu sonho já está ficando longo demais. Adeus! (*fim do clima de sonho. Mudança rápida na luz*)

CENA 14

SAMUEL – Dóris!...

PUTA – Meu nome é Odete!

SAMUEL – (*Começa a chorar*)

PUTA – Espera aí, não é um nome tão feio assim!

SAMUEL (*Chorando*) – Dóris!

PUTA – Tudo bem, pode me chamar de Dóris, se quiser!

SAMUEL – Ela não me quer mais!

151

PUTA – Quem não te quer mais?

SAMUEL – Dóris! Ela pediu o divórcio!

PUTA – Divórcio? Já vi tudo!

SAMUEL – Puta, eu não sei mais o que fazer da minha vida! (*Chora mais*)

PUTA – Por favor, pare de chorar! Eu detesto ver homem chorando!

SAMUEL – Fomos casados durante dez anos, puta!

PUTA – Será que não pode me chamar pelo nome?

SAMUEL – Puta, ela foi a única mulher que eu amei! Pensei que fôssemos envelhecer juntos! Cada um em sua cadeira de balanço! Eu lendo o jornal, ela fazendo tricô. Eu sei que Dóris detesta tricô, mas com o tempo ela se acostumaria. Nós cuidaríamos um do outro: ela me daria o remédio para a asma, pra febre reumática e pra artrose, e me faria massagem nas costas pra aliviar a dor do meu bico de papagaio. Me traria aquele café fresquinho com um gostoso bolo de fubá. Prepararia aquele delicioso guisado de carneiro todos os domingos. Lavaria e passaria as minhas roupas. Manteria a casa sempre bem limpinha e arrumadinha! Me calçaria os chinelos e me traria o jornal todas as manhãs. E eu... Eu seria bom com ela. Nos divertiríamos juntos também, eu jogaria a bola e ela me traria de volta. Mas agora todo esse sonho acabou, puta!

PUTA – Estou começando a gostar de Odete!

SAMUEL – Eu não consigo me imaginar ao lado de outra mulher, puta!

PUTA – O que é isso? Você encontra outra!

SAMUEL – Você não entende o que é viver com a mesma pessoa durante dez anos! É horrível, mas depois que a gente se acostuma... Então, de

repente, ela diz que não te ama mais! Diz que quer viver uma outra vida! Mas e a minha vida, como é que fica? Quem é que vai me esquentar durante a noite? Quem é que vai preparar o meu banho e contar histórias para eu dormir? Quem é que vai olhar debaixo da cama e me garantir que não tem nenhum pingüim lá? Eu preciso da Dóris! Nunca me casarei novamente! Eu sou baixinho, feio e sem graça, e as mulheres, normalmente, riem da minha cara!

PUTA – Não fique assim! Isso acontece, o amor acaba! Mas nós temos de seguir em frente com a cabeça erguida! Temos de levantar a poeira e dar a volta por cima! A vida é uma caixinha de surpresas! Um dia é da caça e o outro é do caçador! Depois da tempestade vem a bonança! Água mole em pedra dura tanto bate até que fura! *(Tom)* Nunca fui muito boa com essas coisas!

153

SAMUEL – Por que tem que ser assim? Eu não me conformo! Não faz sentido amar alguém e construir um lar juntos pra um dia tudo isso acabar, principalmente se casou com comunhão de bens e é você quem vai ter de pagar a pensão! E se o amor não é possível, pra que continuar vivendo? É preferível morrer! Só assim não temos que sofrer e ainda economizamos um bom dinheiro com roupas! Você compreende o que é perder alguém que se ama, puta?

PUTA (*Séria*) – Meu pai morreu quando eu só tinha 13 anos!

(*Silêncio*)

PUTA – Se enforcou no lustre da sala... Minha mãe se casou de novo. Mas o cara era um cafajeste e um dia me violentou. Quando minha mãe descobriu, os dois discutiram, e no meio da briga, meu padrasto empurrou a minha mãe do décimo quinto andar! Eu e meu irmãozinho mais novo fomos levados para um orfanato. Lá conhecemos um menino chamado Pixote, mas isso é outra história. Uma noite, quando tentávamos fugir, o vigia atirou no meu irmão, que ficou paraplégico. Eu consegui escapar, mas quase morri de fome, abandonada nas ruas. Tentei trabalhar em casa de família, mas as patroas me batiam, os maridos me estupravam, e os filhos me faziam de joão-teimoso! Foi aí que conheci Pedro. Nos apaixonamos e íamos nos casar, mas, um dia antes da cerimônia, ele foi atropelado e morreu. Eu me agarrei à esperança do filho de Pedro que eu trazia em minha barriga. Mas a criança nasceu morta! Passei a vagar pelas ruas como uma mendiga. Então me envolvi com um traficante de drogas, e me tornei viciada em LSD, cocaína, heroína, crack, haxixe, chá de cogumelo e cola de sapato. Fui morar com o cara, mas ele era violento e me espancava se eu não

fazia tudo o que ele mandava. Ele me forçou a me prostituir pra lhe sustentar... E eu estou nessa vida até hoje! Não tenho o menor prazer no que faço. Venho vivendo sem saber por quê.

SAMUEL – É, a sua vida com mais alguns palavrões dava uma peça do Plínio Marcos!

PUTA – Mas você abriu os meus olhos! A vida não tem sentido desse jeito! Pra que, então, continuar sofrendo? O melhor que tenho a fazer é me matar! *(Se aproxima mais da janela)*

SAMUEL – Espera aí, puta, não faça isso! Deve haver outra solução!

155

PUTA – Você mesmo disse que não há!

SAMUEL – Não acredite em tudo o que eu digo! Eu costumo sempre estar errado!

PUTA – Dessa vez não está.

SAMUEL – Como pode ter certeza? Nem eu mesmo tenho!

PUTA *(Se debruça na janela)* – Adeus!

SAMUEL – Não faça isso, puta! A vida tem sentido sim, mesmo que não pareça! O mundo é maravilhoso! Não existem a miséria, a fome, a

violência. Não existem as favelas, a dívida externa, o efeito estufa, a bomba atômica!

PUTA – Você está mentindo!

SAMUEL – Estou, mas e daí? Isso não é motivo pra você se matar!

PUTA – Esse mundo já é um grande motivo pra eu me matar!

SAMUEL – Puta, não diga isso! O mundo não é assim uma porcaria! Veja a natureza, é linda, fantástica com todas as suas nuances, toda a sua enorme variedade! Tá certo que os mosquitos incomodam um pouco... Mas a natureza é uma beleza assim mesmo! *(Tom)* O homem é que não presta!

PUTA – Se o homem não presta, de que vale a natureza ser bela, a terra ser azul? O homem vai conseguir destruir tudo isso!

SAMUEL – Não seja tão radical! Não é todo homem que não presta! Não estou dizendo que toda a humanidade é podre. Talvez boa parte dela seja, mas não toda ela! Eu, por exemplo, eu presto, sou um homem bom, direito, justo, honesto, pelo menos na medida do possível. Veja você também... Bom, não posso dizer que você presta, ou não, porque não te conheço

tempo suficiente pra afirmar uma coisa dessas, mas assim, pelo menos aparentemente, eu posso dizer que, bom, eu acho que, talvez...

PUTA – Eu não presto! Eu arruinei a minha vida! Não tive caráter suficiente para me manter num bom caminho! Quando eu era ainda muito pequena minha mãe me levava às missas e sempre me dizia assim... Bom, eu não me lembro agora o que ela me dizia, isso já faz muito tempo, eu era muito pequena, mas ela me dizia aquilo e eu não prestava atenção e hoje em dia eu acho que se tivesse dado mais atenção às palavras que mamãe me dizia, minha vida poderia ter sido diferente. Eram palavras de sabedoria, algo realmente muito importante! Diabos, se ao menos eu me lembrasse o que ela me dizia...

157

SAMUEL – Será que não era algo como *não se deve tomar leite com mamão*, ou coisa assim?

PUTA – Bom, mas isso não interessa agora. O que conta é que eu não dei ouvidos à minha mãe, mesmo que ela fosse uma alcoólatra e semi-analfabeta! Eu acabei indo para o mau caminho. Tive uma vida indigna, promíscua! Eu estou cheia de pecados! Sou uma imunda!

SAMUEL – Puta, o que é isso? Não exagera também! Você não é uma imunda! Talvez pro-

míscua, mas não imunda, você parece até bem limpinha. E essa história de pecados, bem, isso é muito relativo...

PUTA – Eu estou condenada! Ou a viver essa vida suja que eu vivo, ou a morrer e ir penar nas chamas do inferno!

SAMUEL – Taí mais um motivo pra você não se matar! Pra que ir pras chamas do inferno? Aqui, pelo menos, você ainda pode se divertir um pouco! Sempre há a possibilidade de você ir ao cinema, tomar um banho de mar... Não muitos, é claro, que o mar anda muito poluído e você pode até pegar uma micose, uma doença de pele, ou até algo muito pior!

PUTA – E pra que ficar adiando o inevitável? Vamos todos morrer mesmo um dia! E eu já tenho destino certo. Vou direto pro inferno!

SAMUEL – Você não pode dizer uma coisa dessas! Não pode ter certeza de que vai direto pro inferno! Nem sabemos o que acontece depois que morremos! Uns dizem que vamos pro céu ou para o inferno. Outros dizem que, simplesmente, tudo acaba e dormimos um sono eterno! Outros ainda afirmam que nós não morremos realmente, que há vida após a morte, o que eu particularmente acho horrível de se pensar. Já imaginou

ter que conviver lá do outro lado com um bando de gente que já morreu, que você foi ao velório e viu lá dentro do caixão, esticado, com aqueles algodãozinhos dentro do nariz, gente chata que você pensava já ter se livrado? Existe também uma outra teoria de que podemos retornar à terra em um outro corpo e viver uma outra vida. Mas eu, sinceramente, não gosto muito dessa opção. Se viver uma vida nesse mundo já é um caos, já dá tanto trabalho, imagine, então, ter de viver mais uma! Eu não ia suportar!

PUTA – Viu o que disse? Viver nesse mundo é um caos! Não vale a pena! O mundo está estragado!

SAMUEL – Mas, espera aí! Se o mundo chegou nesse ponto foi por nossa culpa também! Se matar, então, é dar as costas ao problema, se omitir! Mais nobre seria viver lutando com a esperança de que todos juntos consigamos mudar, fazer um mundo melhor, consertar o que ajudamos a destruir! (pausa) Se bem que eu acho isso impossível... Já estragaram tanta coisa...

PUTA – Mas assim não há solução! E se não há solução, pra que insistir em viver sofrendo?

SAMUEL – Mas sempre há a esperança, a fé num mundo melhor! (*Tom*) Eu não tenho essa fé, mas nada impede que você tenha!

PUTA – Pois eu não tenho fé nenhuma! Como vou conseguir ajudar a mudar o mundo se não consegui sequer mudar a minha vida?

SAMUEL – Não pode pensar tão pequeno assim, na sua vida, no mundo. A coisa toda é muito maior! Temos o universo inteiro! Todo o cosmo! A Via Láctea e muito mais! E até o homem conseguir destruir tudo isso vai demorar muito tempo! Então, se aqui está ruim, sempre existe a possibilidade de numa noite escura, enquanto volta no seu carro para casa, ser parado por um disco voador e levado para um outro planeta!

160 PUTA – Mas isso parece muito difícil! Ser parada por um disco voador enquanto volto de carro para casa e levada para outro planeta... Além do mais, eu nem tenho carro!

SAMUEL – Mas não precisa ficar esperando que isso aconteça! Você pode tentar construir a sua própria espaçonave!

PUTA – Mas eu construir uma espaçonave? Isso é impossível!

SAMUEL – Não importa! O importante é você ter um objetivo, mesmo que ele pareça impossível! Ninguém consegue viver sem um objetivo, um sonho. Meu tio, por exemplo, queria transformar

milho de pipoca em pedrinhas brilhantes. Passou a sua vida inteira tentando... E nunca conseguiu, morreu tentando. Mas aí, sem que ele tivesse se dado conta, tinham se passado anos e anos e ele havia vivido mais de 70 anos, e isso só porque ele tinha um objetivo!

PUTA – Eu acho essa uma maneira idiota de se viver! Lutar por algo que não tem a mínima possibilidade de dar certo... É o mesmo que dar murro em ponta de faca, é estupidez! Assim é preferível morrer logo, pelo menos você não tem tanto trabalho!

SAMUEL – É, puta, você tem razão! Mas devem existir outras maneiras de se viver!

161

PUTA – Quais?

SAMUEL – Bom, eu não sei te dizer uma agora, mas devem existir! Pombas, também não dá pra eu ter resposta pra tudo, eu não sou Deus!

PUTA – Você não tem respostas porque, simplesmente, não há respostas! Não há esperanças! Não há no que se acreditar. A vida é uma tragédia!

SAMUEL – Isso segundo Nietzsche, porque segundo Sílvia Caldas ela é um palco iluminado, o que é bem diferente!

PUTA – Não adianta você me dizer mais nada! Nada mais pode me dar esperanças, pode me fazer mudar de idéia! Minha vida está estragada definitivamente, sem conserto, um mar de lama, podridão, sexo, violência, drogas, *rock and roll*...

SAMUEL – Se sua vida tem mesmo tudo isso que você está dizendo, pode escrever um livro sobre ela. Você vai ficar rica porque vai ser um *best seller* na certa!

PUTA – Não diga mais nada! Adeus! (*Pula*)

SAMUEL (*Correndo para a janela*) – Não, puta... (*Socando a parede*) que pariu! Volte aqui! (*Pausa*) Ela se jogou mesmo! E a história dela parecia ser tão interessante! A puta se matou! Eu a induzi ao suicídio! (*Pausa*) E tudo por sua culpa, Dóris! Como eu te odeio por isso! (*Pausa*) Não posso mais ficar aqui! Tenho que ir embora desse lugar! Vou ser preso por assassinato! Vou passar o resto dos meus dias numa prisão! Eu não tive culpa! A puta era uma maníaca depressiva com tendências suicidas! (*Sai correndo*)

CENA 15

Samuel está correndo pela rua quando um homem vestindo roupas íntimas femininas, salto

alto, etc. passa por ele. Samuel para como se reconhecesse o sujeito. O homem, ao notar que é observado, tenta cobrir o rosto e apressa o passo. Mas Samuel se adianta a ele e o chama.

SAMUEL – Jorge, é você?

JORGE – (*Apenas balança a cabeça negativamente sem se deter*)

SAMUEL (*Correndo e se postando à sua frente*) – É claro que você é o Jorge! Não está me reconhecendo? Sou o Samuel, que pediu abrigo na sua casa hoje e você negou! O do financeiro lá da câmara! Você costumava passar cola na minha cadeira e colocar sal no meu café. Também gostava de grudar nas minhas costas aquele cartaz dizendo *Bata em mim!* Eu fiquei uma semana levando porrada dos vereadores sem saber por quê! Não se lembra, Jorge? (*fala alto para Jorge*) Fale comigo, Jorge!

163

JORGE (*Puto*) – Tá legal, tá legal! Você é o Samuel e eu sou o Jorge, e daí?

SAMUEL – E daí?

JORGE – Eu não estou fazendo nada de mais! A situação pode parecer estranha, mas não é o que está pensando!

SAMUEL – Não estou pensando nada, Jorge!

JORGE – Isso não é novidade...

SAMUEL (*Chorando desbragadamente*) – Oh, Jorge! Meu amigo! (*Tom*) Jorge, isso é um vestido? (*Fala segurando o vestido*)

JORGE – Por favor, Samuel! Não fale tão alto!

SAMUEL – Eu estou no fundo do poço!! Meu mundo caiu! (*Tom*) Jorge, também está usando batom?

JORGE – Fique calmo, Samuel! Deve ter sido um tombo à toa! (*Dando tapinhas nas costas de Samuel enquanto tenta dar no pé*) Mas qualquer problema me procure! Só que esse mês vou estar viajando!

SAMUEL (*Chorando*) – Jorge, não sabe como é bom ver um amigo!

JORGE – Sei sim! Todo final de semana me encontro com os meus! Samuel, a conversa está boa, mas eu preciso ir!

SAMUEL – Estou passando por uma fase muito difícil da minha vida!

JORGE – Isso é bom! Por que não me telefona e falamos a respeito?

SAMUEL – Eu não mereço! O mundo está sendo muito cruel comigo! *(Tom)* Jorge, acha que fica bem você calçar salto alto?

JORGE – Não fique assim, Samuel. Vamos manter mais contato! Por que não me escreve?

SAMUEL – Preciso muito desabafar com alguém, Jorge!

JORGE – Está bem, vamos marcar um encontro. Quando vai ser a próxima Copa do Mundo?

SAMUEL *(Chorando)* – Estou muito triste, Jorge! A vida só tem me dado motivos pra chorar!

165

JORGE – Que nada, Samuel! A vida também tem o seu lado cômico!

SAMUEL – Talvez tenha razão... *(Pensando)* já estou imaginando a cara do pessoal da câmara quando eu lhes contar que encontrei você vestido desse jeito!

JORGE – Prefiro que não fale com eles, Samuel! Não são seus amigos como eu! Vamos guardar isso como um segredo só nosso!

SAMUEL – Está certo, Jorge! Tudo em nome da nossa velha amizade! Não sabe como é bom saber que se pode contar com alguém!

JORGE – Estou sempre disposto a ajudar, Samuel!
Mas mês que vem estarei mais folgado!

SAMUEL – Por que será que o amor acaba, Jorge?

JORGE – No seu caso não é difícil imaginar...

SAMUEL (*Chorando*) – Não sei o que fazer da minha vida! Já tentei até me matar! (*Tom*) Jorge, não acha que uns brincos menores lhe cairiam melhor?

JORGE – E o que houve de errado?

SAMUEL – Dóris pediu o divórcio!

166 JORGE – Não, o que houve de errado que ainda está vivo?

SAMUEL – Eu tentei tudo, Jorge!

JORGE – Tentou com uma corda?

SAMUEL – Oh, eu estou sofrendo! (*Tom*) Jorge, sempre se veste assim à noite?

JORGE – Não chore, Samuel! Como você fez?

SAMUEL – Tentei conversar com ela! Disse que a vida dela não tinha sentido sem mim!

JORGE – Não, digo, como tentou se matar?

SAMUEL – Pus um revólver na cabeça!

JORGE – Mas só isso não adianta! Tem que puxar o gatilho!

SAMUEL (*Chorando*) – Não adianta! Eu sou mesmo um fracasso completo! (*Tom*) Sua mulher sabe que anda na rua de lingerie?

JORGE – Não fique assim, Samuel! Nada na vida se consegue sem esforço! Eu acho que deve continuar tentando!

SAMUEL – Acha que deveria tentar falar com Dóris novamente?

JORGE – Não, acho que deveria tentar um prédio bem alto da próxima vez.

167

SAMUEL – Estou desesperado!

JORGE – Por que não toma uns calmantes? Pelo menos um ou dois?

SAMUEL – Tomei dois comprimidos e não adiantou nada.

JORGE – Estou falando de um ou dois vidros!

SAMUEL (*Chorando*) – Eu não sei mais pra onde ir! Dóris me pôs pra fora de casa! (*Tom*) Jorge, você é gay?

JORGE – Bom, Samuel, pode ir pro meu apartamento se quiser!

SAMUEL – Sêrio?

JORGE – Eu moro no vigésimo quinto andar e lá tem uma boa janela de frente pra rua.

SAMUEL – Puxa, Jorge, obrigado! Obrigado mesmo! Você é um amigão! (*Abraça e beija Jorge. Muda o tom*) Jorge, o primeiro sutiã nem você esquece, hein?

168 JORGE (*Puto e afastando Samuel*) – Para com isso, Samuel! Pára com isso! Agora, cuidado com a minha cortina! Aquela cortina me custou uma fortuna!

SAMUEL – Muito obrigado, Jorge! Nem sei como lhe agradecer!

JORGE – Não foi nada. Aqui está o endereço e as chaves!

SAMUEL – Obrigado, Jorge!

JORGE – Agora, pelo amor de Deus, não conte pra ninguém que me viu!

SAMUEL – Tá bom, Jorge!

JORGE – Nem que eu ajudei você!

SAMUEL – Pode deixar, Jorge!

JORGE – Principalmente não diga nada à minha mulher!

SAMUEL – Confie em mim, Jorge..

JORGE – Não gosto muito da idéia, mas não tenho outra saída! Agora eu vou andando!

SAMUEL – Só mais uma coisa, Jorge! Eu não tenho sequer dinheiro pra pegar uma condução!

169

JORGE – Tome, isso deve dar pra você pegar um ônibus.

SAMUEL – Estava pensando num táxi, Jorge! Pegar um ônibus a essa hora é arriscado! Posso ser assaltado e até morto!

JORGE – Não se preocupe, Samuel! Deus não seria tão generoso! Agora, me desculpe, mas eu estou com pouca grana. Isso é tudo o que eu posso lhe emprestar no momento!

SAMUEL (*Decepcionado*) – Tudo bem, Jorge. Mas só posso lhe pagar mês que vem!

JORGE – Tchau, Samuel! E vê se toma cuidado. Há um louco solto pela cidade que já estrangulou mais de dez pessoas!

SAMUEL – Não se preocupe comigo, Jorge. Eu me cuido!

JORGE – Não é isso! É que está com as minhas chaves! Se você for morto não tenho como entrar em casa! *(Vai saindo, mas volta um momento)* Se resolver pular deixe as chaves na portaria! *(Sai)*

SAMUEL – Falou, Jorge amigo! *(Acena para Jorge)*

170

CENA 16

Samuel segue caminhando, agora mais tranqüila, até encontrar um ponto de ônibus. Também esperando o ônibus, uma velhinha florista está sentada em um banco. Samuel se aproxima e senta-se do seu lado.

SAMUEL *(Suspira aliviado)* – Eu hoje tive a pior noite da minha vida!

VELHA – *(Não diz uma palavra. Limita-se a fazer uma careta de tédio enquanto Samuel prossegue falando. Em momento algum ela desvia o seu*

olhar, que está voltado para o público, para fitar Samuel. Ele também fala todo tempo olhando para a platéia)

SAMUEL – A senhora não acreditaria se eu lhe contasse o que me aconteceu essa noite! Acho que ninguém acreditaria! A senhora é a primeira pessoa com aparência normal e agradável que encontro essa madrugada! É bom saber que vou poder esperar o ônibus na companhia de alguém que transmite tanta paz e bondade! *(Nesse instante, a velhinha tira de dentro do cesto de flores uma fita vermelha. Enquanto Samuel prossegue falando ela enrola as extremidades da fita em cada uma das mãos e as estica com força, como que para testar a resistência da fita)* É engraçado... Hoje cheguei a pensar em me matar, mas agora não quero mais. Eu quero viver! Acho que posso encontrar um sentido pra minha vida ao lado de outra mulher sem ser a Dóris! Viver já não parece tão ruim quanto eu pensava! Acho até que ainda posso ser feliz! *(Antes que Samuel termine a fala, a velhinha vai levantar os braços com a fita esticada e, quando fizer o movimento de baixá-la pela frente da cabeça de Samuel para estrangulá-lo, as luzes se apagarão. Samuel ainda falará, engasgado)* E pras velhinhas? Nada! *(A velha aperta a fita com mais força. Ouvimos o gemido de Samuel).*

NARRAÇÃO FINAL – Odete de Souza, a puta, não morreu de sua queda do quarto andar do suspeito hotel. Tendo fraturado apenas alguns ossos, escreveu um livro sobre sua vida o qual foi um sucesso e a fez muito rica e famosa.

Fim

Luluzinhas

Luluzinhas

De Emilio Boechat

Esquetes:

1. No avião – as comissárias de bordo Cleide e Beth
2. No hospital – as freiras Dominique e Agnes
3. No vestiário – as jogadoras de futebol Zica e Didi
4. No set de filmagens – as atrizes Petruska e Veruska
5. No Clube das Mulheres – as esposas Thelma e Louise
6. Luluzinhas – *todas*

175

1. No Avião...

As duas comissárias de bordo estão de pé, à entrada da platéia. Elas recebem o público como se recebessem os passageiros de um voo. Distribuem jornais antigos e oferecem balas e chocolates.

APRESENTADORA (*apoiada por vídeo. Sobe música de abertura*) – Senhoras e senhores, hoje vamos conhecer um pouco da história das mu-

Iheres no século 20! (*Desce música de abertura*)
As mulheres tiveram que lutar muito para ocupar o lugar que ocupam hoje: as capas das revistas! Mas, até gozarem de tamanha exposição, elas percorreram um longo caminho. Primeiro, elas se livraram do cinto de castidade. Depois, do espartilho. Das anáguas, das meias finas, do su-tiã, das calcinhas, do fio-dental. E, finalmente, elas se livraram dos maridos! Mas os hábitos mudaram muito. Enquanto na década de 60 as mulheres tinham vergonha de usar a pílula anticoncepcional, no novo milênio, o adesivo contraceptivo invadiu as passarelas da moda sem o menor constrangimento, libertando a mulher de tomar a pílula todos os dias. Entre as maiores conquistas femininas, podemos destacar: o direito ao voto, o trabalho remunerado, a máquina de lavar... e o silicone. Foi depois da Segunda Guerra Mundial que a mulher começou a ocupar vagas em trabalhos considerados masculinos, ou seja, trabalhos pelos quais elas recebiam um salário sem precisar tirar a roupa para isso. Uma das primeiras oportunidades de trabalho para as mulheres surgiu nas companhias aéreas!

Após receber todo o público, elas se dirigem para o palco.

CLEIDE – Senhoras e senhores passageiros, a *Pertinho de Deus Companhia Aérea* tem o enorme

prazer de recebê-los em um de nossos vôos. Esperamos que vocês tenham uma viagem tranqüila e agradável, porque quem viaja conosco está sempre mais *"pertinho de Deus"*. Por motivos de segurança, é proibido o uso de celulares, bips e armamento pesado dentro da aeronave. A seguir, demonstraremos os procedimentos de segurança, caso a segurança nos falte. (*Enquanto Cleide lê os procedimentos de segurança, Beth os demonstra para os passageiros, de pé, no corredor da platéia*) Este avião está equipado com saídas de emergência localizadas na dianteira, no centro e no fundo da aeronave. Em caso de emergência, abra as saídas e pule do avião! Em caso de despressurização da cabine, máscaras de gás cairão do teto. Para maior descontração dos passageiros, oferecemos máscaras de George Bush, Osama Bin Laden e Saddam Hussein, à sua escolha. Coloque a máscara sobre o rosto e divirta-se com o passageiro ao seu lado. O oxigênio puro proporciona momentos de grande prazer. Em caso de seqüestro da aeronave, serão distribuídos exemplares da *Bíblia*, do *Alcorão* e da *Revista Caras*. Nosso vôo conta ainda com um pastor ecumênico, capaz de encomendar almas em cinco cultos diferentes. Desejamos a todos uma boa viagem.

177

BETH (*Preocupada, enquanto passa pelos bancos do corredor e verifica o cinto dos passageiros –*

platéia, sussurrando) – Cleide, não olha agora, mas você notou o passageiro da poltrona 11C?

CLEIDE (*Olha*) – Quem?

BETH (*Ralhando*) – Eu disse pra não olhar!

CLEIDE – Desculpa!

BETH (*Sussurrando*) – Você viu?

CLEIDE – Você disse pra eu não olhar!

BETH (*Sussurrando*) – Disfarça! (*Tom*) Reparou no tipo?

178

CLEIDE – O da cabeça chata?

BETH – Ele não conseguiu disfarçar o sotaque!

CLEIDE – E pra que disfarçar? Eu acho lindo esse sotaque *arretado*! Ele tem cara de ser lá da Pa...?

BETH (*Interrompendo*) – Palestina?

CLEIDE – Da Paraíba!

BETH – Viu o volume dentro da calça?

CLEIDE – Você também notou? Eu nunca vi daquele tamanho!

BETH – Aquilo é armamento pesado, Cleide! Eu já vi nas revistas especializadas!

CLEIDE – Ah, *daquele* tamanho só nas revistas especializadas!

BETH – Ele só está esperando o momento certo pra pôr pra fora!

CLEIDE – Assim? Em público?

BETH – Pra todo mundo ver!

CLEIDE – Exibicionista!

BETH – E quando todo mundo vir o tamanho da *coisa*, prepare-se! Ele vai começar a fazer exigências!

179

CLEIDE – Homem é tudo igual! Quando têm aquilo grande, acham que podem fazer exigências!

BETH – Nós temos que tomar muito cuidado, Cleide, com esses terroristas!

CLEIDE (*Espantada*) – Terroristas? Do que você está falando, Beth?

BETH – Do terrorista que entrou no avião, Cleide!

CLEIDE (*Tomada de susto*) – Você ficou paranóica, Beth! Agora, todo mundo é terrorista? Tá

pensando que tá na América Airlines. Esqueceu que está de licença-saúde?

BETH – Eu sei diferenciar um turista de um terrorista, Cleide! Desde o 11 de setembro, eu leio tudo sobre terrorismo! Já estou terminando o *Alcorão*!

CLEIDE (*Tomada de susto*) – Não tem terrorista neste avião, Beth!

BETH – O suspeito da poltrona 11C não é terrorista?

180 CLEIDE – É um turista, Beth!

BETH – Um fanático religioso!

CLEIDE – Só porque ele usa uma fitinha do Senhor do Bonfim?

BETH – E aquele volume dentro da calça? Ele está armado!

CLEIDE – Ele é, apenas, *bem-dotado*, Beth!

BETH – Ele vai seqüestrar o avião!

CLEIDE – No Brasil, eles preferem os caixas eletrônicos!

BETH – Só vai restar a caixa-preta pra contar história!

CLEIDE – Esquece a caixa preta! Seqüestrador brasileiro gosta é de grana preta!

BETH – Ele vai matar todo mundo!

CLEIDE – Ele não vai matar ninguém, Beth! É impossível entrar armado no avião! Tem o detector de metais, o exame de raios-X! E eles não estão permitindo nem pequenos objetos cortantes!

BETH – E o que é isso aqui? *(Exibe um alicate de unha)*

CLEIDE – Um alicate de unha. *(Cleyde pega o alicate e começa a mexer nas cutículas).*

181

BETH – Exatamente! *(Brandindo o alicate de unha no ar)* Eu já fiz o teste com cinco colheres e nunca apitou comigo! E se eu tenho um alicate como esse, todo mundo pode ter!

Cleyde tira um bife com o alicate.

CLEIDE – Lógico! É um alicate barato, que você compra em qualquer camelô! Até me arrancou um bife!

BETH – Nós não estamos seguras aqui em cima, Cleide! Você não vê a TV Al Jazeera?

CLEIDE – Eu vejo o Datena, *Cidade Alerta*, *Repórter Cidadão*, Wagner Montes! E é lá embaixo que nós não estamos seguras, Beth: dentro dos carros, paradas nos faróis. Aqui em cima eu tô segura!

BETH – Depois do 11 de setembro, todos nós vivemos no meio de uma guerra... comandada por esse louco! É a globalização!

CLEIDE – Não me fala do Bush!

BETH – Estou falando do Osama Bin Laden!

CLEIDE – Nós não estamos no meio de uma guerra, Beth! (*Tom*) Se estivéssemos sobrevoando o Rio de Janeiro! Mas estamos em um vôo de Palmas para Macapá! E o Tocantins e o Amapá não estão em guerra! E se esse avião cair, não vai aparecer nem no Globo Rural.

BETH – Esses terroristas são capazes de qualquer coisa, Cleide!

CLEIDE – Menos de perder o tempo deles num vôo regional, que sai do nada e vai até lugar nenhum. Beth, até pouco tempo, o Tocantins não existia; e o Amapá nem era Estado!

BETH – E a Palestina, existe? Quando foi que você ouviu falar do Afeganistão, da Chechênia,

do Talibã? Até pouco tempo, ninguém falava desses lugares! E olha só a confusão que eles aprontaram!

CLEIDE – Confusão quem está aprontando é você. O Brasil e o Oriente Médio são coisas completamente diferentes! No Oriente Médio, as crianças passam fome.

BETH – E aqui não passam? E o Fome Zero é pra quê?

CLEIDE – No Oriente Médio está cheio assim de fanático religioso!

BETH – E aqui não está? E o Bispo Macedo? E o Padre Marcelo?

183

CLEIDE – No Oriente Médio, as mulheres andam com os rostos cobertos.

BETH – E aqui não andam? E a Feiticeira? E a Ninja do Funk?

CLEIDE – No Oriente Médio, os homens usam turbante na cabeça!

BETH – E aqui não usam? E o Carlinhos Brown? E o Afoxé Filhos de Gandhi?

CLEIDE – No Oriente Médio, está assim de radicais!

BETH – E aqui não está? E a Heloísa Helena? E o José Rainha?

CLEIDE – É diferente, Beth! Você devia se preocupar com coisas que derrubam mais aviões no Brasil do que terroristas suicidas.

BETH – Meu Deus! Quem é que está pilotando?

CLEIDE – O Comandante Roberval.

BETH – Não é ele que teve problema com álcool?

CLEIDE – Dizem que ele já está recuperado.

184 BETH – Ele não bebe mais?

CLEIDE – Ele não atea mais fogo nas pessoas. Mas, em todo o caso, como ele comeu frutos do mar, eu vou até a cabine! (*Caminha para as coxias*)

BETH – E vai me deixar aqui sozinha com esses terroristas em potencial? Volte aqui, Cleide! Cleide!

Cleide sai de cena, enquanto Beth olha sem graça para a platéia. De repente, ouve-se um ruído de EXPLOÇÃO. As comissárias, Cleide e Beth, se balançam de um lado para o outro enquanto andam no corredor da platéia, entre as cadeiras.

BETH (*Apavorada*) – Ai, meu Deus! Uma bomba terrorista!

CLEIDE – Foi um urubu que entrou na turbina!

BETH (*Apavorada*) – E o que vamos fazer?

CLEIDE – O Comandante Roberval vai tentar um pouso forçado!

BETH (*Apavorada*) – Mas vamos aterrissar aonde?

CLEIDE – Num assentamento do MST.

BETH (*Apavorada*) – Aqueles terroristas?

CLEIDE – O MST não é terrorista!

BETH (*Apavorada*) – E esse T é de quê? De terrorista, Cleide!

CLEIDE – É de Terra! Movimento dos Sem Terra! (*Desistindo*) Eu não vou discutir com você, Beth! Vamos para os procedimentos de segurança!

BETH (*Nervosa*) – Senhores passageiros, por problemas de força maior, seremos obrigados a fazer uma aterrissagem forçada! Pedimos a todos que inclinem seus troncos sobre os joelhos abraçando suas pernas. (*Passam nas poltronas pedindo para que todos façam o mesmo*)

CLEIDE – Eu nunca entendi de que adianta essa posição! Se o avião cair, de que adianta agarrar as pernas?

BETH (*Apavorada*) – E agora? Fazemos o quê?

CLEIDE – Reza pro trem de aterrissagem abrir!

BETH (*Começa a rezar e é seguida por Cleide*) – Ave-Maria cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres... (pedem para que todos rezem)... Santa Maria Mãe de Deus...

Mais um estrondo. As luzes piscam algumas vezes. Este som é mixado com uma oração ou canto gregoriano, ou ainda, várias orações simultâneas. Uma atriz ocupa o centro do palco.

APRESENTADORA (*Apoiada por vídeo. Sobe música tema*) – Muito antes do homem descobrir o clitóris, da mulher descobrir o orgasmo, e da igreja descobrir os padres pedófilos, a mulher só podia seguir três caminhos na vida: o casamento, a igreja e a prostituição. No casamento e na igreja, a mulher encontrava a retidão. Na prostituição, ela podia encontrar retos, tortos e de todos os tamanhos. Cada mulher podia fazer a sua opção segundo regras claras! Se ela tinha beleza, podia virar prostituta. Se ela tinha um dote, podia virar uma esposa. E, se não ela tinha

nada, podia virar freira. Na igreja, ao menos, elas tinham casa, comida e roupa lavada. E para isso elas não precisavam dar nada em troca, mesmo que elas estivessem loucas pra dar.

2 – No Hospital de Freiras...

AGNES (*Se aproximando do senhor Kravitz que está moribundo na maca*) – Bom dia, senhor Kravitz! Como passou a noite? (*Ajeita o travesseiro, etc.*) O senhor parece muito saudável! Anda tomando sol, não é? Esse tom de pele, ligeiramente arroxeadado, lhe cai muito bem! Esses olhos saltados, fixos... Ninguém diria que o senhor foi enganado pelos médicos! Tá aí, tão bem! Tranquilo... em paz... Eu, por mim, desligava esses aparelhos (*Faz um gesto como se fosse desligar os aparelhos. Mas, volta atrás*) Mas, se os médicos acham que eles devem continuar ligados, não sou em que vai discordar, não é mesmo, senhor Kravitz? Agora, vamos tomar a injeçãozinha... não vai doer nada... viu só? Não foi moleza? O senhor é um ótimo paciente! Não vive se lamentando, tá aí, sempre na sua...

187

DOMINIQUE (*Chegando no quarto*) – Agnes de Deus! Você está aí, de novo conversando com o senhor Kravitz? Será que não vê que ele não escuta nada do que você diz? O homem é, praticamente, um vegetal!

AGNES – Mas... eu também converso com as minhas plantinhas!

DOMINIQUE – Tá bom! Prometo não me espantar se pegar você conversando com uma salada de brócolis! (*Aplica uma injeção no doente*)

AGNES – O que está fazendo?

DOMINIQUE – Aplicando uma injeção.

AGNES – Que injeção?

DOMINIQUE – Eu não sei que injeção. Só sei que ele toma todas as manhãs!

AGNES – Mas eu já apliquei essa injeção, antes de você chegar!

DOMINIQUE – Não vai ser uma injeçãozinha a mais, uma a menos, que vai fazer mal ao senhor Kravitz! Ele vai morrer de qualquer jeito!

AGNES – Não diga uma coisa dessas! Deus não vai se agradar disso!

DOMINIQUE – Eu estou falando a verdade, e isso não é pecado! Os médicos já disseram que o senhor Kravitz não passa da semana que vem!

AGNES – Como você é cruel, Dominique! Sempre há uma esperança quando se crê em Deus! Você é uma freira, deve ter fé!

DOMINIQUE – Fé? Mas olhe só! Ele nem mexe os olhos! *(Tom)* Além do mais, eu nunca quis ser freira! *(Tira um cigarro de maconha do hábito, acende e fuma)*

AGNES *(Tira o cigarro de Dominique e o apaga no chão)* – Peça perdão a Deus, irmã Dominique!

DOMINIQUE *(Soltando a fumaça do cigarro)* – Eu só entrei pro convento porque meu padrasto me violentou!

189

AGNES – Jesus!!

DOMINIQUE – Jeová! Ele se chamava Jeová, o safado! *(Tom)* Um dia, só estávamos nós dois em casa, eu pedi ajuda do Jeová no dever de casa, quando ele me agarrou com aqueles seus braços musculosos e ficou lá, horas... se aproveitando de mim!

AGNES *(Horrorizada)* – Isso deve lhe trazer lembranças horríveis!

DOMINIQUE – Sim... O Jeová tinha um minipinto!

AGNES – Então, sua mãe, com medo que seu padrasto a violentasse de novo, colocou você no convento pra te proteger?

DOMINIQUE – Ela ficou morrendo de ciúmes! O idiota do Jeová foi contar pra ela que nós íamos embora pra viver juntos!

AGNES – Você ia fugir com o seu padrasto?

DOMINIQUE – O que você queria? O padrasto da minha amiga não topou! O que interessa é que, depois disso, minha mãe me trancafiou nesse convento e, desde então, eu perdi a chance de ter uma vida sexual! *(Acende um cigarro de maconha)*

AGNES – Dominique! *(Tira o cigarro de Dominique. Faz o sinal da cruz para cada heresia dita por ela)* Deus vai castigar você!

DOMINIQUE – E você quer maior castigo que esse? Passar a vida nesse hospital! Convivendo apenas com freiras, com doentes, inválidos, ninguém em plena forma física! Você está vendo por aqui algum bíceps, algum tríceps definido? Não. Se ao menos a minha mãe tivesse me trancado na academia Competition! Mas não! *(Olhando para o senhor Kravitz)* Olhe só pra ele... Parece que quer dizer alguma coisa...

AGNES – Deve estar pedindo perdão a Deus por você!

DOMINIQUE – Que nada! Deve estar imaginando o corpinho lindo que existe escondido debaixo desse hábito! Veja só, ele não tira os olhos dos meus seios! *(Olhando para os próprios seios e depois apertando-os com as mãos)* Eles são grandes mesmo, uma beleza!

AGNES – Pare de dizer heresias! O homem não está imaginando nada! Ele é praticamente um vegetal!

DOMINIQUE – E daí? Você não disse que conversa com as suas plantinhas? Eu também posso conversar com um nabo, um pepino, uma cenoura... *(Se mete debaixo dos lençóis)*

191

AGNES – Que coisa baixa, Dominique! Respeite, ao menos, um moribundo!

DOMINIQUE – Tem razão! Esse homem não precisa mais de freiras! Ele precisa é de um padre! *(Alucina-da)* Eu também preciso! De um homem santo que apague esse vulcão em chamas, aqui dentro!

AGNES *(Parte para cima de Dominique e começa a sacudi-la segurando-a pelos ombros)* – Pare com isso! Pare com isso! Peça perdão! Se ajoelhe e peça perdão!

DOMINIQUE (*Se desvencilhando*) – Você está louca, irmã Agnes? Você não estava assim até eu falar que precisava de um padre!

AGNES – E você quer maior blasfêmia que essa?

DOMINIQUE – Eu só estou querendo me confessar! Aliás, estou me lembrando agora... daquele padre que ficou no convento uns dois meses... um novinho, recém-ordenado...

AGNES (*Seca*) – Eu não me lembro de nada!

DOMINIQUE – Você vivia se confessando com ele! E ficou bem triste depois, quando ele foi embora...

AGNES – Você está inventando coisas! (Começa a rezar o Pai-Nosso baixinho)

DOMINIQUE – Agnes de Deus, você deu, ou não deu? Me conta, Agnes, você e o padre Gusmão... vocês tiveram alguma coisa?

AGNES (*Reza mais alto agora*) – Ave-Maria cheia de graça...

DOMINIQUE – Pode-se abrir comigo. Só estamos nós duas aqui. (Olhando para o senhor Kravitz) E o repolho não vai contar nada pra ninguém!

AGNES (*Reza mais alto ainda*) – Pai-Nosso que estais nos Céus...

DOMINIQUE – Você sabia que o padre Gusmão largou a batina e se casou?

AGNES (*Saindo do transe*) – Aquele crápula! Porco chauvinista! Eu era uma moça ingênua, pura! Ele se aproveitou de mim!

DOMINIQUE – Então... é mesmo verdade? Você e o padre Gusmão?! Pô, sacanagem!

AGNES – A tentação foi mais forte do que eu! Ele tinha uns olhos, um sorriso, uma boca! E eu não resisto a uma batina! (*Tom*) Mas eu me penitenciei! Fiz jejum, me autoflagelei! Rezei mil Pais-Nossos, mil Ave-Marias, dois Cremos e um Salve-Rainha! Eu pedi perdão a Deus! Eu pedi clemência! (*A essa altura Agnes já está ajoelhada em súplicas*) Clemência! Clemência para uma pobre pecadora!

DOMINIQUE – Pelo amor de Deus, Agnes! Me conte tudo! Como foi com o Gusmão?

AGNES – Foi divino! Celestial! Ele era um verdadeiro sacerdote na cama! Me fez ir até o Paraíso! Eu vi a Virgem-Maria em pessoa...

DOMINIQUE – Mas, era um *ménage*?

AGNES – Cercada de anjos!

DOMINIQUE – Então, era uma suruba?

AGNES – Eu ouvi as harpas celestiais! Os sinos badalarem! E como era bonito aquele badalo! (*Tom*) Deus me perdoe! Tenha clemência, Senhor!

DOMINIQUE – Devia ter me contado isso antes! Assim, eu poderia ter tirado uma casquinha também!

194 AGNES – Não diga uma coisa dessas, DOMINIQUE! Você é uma freira, deve se guardar pura, imaculada!

DOMINIQUE – Mas eu já te falei que não sou mais invicta, Agnes!

AGNES – Você foi forçada! Você não imagina o peso de se cair em tentação...

DOMINIQUE – Mas eu lembro do peso do Jeová em cima de mim!

AGNES – Você não imagina o que é não resistir aos apelos da carne, meu Deus! Saber que aquilo não está certo e, mesmo assim, não querer outra coisa!! (*Tom*) Me perdoe, Senhor!

DOMINIQUE – Mas, você se arrepende, Agnes?

AGNES – Esse é o problema! Eu não consigo! Eu tento, eu me esforço, mas eu não consigo! Cada vez que eu penso naquilo... badalo pra cá... bada-lo pra lá... me vem um frio na espinha... e um calor que me percorre o corpo todo! É um inferno! Eu sou uma pecadora! Não mereço esse hábito!

DOMINIQUE – Eu também não mereço! *(Tom)* Ninguém merece! Por causa desse péssimo hábito, eu deixei de lado hábitos muito mais saudáveis! *(Acende mais um cigarro guardado no hábito)*

AGNES *(Vai até Dominique e lhe arranca o cigarro. Vai jogar fora, mas pensa e dá uma tragada. Tosse em seguida. Traga de novo)* – Mas... e essa história do Gusmão? É mesmo verdade? Ele se casou mesmo?

195

DOMINIQUE *(Pede o cigarro com um gesto. Fuma e fala o texto segurando a fumaça)* – Ele engravidou a moça, teve que casar! Os pais dela não engoliram a história de que aquilo era um ato do Espírito Santo.

AGNES – Os homens não prestam mesmo! São todos iguais! Depois de conseguir o que querem, eles dão no pé! *(Com ênfase)* É por isso que eu sou freira!

DOMINIQUE – Eu jurava que você era freira por vocação! Uma Madre Tereza de... Como é mesmo o nome daquela peça? *Oh, Calcutá!*

AGNES – Só se for uma Madre Tereza da peça *Oh, Calcutá!* Eu entrei no convento por causa do carteiro!

DOMINIQUE – Você era apaixonada pelo carteiro e ele casou com outra?

AGNES – Não! Por causa do carteiro que eu peguei entregando a correspondência pro meu noivo pela porta dos fundos, se é que você me entende!

196

DOMINIQUE – Pela virgem santíssima!

AGNES – Depois daquela decepção, eu resolvi virar freira! Eu gostava muito daquele seriado da *Noviça Voadora*... achei que pudesse ser interessante, além de me afastar dos homens. Mas, eu confesso que, mesmo com todas as minhas preces, eu nunca levantei mais de 20 centímetros do chão!

DOMINIQUE – Agnes de Deus! Você sempre foi um exemplo pra mim de que era possível ser freira sem ficar completamente louca!

AGNES – Me desculpe se eu a decepcionei...

DOMINIQUE – Que nada! Eu estou achando ótimo! Agora eu não tenho mais motivo pra me sentir culpada por não gostar de ser freira! Eu vou abandonar esse hábito! Chega de cuidar de doentes, de inválidos, de limpar o xixi que esses velhos fazem na cama, de agüentar esse cheiro de éter, de ter que usar essas roupas fora de moda! Viva o decote, viva a minissaia, o fio-dental, o *topless*, o bronzeador, a micose de praia! Eu quero queimar esse corpinho lindo, exibir as marcas do biquíni! Eu quero me lambuzar de batom, ruge, pó-de-arroz, rímel! Eu quero andar de salto alto, quero ouvir aquelas cantadas sujas: *E aí, gostosa!* Quero tomar um porre! Quero me acabar na avenida! Viva a Mangueira!

197

AGNES – Viva a Portela! Viva a Azul e Branco! Isso é tão excitante! Me dá até vontade de cantar!

DOMINIQUE – A mim também!

AGNES – Veja! Até o senhor Kravitz parece querer cantar!

DOMINIQUE – Morreu!

Entra o *Funk das Freiras*. Elas dançam e saem de cena. Surge a atriz no centro do palco...

APRESENTADORA (*Apoiada por slides e música. As apresentadoras podem trocar de roupa*)

enquanto dão este texto) – Nos esportes, a mulher também teve que lutar para conquistar o seu espaço! O que se viu no século 20 foi que, enquanto os meninos fugiam das aulas de educação física, as meninas usavam malhas cada vez mais curtas e coladas ao corpo. O que fez com que os meninos voltassem às aulas de educação física. As mulheres, que não participaram das olimpíadas da antiguidade, provaram ao longo do século passado que tinham capacidade de competir em esportes considerados masculinos. E de se tornarem tão musculosas quanto os próprios homens. Hoje, além de disputarem provas como luta no gel, salto com vara e arremesso de pratos, as mulheres têm destaque em modalidades antes apenas disputadas por homens – cuspe à distância, coçada de saco, e – pasmem!, futebol!

3 – No Vestiário...

O palco, inicialmente, vazio. Em cena, apenas um banco comprido com dois jogos de uniformes dobrados sobre ele e uma *nécessaire*. Ouvimos uma narração de partida de futebol bem ao fundo, como que num radinho de pilha. De repente, um apito forte e um estrondo da torcida. Mais alguns instantes e Didi e Zica entram no palco. Elas estão suadas e vestem uniformes de futebol. Estão irritadas e soltam alguns palavrões. Uma

delas tem um sotaque da Mooca. Didi carrega uma bola de futebol.

DIDI – Você viu, Zica? A mina me calçou dentro da área, meu! *(Arremessa a bola no chão, com força, fazendo-a saltar no ar)*

ZICA *(Segura a bola)* – Carça pra que se tu já tava de chuteira, né, Didi?

DIDI – Pênalti claríssimo! E quando eu reclamei, a desgraçada da juíza disse que eu tinha cavado a falta! *(Senta-se em uma extremidade do banco e começa a tirar as chuteiras e depois os meiões.)*

199

ZICA *(Com a bola nas mãos)* – Que absurdo, Didi! Eu vi que tu não cavou! O gramado já tava cheio de buraco antes do jogo começar! *(Tom)* Mas, pior foi aquela bandeirinha *maldita*? Ela só pode tá com aquele desodorante vencido!

DIDI – Vencido por quê, Zica?

ZICA – Porque ela não teve *coragem* de levantar o braço o primeiro tempo todinho! A centroativante do Pirituba tava o tempo todo em impedimento! *(Repousa a bola no chão, senta-se na outra extremidade do banco e começa a desamarrar as suas chuteiras).*

DIDI – Eu quero é ver se, no segundo tempo, aquele *bracinho* vai continuar parado daquele jeito!

ZICA – Descansado do jeito que ele deve de *tá*, vai é agitar aquela bandeirinha mais do que metalúrgico em comício do PT!

DIDI (*Sem prestar atenção no que Zica, enquanto tira um meião, fala*) – Politicagem! É isso que estraga o nosso futebol! (*Depois de retirar o meião, dobra-o com cuidado*)

ZICA – É verdade, Didi! Essa tal de Lei Pelé só atrapalhou o *futebol* brasileiro! Na época da Lei do Gérson, nós *fumo* inté tricampeão!

200

DIDI (*Sem prestar atenção em Zica*) – Quem sabe, agora, a coisa melhora com a regulamentação da Liga! (*Massageia os dedos do pé*)

ZICA (*Revoltada, enquanto tira o meião*) – Sei não, hein? Se o pessoal já *reclamam* quando nós *joga* de sarto arto, o que eles vai dizer se a gente entrar em campo de cinta-liga? (*Faz uma ponta, com o pé já descalço, depois começa a cutucar entre os dedos do pé, com a mão, que leva até o nariz, sentindo o chulé*)

DIDI (*Enquanto tira o outro meião e o dobra, colocando-o sobre o banco*) – A gente tem é

que mudar esse esquema tático! O 4-4-2 não tá funcionando!

ZICA – Não tá, Didi!

DIDI (*De pé, gesticulando muito*) – A gente deveria era variar entre o 3-5-2 e o 4-3-3! (*Volta a sentar-se*)

ZICA (*Cheirando o dedos da mão e sentindo o chulé*) – A gente devia era de abandonar esse esquema tático que ninguém desse time sabe fazer conta, Didi!

DIDI (*De pé*) – O problema é o passe! (*Grita, revoltada*) Tem que acertar esse passe! (*Desce o calção, que está por cima do short de lycra*)

201

ZICA (*Enquanto cutuca o pé*) – Só se for com passe de macumba, Didi! Nem Lei do Passe nós tem mais?! Esse nosso futebol tá perdido!

DIDI (*Tom*) – Depois a torcida reclama! (*Ainda calçando e amarrando as chuteiras*)

ZICA – Eles não entende que futebol feminino é uma caixinha de presilha! (*Veste o calção limpo*)

DIDI (*Amarrando as chuteiras*) – Futebol é assim mesmo!

ZICA (*Senta-se para calçar as chuteiras*) – Num dia se ganha, no outro se perde!

DIDI (*Amarrando as chuteiras*) – E esse calendário não ajuda!

ZICA (*Calçando e amarrando as chuteiras*) – Só colocam a gente pra jogar nos *dia* que *perde*!

DIDI (*Vai levantar a camisa, mas para e faz um comentário*) – Depois, a torcida uniformizada xinga a mãe da gente!

ZICA – Que culpa que tem as *nossa mãe*? Elas não *entende* mesmo de *futebol*.

202

DIDI (*Segura a bola e aponta para ela, como se fosse a torcida*) – A torcida devia era ser a nossa décima segunda jogadora! (*Joga a bola para Zica, que a segura*)

ZICA – É, mas da *última* vez que ocê falou isso, eles invadiram o gramado pra bater em nós! (*Coloca a bola no chão*) Depois, querem que a gente saia da lanterninha do campeonato! (*Inconformada*) Como?

DIDI – Eu só te digo uma coisa, Zica, no segundo tempo ninguém segura a Didi! Olha a panturrilha! A Didi vai encarar aquela marcação, avançar pra dentro da pequena área e entrar com bola e

tudo! Porque time em que Didi joga não engole um seis a zero desses não, minha filha.

ZICA – É assim que se fala, Didi! Vamos partir pra cima, até porque, no segundo tempo, elas *vai* se mexer *menas*!

DIDI – Você acha que elas vão cansar?

ZICA – Não, Didi, porque é a lei do *futebol*: ninguém se mexe em time que tá ganhando!

DIDI – Isso não vai ficar assim, não! (*Gritam*) Vamos virar esse jogo!

ZICA (*Grita*) – Elas vão ver quem é que manda! Vamô ganhar esse campeonato! (*Didi vai tirar a camiseta, mas pára e volta-se para Zica*) 203

DIDI – Pô, ganhar o campeonato não dá, não, Zica! Só faltam três rodadas e a gente ainda não marcou um ponto!

ZICA – É verdade...

DIDI (*Voltando a se animar*) – Vamos se concentrar em fugir do rebaixamento!

ZICA (*Animada*) – É isso aí! Vamo sair da lanterna! Vamo ganhar de goleada! (*Didi vai tirar a camiseta, mas pára*)

DIDI – Pô, Zica! De goleada vai ser difícil! Elas já meteram seis na gente! *(Finalmente, tira a camisa do time e revela a camiseta que está embaixo com os dizeres: esse é pra você, mamãe).*

ZICA – É verdade. *(Olha bem para os dizeres da camiseta)* E, até hoje, você não conseguiu mostrar essa camiseta durante um jogo! Você não marcou um gol em todo o campeonato, hein, Didi?

DIDI *(Esticando a camiseta e olhando para os dizeres)* – É, mas eu estou sentindo que hoje é o meu dia! E, se eu marcar sete hoje, vou para o oitavo lugar na artilharia!

204

ZICA – É assim que se fala, Didi! *(As duas dão um tapa no ar)* Já que você tá tão animada, Didi, vou aproveitar pra te dar um conselho de amiga. *(Irritada, segura a bola e gesticula)* Pô, Didi! Levanta a cabeça! Passa essa bola! Cê tá congestionando tudo pelo meio! Tem que se movimentar mais pelos *franco*! Tentar os *chute* de fora da área pra definir as jogadas e voltar pra marcação! *(Arremessa a bola para Didi)*

DIDI *(Espantada, segura a bola)* – Que é isso, Zica? Virou técnica, agora, é? Não sabe nem quanto é dois mais dois é já acha que pode me dar conselho tático?

ZICA – Tô falando pelo bem do *prantel*. Nos *último* mês, você só balançou a rede da varanda da concentração, Didi! Se você não consegue marcar, deixa comigo que eu decido! Parto de trás e surpreendo a defesa delas! Se bobear, até faço um gol de *praca*!

DIDI (*Irada*) – Jogadora *anarfabeta* não faz gol de letra, muito menos de placa, que tem várias letras! (*Começa a passar um batom olhando no espelhinho do pó-de-arroz*)

ZICA – Nós *tomamos* seis *gol* e você, nossa centroavante, não marcou nenhum. O chute mais perigoso que você deu foi na canela da zagueira do Pirituba! A mulher saiu até de maca! (*Tom*) Nem balançar a trave tu conseguiu!!

205

DIDI – Eu estou dando o meu sangue! Você esqueceu a cabeçada que eu dei no travessão?

ZICA – Ia ser melhor se você tivesse cabeceado a bola, né, Didi? (*Didi levanta os cabelos onde seria o local do galo e passa um pozinho para disfarçar a pancada*) *Alguma* coisa aqui tá errada que não tá certa!

DIDI – Está errado a gente ter tomado seis gols! (*Guarda os apetrechos na nécessaire, de onde tira uma escova*) Me responde, quarta zagueira:

por que nós tomamos seis gols só no primeiro tempo? *(Penteia os cabelos)*

ZICA *(Com convicção)* – Porque quem não faz, leva.

DIDI – Simples assim?

ZICA *(Com resignação)* – A lei do futebol!

DIDI *(Com a escova de cabelos em riste)* – Nós tomamos seis gols porque a defesa desse time tem mais buraco do que meia arrastão! E os seis gols foram todos nas suas costas, Zica! Um, dois, três, quatro, cinco e seis? Conseguiu acompanhar, ou precisa de uma calculadora?

ZICA – E o que você quer? A centroavante delas tava o tempo todo na banheira!

DIDI – E como você pode ter tanta certeza se estava de costas pro lance todas as vezes? *(Dá as costas para Zica, enquanto penteia os cabelos)*

ZICA – *Simples.* Nós faz a linha do impedimento.

DIDI – Não é à toa que chamam a linha de impedimento de linha-burra!

ZICA – Opa!

DIDI – Você devia era parar aquela ponta de lança... (*Levanta a escova de cabelos no ar*) ... Não levantar o braço toda hora pra pedir impedimento! Você levantou tanto esse braço que mais parecia uma jogadora de vôlei.

ZICA – Se não tá satisfeita, devia reclamar com o técnico! Eu, *pelos* contrário, não sou *potregida* de ninguém!

DIDI – O que você quer dizer com *protegida*?

ZICA – Isso mesmo que tu ouviu: *potregida*! (*Tom*) Olha, eu detesto futrica, mas tão dizendo que você é a comidinha do técnico!

207

DIDI – Comidinha?! (*Quica a bola no chão, com raiva*)

ZICA (*Segurando a bola e contracenando com ela*) – É. Essa história de ficar com ele até mais tarde nos *vestiário*, depois do treino tático, não tá pegando bem, Didi. Tão dizendo que *toda* as vez que vocês fica só é *ripa na chulipa e pimba na gorduchinha*!

DIDI – Mas... que absurdo!

ZICA – Tão falando que o professor anda brincando na sua zona do agrião! Que a sua preleção

é ao pé do ouvido e que todas as *noite* vocês *treina* marcação homem a homem.

DIDI – Que mentira!

ZICA – O pior é que dizem que, no final do treino, quem manda a bola pro fundo da rede é o professor! (*Joga a bola para Didi*)

DIDI – Bando de recalcadas! Invejosas! É isso o que elas são! Eu tenho muito futebol, olha a panturrilha!

208 ZICA – Elas *diz* que essa é a única *explicação* pra gente ter uma centroavante titular absoluta que nunca marcou um gol em duas *temporada*!

DIDI – Que grande centroavante nunca passou por uma fase ruim? (*Acariciando a bola, em suas mãos*)

ZICA – Não marcar um golzinho desde que foi contratado? Nem gol contra, Didi... eu pelo menos fiz três...!

DIDI (*Joga a bola no chão*) – É por isso que o futebol feminino no Brasil está mergulhado nessa crise! Mulher é foda! É muita desunião!! E é na hora da crise que a gente tem que se unir! É a lei do futebol!

ZICA (*Segurando a bola*) – É por isso que eu falo: um time são 11 jogadoras.

DIDI – É claro!

ZICA – E a gente tem que somar, não dividir!

DIDI – Lógico! Olha a panturrilha!

ZICA – Até porque eu não sei fazer conta de dividir!

DIDI (*Começa a gritar*) – União! União! (*Zica grita com ela*) União! União! (*Parando, de repente e olhando para as coxias*) Ih! Assim não dá! O intervalo tinha que ser maior no futebol feminino! Quinze minutos é pouco tempo pra uma mulher trocar de roupa e retocar a maquiagem! E ainda temos que repetir a mesma roupa! Como você consegue, Zica?

ZICA – Eu sou profissional! (*Sai e volta a cena*) Vamo, comidinha!

As duas saem de cena. Uma delas pode, finalmente, chutar a bola para as coxias. Ouvimos os gritos da torcida. Depois, o apito do juiz. Alguns instantes e o grito de gol da torcida e do narrador no radinho de pilha dentro do vestiário. O narrador completa: Pirituba 7, União 0.

APRESENTADORA – Durante séculos, as mulheres foram tão aviltadas pela sociedade machista que, na época de Shakespeare, mesmo os papéis femininos, no teatro, eram interpretados por homens. E, nesse sentido, *Romeu e Julieta* teria sido a mais famosa peça gay que se tem notícia! Hoje, as mulheres já podem trabalhar no teatro e receber salários tão ruins quanto os homens. Mas, no cinema, desde os seus primórdios, as mulheres ocupariam um papel de destaque e quebrariam tabus e preconceitos. Hoje, há uma imensa filmografia onde o talento feminino pode ser visto em cores e em grandes closes!

4 – No Set de Filmagens...

Petruska está-se maquiando em frente ao espelho. Ela veste um roupão de banho. Depois de alguns instantes, entra Valeska, também de roupão, que se empolga ao ver a colega de trabalho.

VALESKA (*Empolgada*) – Petruska! Que prazer!

PETRUSKA – Valeska, que bom te ver, menina!

VALESKA – Há quanto tempo!!

PETRUSKA – Engraçado é que ninguém me falou que você também estava no filme!

VALESKA – A Faffy ia fazer.

PETRUSKA – E o que aconteceu.

VALESKA – Ela não contracena mais... (*Segredando*) com mulher.

PETRUSKA – Que coisa estranha!

VALESKA – Uma atriz que se preza não pode ter esse tipo de barreira.

PETRUSKA – Onde é que fica o profissionalismo?

VALESKA – Pois é!

PETRUSKA – Ah, mas vamos esquecer a Faffy! (*Tom*) Que bom que você está aqui!

VALESKA – Eu também estou adorando!

PETRUSKA – Finalmente, nós vamos contracenar juntas!

VALESKA – Nem dá pra acreditar que, trabalhando há tanto tempo, essa vai ser a nossa primeira vez.

PETRUSKA – Ah, uma vez quase rolou, lembra?

VALESKA – Lembro. Em *O Invasor II*.

PETRUSKA – Não. O dois eu fiz!

VALESKA – Ah, então foi no primeiro!

PETRUSKA – Não. A gente quase trabalhou juntas em O Invasor III.

VALESKA – Isso mesmo.

PETRUSKA – Foi uma pena.

VALESKA – Eu teria adorado fazer aquele filme com você!

PETRUSKA – Obrigado. Eu também. Era tão...

212 VALESKA – Sensível. (*Empolgada*) Nossa!... e você falava aquele texto com uma verdade!

PETRUSKA – Sabe que foi tudo de improviso?

VALESKA – Não brinca?

PETRUSKA – Verdade! No roteiro não havia uma fala escrita...

VALESKA – Como era mesmo?

PETRUSKA (*Interpretando como se fosse Shakespeare*) – Oh, Lord! Uhm, Jesus! Yes! Yes! Holly Jesus!

VALESKA (*Bate palmas*) – Lindo! Lindo!

PETRUSKA (*Com modéstia*) – Foi o meu primeiro papel internacional!

VALESKA – E com um inglês impecável!

PETRUSKA – Eu fiz Fisk! Fisk, inglês é Fisk!

VALESKA – Eu estava falando daquele inglês que contracenou com você!

PETRUSKA – Um gentleman!

VALESKA – Você sabe que eu sempre fui sua fã, não sabe?!

PETRUSKA – Pô, e eu admiro muito o seu trabalho! 213

VALESKA – A primeira vez que eu te vi foi no *Poderoso Chefão Anal IV...*

PETRUSKA – É mesmo?

VALESKA – Foi o filme que te lançou, não foi?

PETRUSKA (*Com modéstia*) – Eu ganhei o prêmio de atriz revelação!

VALESKA – Depois, praticamente acompanhei toda a sua carreira: *2001, Uma Odisséia no Espaço Anal; Guerra nas Estrelas Anal; A Noviça Rebelde*

Anal; Apocalipse Anal 3, Carandiru Anal 3, Se Meu Capô De Fusca Falasse! Eu assisti todos eles!

PETRUSKA (*Com modéstia*) – Nossa! Eu fico até sem graça!

VALESKA – Você, sem graça?

PETRUSKA – Pode até não parecer, mas eu sou muito tímida!

VALESKA – Eu acredito. Eu também sou igual! Super tímida! Mas na hora que o diretor grita ação...

214

PETRUSKA – Aí, bate aquele lado profissional.

VALESKA – Exatamente! (*Tom*) Impressionante isso!

PETRUSKA – O quê?

VALESKA – Essa química. Eu sempre achei que rolava uma química entre a gente.

PETRUSKA – Ah, eu também!

VALESKA – Não brinca?

PETRUSKA – Também admiro muito o seu trabalho. Você é um *cisney*...

VALESKA – Pô! Que legal, vindo de você, uma atriz que eu respeito tanto...

PETRUSKA – Fiquei impressionada quando eu te vi naquela refilmagem de *Garganta Profunda*.

VALESKA – Você viu?

PETRUSKA – Claro que vi. *E vi A Gruta sem Fundo; A Gulosa sem Fim; Bola Gato 1, 2 e 3; A Engolidora do Futuro...* Simplesmente incrível!

VALESKA – Obrigada!

PETRUSKA – Como você faz aquilo? Olha que eu assisti aos filmes várias vezes, mas nunca consegui descobrir!

215

VALESKA – Eu aprendi com uma engolidora de espada...

PETRUSKA – Bem que eu desconfiava...

VALESKA (*Abre a boca na frente de Petruska. Aponta para que ela olhe lá dentro*) – Você está vendo? (*Começa a demonstrar a sua técnica. Finge que tem um pênis dentro da boca, faz gestos engraçados, mas tudo de um jeito muito científico*) O segredo é você girar a cabeça de forma a manter esse ângulo em relação à

traquéia (*Como fala com a boca aberta, não entendemos muito bem o que ela diz*). É lógico que mostrando ali, de maneira prática, é muito mais fácil de entender.

PETRUSKA – Ah, com certeza! Quero ver na prática já-já.

VALESKA – Ah, mas tem que operar as *amígdalas*... e tem que ser de barriga vazia.

PETRUSKA – Nem pensar...!

216 VALESKA – Agora, incrível mesmo era o que você era capaz de fazer com cinco caras. (*Mostrando admiração*) Que desenvoltura!

PETRUSKA – Aquilo foram anos de prática!

VALESKA – Mesmo?!

PETRUSKA – Depois eu posso te mostrar qual é a técnica que eu uso!

VALESKA – Eu adoraria!

PETRUSKA – Mas você quer um conselho agora?

VALESKA – Claro!

PETRUSKA – Muito Stanislavski!

VALESKA – Stanislavski?

PETRUSKA – Muito Stanislavski!

VALESKA – Então, você bebe antes de entrar em cena?

PETRUSKA – Não, fofa! Stanislavski é um diretor russo excelente. Ele dirigiu *Prisioneiras da KGB*, *Encarceradas na Sibéria*, *Atrás da Cortina de Ferro* e *Trepando no Muro de Berlim*! Você precisa assistir aos filmes dele. Você sabe que os russos fazem pra valer!

VALESKA – Nossa!

217

Ouve-se uma voz em *off* que grita que a cena vai ser gravada e as meninas devem ir até o set. Elas terminam rapidamente de se maquiar.

PETRUSKA – Ih, está na hora da nossa cena! Vamos lá?

VALESKA – Vamos nessa. Tenho certeza de que vai ser um prazer enorme trabalhar com você.

PETRUSKA – Eu também! (*Tom*) E mais uma coisa: *merda*!

VALESKA – Ih, eu não transo esse tipo de coisa.

PETRUSKA – Que coisa?

VALESKA – Escatologia.

PETRUSKA – Eu quis dizer boa sorte! É assim que a gente deseja sorte antes de uma peça de teatro. A gente diz: *merda!*

VALESKA – Que engraçado! (*Vão se aproximando das coxias*) Eu não sabia que você fazia teatro.

PETRUSKA – Ah, teatro é a minha paixão. Você sabe, o filme é do diretor. Mas o teatro é do ator.

218 VALESKA – E você está com alguma peça em cartaz?

PETRUSKA – É claro! Vai me assistir. Eu estou fazendo *Senta na Minha que Eu Ponho na Tua!* Num teatro ali no centro! O seu boca-a-boca vai ser muito importante! E você só vai pagar cinquenta por cento!

VALESKA – Por quê?

PETRUSKA – Porque você é da classe artística!

Ouvimos uma voz *off* do diretor que pede para que o elenco esteja em cena. As atrizes entram somem nas coxias e jogam os roupões, ou, fazem

menção em deixar cair os roupões e blecaute. Ainda ouvimos no escuro a voz do diretor: Ação!!

Entra a próxima atriz.

APRESENTADORA – Na sociedade do novo milênio, a mulher conquistou novas posições. Além do papai-e-mamãe, a mulher já galgou o sessenta e nove, o frango-assado, a cavalgada e muitas outras. A mulher, que antes não podia dar a sua opinião, hoje pode cair de boca e sem nenhuma censura. Ocupando os mesmos cargos, antes exclusivos dos homens, as mulheres já podem fazer cagadas tão grandes quanto eles. Mas, sem dúvida nenhuma, não bastava que as mulheres ocupassem o lugar dos homens. Era preciso que os homens também ocupassem o lugar das mulheres! Viva o homem-objeto!

219

5 – No Clube das Mulheres...

(Inicialmente, Thelma entra só no palco. Toca uma música muito alta: *It's Raining Men*. As luzes piscam, como em um show. Ela está assistindo a um show de *strip-tease* masculino e faz caras e bocas. Thelma deve parecer uma mulher desejável, apesar de seus trajes mostrarem uma mulher de mau gosto, brega e que usa roupas espalhafatosas, com grandes decotes, seios para a frente e apertados pelo sutiã, algum penteado ou peruca enorme e

escandalosa, cores berrantes, etc. Durante a sua performance, ela tira notas de dinheiro de dentro do decote entre os seios e joga-as para a plateia, onde estaria o fictício dançarino).

THELMA (*Aos berros*) – Vai lá, gostoso! ... Tira tudo!... Mostra o que você tem escondido aí dentro! ... Põe pra fora, seu tesudo! ... Rebola mais que eu quero ver! (*E por aí, vai*).

220 Louise se aproxima olhando ao redor, como se procurasse as amigas da despedida de solteira. Ela se veste com bom gosto e certa sobriedade, sem exageros. Suas roupas devem mostrar uma mulher intelectualizada, culta, informada, mas um tanto tímida, que gosta de se esconder e passar despercebida. Louise não tem uma postura altiva. Pode ter os ombros um pouco arqueados para a frente e andar de cabeça baixa. Ela foi ao banheiro e, na volta, se perdeu das amigas que comemoravam uma despedida de solteira. O lugar está lotado, apinhado de mulheres. Ela está visivelmente constrangida e, quando vê Thelma dando escândalo, fica horrorizada. Ela está tal qual um peixe fora d'água. Cansada de procurar pelas amigas, Louise vê que há um lugar ao lado daquela mulher espalhafatosa. Depois de perceber que não há mais nenhum outro lugar vazio, ela, com muita resistência, acaba se aproximando e sentando ali.

LOUISE (*Embaraçada*) – Com licença?

THELMA (*Sem lhe dar muita atenção, mais interessada no número de strip*) – Senta aí, mulher! (*Grita para o show*) Gostoso! (*Louise senta-se, evidentemente constrangida. Olha mais ao redor procurando as amigas. Thelma vira-se para ela e pergunta de chofre*) Esse cara não é um gostoso?

LOUISE (*Embaraçada com a pergunta*) – Como?

THELMA (*Sem lhe dar muita atenção, mais interessada no número de strip*) – Um gostoso, pô! (*Termina o strip-tease. Ruídos de aplausos. Thelma aplaude também*).

LOUISE (*Olhando bem para Thelma*) – Você parece gostar muito daqui!

THELMA (*Espalhafatosa, bebe mais*) – Se eu gosto? (*Dá um gole e berra*) O Clube das Mulheres é a minha igreja!

LOUISE (*Espantada*) – Igreja?

THELMA (*Espalhafatosa*) – É aqui que eu me confesso! Todas as noites eles põem pra fora os meus demônios!!

LOUISE – Você parece ser bem feliz!

THELMA – Felicíssima, querida! U-uh!

LOUISE – É engraçado...

THELMA (*Como se tivesse sido gozada, meio intimidadora*) – O que é engraçado? Por acaso eu tenho cara de palhaça?

LOUISE (*Intimidada*) – Desculpe. Não é isso... eu só...

THELMA (*Dando um empurrão em Louise*) – Eu estou brincando, sua tonta! (*Cai na gargalhada*)

LOUISE (*Ainda meio assustada, tentando relaxar*) – Uma piada! (*Dá uma risada amarela*)

222 THELMA (*Ainda rindo*) – O Bolha sempre faz isso comigo! (*Ri mais*)

LOUISE (*Sem entender*) – O Bolha?

THELMA (*Séria e parecendo raivosa*) – O Bolha do meu marido! (*Ri novamente*)

LOUISE – E você vem sempre aqui?

THELMA – Sempre que eu posso! Tem futebol, eu estou aqui!

LOUISE (*Sem entender*) – Futebol?

THELMA – É! Ele adora futebol!

LOUISE – Ele?

THELMA – O *Bolha*.

LOUISE – Do seu marido?

THELMA – Esse. (*Impaciente, grita na direção do palco*) E aí, meu? Não tem mais homem nesse lugar! (*Berra*) Eu vim aqui pra ver homem pelado, caralho! (*Para Louise*) Esses caras são fogo! Dão esse intervalo enorme, entre um strip e outro, só pra fazer a gente consumir mais! (*Como se visse alguém passando, berra*) Gostosão, mais uma caipirinha aqui pra mim! E se quiser pode sentar no meu colo também! U-huuu! (*Para Louise*) Viu só que bunda? Aquilo sim que é bunda, não é igual àquele bundão do *Bolha*...

223

LOUISE – ... do seu marido.

THELMA – Esse.

LOUISE (*Entendendo*) – E onde está o... (*Sem jeito*) *Bolha*?

THELMA – ... do meu marido? (*Com desprezo*) Tá lá no futebol. Sabe a ironia disso tudo? Enquanto ele está lá naquele estádio, vendo aquele monte de homem correndo atrás de uma bola; a mulher dele está aqui, correndo atrás das bolas

desse monte de homem! (*Cai numa gargalhada interminável. Louise acaba rindo da risada de Thelma*) E o seu marido?

LOUISE (*Entendendo*) – Ele não gosta de futebol!

THELMA (*Com desdém*) – liiiiii hhhh! Não gosta de futebol? Sei não, hein?

LOUISE (*Entendendo*) – Ele gosta de tênis!

THELMA (*Piscando*) – Sei... aquele da raquetinha?

LOUISE – Esse mesmo.

224 THELMA (*Estendendo a mão*) – A gente nem se apresentou, né, fofa! Prazer, eu me chamo Thelma.

LOUISE (*Apertando a mão*) – Prazer. Louise!

As duas brincam com a coincidência dos nomes

THELMA – Você tá me tirando? Sério? Eu nunca conheci uma Louise.

LOUISE – Você é a minha primeira Thelma.

THELMA – A gente precisa registrar esse momento. Sabe o que eu tenho na minha bolsa? Uma Polaroid. Eu trago pra tirá foto dos bofes!

Vamos lá! (Posam para foto) E o que é que faz o *Raquetinha*?

LOUISE (*Explicando com gestos*) – Bom, a raquetinha serve para bater na bola e mandar pro outro lado da rede!

THELMA (*Dá um passo pra trás e olha Louise de cima abaixo*) Tá me achando com cara de burra, é? Acha que eu não sei pra que serve uma raquete de tênis?

LOUISE (*Sem jeito*) – Não, por favor! Eu não pretendia...

THELMA (*Seca*) – Quero saber o que faz o *Raquetinha*.

LOUISE (*Tentando entender*) – O *Raquetinha*?

THELMA – Do seu marido! O que é que ele faz, fofa?

LOUISE (*Entendendo*) – Ah! Meu marido é...

THELMA (*Grita para um garçom, que estaria passando*) – Ô, gostosão, essa caipirinha vai sair ou vocês ainda vão ter que plantar o kiwi?

LOUISE (*Baixinho*) – Garçom!

THELMA – Não tem jeito, não, fofa. Com esse lugar lotado desse jeito, o negócio é a gente ir à luta! *(Se levanta)* O que você quer?

LOUISE *(Sem graça)* – O que você está bebendo?

THELMA *(Olhando para o copo e olhando de volta para ela)* – No momento nada. Mas, já, já, pretendo tomar a minha caipirinha de kiwi número seis.

LOUISE *(Pensando)* – Eu acho que vou querer isso, então. Essa... número seis.

226 THELMA *(Piscando)* Tá pensando que tá no McDonald's? Pra isso você vai ter que tomar as outras cinco, primeiro. Quer que eu traga tudo de uma vez?

LOUISE *(Rindo, sem graça, da confusão)* – Ah! Sim! *(Consertando, enquanto Thelma olha para ela com uma cara de essa mulher é louca)* Quer dizer, NÃO! *(Se recompondo)* Uma só... basta.

THELMA – Então, me aguarde! *(Ajeita os seios dentro do sutiã, passa a mão nos cabelos e vai andando para uma das extremidades do palco como se passasse pela multidão, esbarrando nas pessoas e pedindo licença, enquanto é observada por Louise, que aproveita para olhar e*

procurar as amigas em volta. Ela sobe em cima da cadeira, coloca a mão sobre os olhos e espia com atenção. Nessa cena, a música sobe. Das coxias, Thelma volta com um copo em cada mão. O percurso de volta é ainda mais engraçado, pois ela tem que equilibrar os dois copos no alto, por sobre a cabeça, para buscar espaço. No meio desse trajeto, Louise vê Thelma voltando e senta novamente na cadeira. Thelma dá os dois copos para Louise, que os segura sem entender direito, olhando para os dois e sem saber qual deles beber. Thelma, rapidamente, ajeita o vestido, os seios e os cabelos, tira um copo das mãos de Louise e senta. A música cai para BG) – Fofa, que empurra-empurra dos infernos! (Dá um longo gole com prazer em sua caipirinha. Depois, solta um gritinho de alegria) – U-huuuu! Quero ver homem pelado nessa espelunca! (Vira-se para Louise) – Então, me conta. Qual é o emprego do Raquetinha do seu marido, fofa!

227

LOUISE – Meu marido exporta! Trabalha com comércio exterior.

THELMA (Com certa inveja) – Uhmhhh! Raquetinha é importante!! (Dá um gole. Depois, fala com um misto de raiva e orgulho) O Bolha também trabalha com comércio exterior.

LOUISE (*Surpresa, tira o copo de perto dos lábios*) – Que interessante!

THELMA (*Com naturalidade*) – É vendedor de porta em porta.

LOUISE (*Levando novamente o copo até os lábios*) – Mesmo?

THELMA (*Com ênfase*) – Ele vende produtos eróticos.

LOUISE (*Bebericando*) – De porta em porta?

THELMA (*Tira da sua bolsa*) – Vibrador, pinto de borracha, boneca inflável, lubrificante, lingerie, algemas, chicote, máscara da Tiazinha, consolo... Tem de tudo. Eu já experimentei...

LOUISE (*Engolindo em seco, olha para o consolo*) – Um consolo?

THELMA – A máscara da Tiazinha.

LOUISE (*Engasga com a bebida. Thelma parte em seu socorro. Dá tapinhas nas suas costas. As duas têm um acesso de riso. Depois que se recuperam, Louise pergunta com muito interesse*) – Onde tem pra vender?

THELMA – Se quiser, eu mando o *Bolha* na sua casa...

LOUISE (*Erguendo o copo de caipirinha, já meio embriagada*) – A caipirinha.

THELMA (*Levando um susto e tirando o copo das mãos de Louise*) – Acabou? Já?! Você bebeu tudo? Assim? Rápido desse jeito?!

LOUISE (*Levantando-se da cadeira, meio trôpega*) – Dessa vez eu vou buscar. Onde você comprou? Eu faço questão!

THELMA (*Olha para a coxa e depois para Louise, já meio altinha. Faz uma cara de impossível chegar até lá. Estende o seu copo para Louise*) – É melhor beber um pouco da minha... (*Louise segura o copo e vai beber, mas Thelma segura o seu braço, antes que ela possa levar o copo até os seus lábios*) – Mas, devagar, hein? Isso aqui não é suco de kiwi! (*Solta o braço de Louise, que dá um gole*) – Pra uma dona-de-casa você bebe bastante, hein?

229

LOUISE (*Corrigindo*) – Pedagoga.

THELMA (*Não entendendo*) – Faz tempo que você...?

LOUISE (*Completando*) – Sete anos.

THELMA – Casada há sete anos?

LOUISE (*Corrigindo*) – Pedagoga há sete anos.

THELMA – (*Confusa*) Ah! Crianças?

LOUISE – Cinco.

THELMA (*Levanto um susto*) – Cinco filhos?!

LOUISE (*Corrigindo*) – Casada há cinco anos!

THELMA (*Pensativa*) – Eu e o *Bolha* estamos juntos há dez anos... (*Com pesar*) dez anos... é muito tempo ...

LOUISE (*Interrompendo*) – Um casal.

230

THELMA (*Concordando*) – É muito tempo pra um casal!

LOUISE (*Corrigindo*) – Eu tenho um casal de filhos!

THELMA (*Volta-se para Louise com os olhos radiantes*) – Um casal? Que lindo!!

LOUISE – Quantos você tem?

THELMA (*Devolve a foto*) – Nenhum. (*Estende a mão e pega o copo, enquanto Louise guarda a foto*) – O Bolha não quer filhos... tem medo que eu vire uma gorda, que esqueça que ele existe... ele odeia crianças... e eu também odeio...

LOUISE – Crianças?

THELMA – Não, o *Bolha*...

LOUISE – ... do seu marido.

THELMA – Esse. (*Revoltada*) Eu não posso engordar, mas ele tem uma barriga assim... (*Estende os braços para frente*) ... de tanta cerveja que o desgraçado bebe. (*Balançando a cabeça com reprovação*) Quem ele pensa que é pra querer o cafezinho sempre na hora certa? Pra querer que eu fique abrindo latinha de cerveja pra aqueles amigos dele! Pra achar que eu não tenho o direito de engordar...! Quem ele pensa que é? (*Tom*) Seu marido te bate?

231

LOUISE (*Veemente*) – Meu marido nunca encostou a mão em mim!

THELMA (*Sarcástica*) – E ainda assim teve um casal? Sei como é que é...

LOUISE (*Se empolgando e levantando da cadeira*) – Não. Não sabe não! Igual ao meu marido não existe! Ele me manda flores no trabalho com cartões românticos, ele me enche de presentes, ele diz que me ama, que não vive sem mim! Ele é culto, é rico, é compreensivo, ele me escuta...

THELMA (*Meio espantada*) – Ele é bonito?

LOUISE (*Senta-se como se estivesse sem forças, arrasada*) – É lindo.

THELMA – Lindo quanto?

LOUISE (*Com uma cara de arrasada, olhar fixo para a frente, ergue a mão e a gira no ar*) – Escolhe o homem mais bonito daqui...

THELMA (*Olhando em volta, aponta para um homem*) – Bonito... como ele ali?

232 LOUISE (*Olha desanimada e volta para a posição inicial, com o olhar fixo para a platéia*) – Mais.

THELMA (*Sem acreditar, chocada*) – Mais bonito?

LOUISE (*Com o olhar perdido, bebe mais*) – Mais CAIPIRINHA!! (*Ergue o copo vazio*)

THELMA (*Espantada*) – Como você bebe, mulher!

LOUISE (*Erguendo-se, sem conseguir se equilibrar*) – Eu compro mais...

THELMA (*Espantada*) – Bêbada do jeito que você está, não vai chegar nem no meio do caminho!! (*Mexendo na bolsa, tira uma garrafinha de uísque*) Eu acho que você não devia beber mais...

LOUISE (*Tirando a garrafinha das mãos de Thelma*) – Você é minha mãe, agora? (*Dá um gole. É muito forte e ela cospe*) Isso não tem gosto de kiwi!

THELMA (*Pegando a garrafa*) – Nem podia! (*Dando um gole*) Isso tem gosto de milho! É uísque, do *Bolha*...

LOUISE – Do seu marido! (*As duas riem. Louise pega a garrafa e bebe também*) Amargo!

THELMA (*Pensativa*) – Você se acostuma! (*Louise dá mais um gole*) Casada há dez anos com o *Bolha*, eu me acostumei rápido com esse gosto amargo... (*Tira a garrafa de Louise que a virava*) Vai com calma, fofa! (*Vai dar um gole, pára com a garrafa perto da boca e pergunta*) Então, o seu marido é um bonito?

233

LOUISE – Pois é... um gostosão...

THELMA (*Sem entender*) – E por que parece que isso te incomoda tanto? Você tirou a sorte grande, fofa! Se não tá satisfeita com o seu marido, vamos trocar! Você fica com o *Bolha* e eu com o *Raquetão*!

LOUISE – Eu adoro o meu marido!

THELMA – Eu também!

LOUISE – Adora o *Bolha*?

THELMA – Não, fofa! Adoro o *SEU MARIDO*!

LOUISE (*Com raiva, avança em cima de Thelma*)
– Sabe por que eu estou aqui?

THELMA (*Dá um passo para trás*) – Pra ver homem pelado?

LOUISE (*Revoltada*) – A minha analista disse que eu deveria vir! Na despedida de solteira da minha amiga... no Clube das Mulheres... Eu não queria!

234

THELMA – Eu não queria ser casada com o *Bolha*, mas estou sobrevivendo...

LOUISE (*Meio que revoltada*) – A minha analista acha que eu tenho um problema de autoestima! Que eu não gosto de mim.

THELMA (*Balançando a cabeça, como que dizendo... coitadinha*) – Eu não gosto. Definitivamente, eu odeio o *Bolha*!

LOUISE (*Meio que revoltada*) – Eu acho que não mereço o meu marido... (*Cutucando Thelma*) Ela disse que eu acho que ele é muito pra mim!

THELMA – O *Bolha* é muito pra mim! É um fardo pesado, gordo e cheirando a cerveja!

LOUISE – E ele é MESMO muito pra mim! Ele pode ter a mulher que quiser e foi escolher justo eu! Por quê? Olha pra mim! (*Tom*) Eu não entendo!

THELMA (*Revoltada*) – Eu não entendo ... Por que eu ainda estou com o *Bolha*, meu Deus?!

LOUISE (*Meio que revoltada*) – Minha analista acha que aqui, no Clube das Mulheres, eu posso exercitar o meu poder sobre os homens!

THELMA (*Revoltada*) – Tudo o que eu mais queria era exercitar o poder do meu soco naquele saco de banhas!

235

LOUISE (*Decidida*) – Sabe o que eu penso do Clube das Mulheres?

THELMA (*Revoltada*) – O *Bolha* é um salafrário!

LOUISE (*Seriíssima*) – O Clube das Mulheres é... (*Segura Thelma*)... me escuta, Thelma!... O Clube das Mulheres é um símbolo da sociedade consumista, que usa o sexo como mercadoria, que explora o homem como objeto sexual e faz das mulheres meras consumidoras histéricas em busca de prazer vulgar e barato.

THELMA (*Empolgada*) – Não é ótimo?!

LOUISE (*Empolgada*) – É maravilhoso! (*As duas soltam um berro e caem na gargalhada. Começa um novo show de strip, volta a tocar uma música mais alta, talvez Great Balls Of Fire. Louise olha para o stripper como se estivesse num transe, depois, diz com convicção*)

THELMA – Em que lugar você poderia gritar: (*Grita*) *Senta aqui no meu colo, seu gostoso!* (*Para Louise*) Vai! Experimenta você!

LOUISE (*Grita*) – Seu gostoso!!

236 THELMA (*Se empolga*) – Vou te chupar todinho!

AS DUAS (*Começa a gritar*) – Tira! Tira! Tira! (*As duas gritam em uníssono*) Tira! Tira!

LOUISE (*Enlouquece*) – Gostosão, fica de quatro!

THELMA (*Soltando a franga*) – Aqui nós é que mandamos!

LOUISE (*Grita*) – Põe essa tora pra fora!

THELMA – Os homens comem na nossa mão. Eles nos tratam como rainhas! Eu até esqueço que vou encontrar o *Bolha* do meu marido quando voltar pra casa!

LOUISE (*Gritando*) – Lindo! Tesão! Bonito e gostoso!

THELMA (*Solidária*) – Eu até esqueço que sou apenas uma dona-de-casa!

LOUISE – Tira logo essa farda, bombeiro tesudo!

THELMA (*Vai ficando triste*) – Que o meu marido é um bêbado... (*Mais triste*)... que não me deixa ter filhos lindos!

LOUISE (*Enlouquecida*) – U-huuuu! É isso aí, bombeiro! Vem apagar o meu fogo!

THELMA (*Quase chorando*) – Pelo menos, com filhos, eu não ficaria sozinha quando ele vai me trair na zona...

237

LOUISE (*Girando o braço no ar*) – U-huuuuuu! Tira tudo!...

THELMA (*Tentando se confortar*) – Aqui eu posso até fingir que sou feliz... (*Berra*) Aqui eu sou a mulher mais feliz do mundo!

LOUISE (*Pulando*) – Mostra logo o tamanho desse extintor!

THELMA (*Chorando*) – Eu adoro o Clube das Mulheres!

LOUISE (*Girando o braço no ar*) – Eu adoro o Clube das Mulheres!

A música sobe, enquanto Louise se empolga mais e mais com o show e Thelma chora sem parar. A luz cai lentamente.

Entra Vídeo Infância 1.

Infância. Trilha: músicas de cantigas de roda mixadas às risadas de crianças.

Petruska entra só no palco. Ela brinca com a Barbie e o Ken. Faz a voz dos dois.

238 PETRUSKA (*Brinca com a Barbie e o Ken*) – Oi, querido! Como foi o seu dia? O meu dia foi uma merda! Eu trabalho! Não sou você, que fica em casa sem fazer nada! (Tom) O que tem pro jantar? Canja de galinha, querido. De novo essa água suja? Não tem mais nada na dispensa, querido! Tá reclamando? Acha que eu não ponho dinheiro suficiente em casa? Não, querido! Eu vou ver se encontro alguma coisa pra comer no bar! Mas você acabou de chegar em casa! Eu faço o que eu quero mulher! Eu mando nessa casa, esqueceu? Tudo bem, querido. Tudo bem, nada. Tira a roupa. Não na frente da menina, querido. Tira a roupa! Você é minha mulher! Tira já a roupa! Querido, porque você não faz como disse e vai até

o bar? Se não tirar a roupa eu te encho de porrada! Não, amor! Não me bate! Vagabunda! Eu te sustento! Você tem que fazer o que eu quero! Você é minha mulher! Não, querido! Não! Não!”

Chega Zica.

ZICA – Oi, Cidinha!

PETRUSKA (*Colocando as mãos na cintura*) – Zica, quantas vezes eu preciso dizer que o meu nome não é Cidinha? Eu me chamo Petruska! Petruska Vladislava!

ZICA – O que você tá fazendo?

239

PETRUSKA – Estou brincando de boneca.

ZICA – Boneca é coisa de mulherzinha!

PETRUSKA – E você é o quê?

ZICA (*Finge coçar o saco, onde colocou uma meia para dar volume*) – Eu sou menino! Tu é cega? Não tá vendo o *tamanho dos documento*?

PETRUSKA (*Se aproximando*) – Então, põe esse pinto pra fora!

Zica começa a chorar e se afasta correndo. Agnes vem chegando e se aproxima de Petruska.

AGNES – (*Fazendo o sinal da cruz*) Cruz-credo, Cidinha!

Beth se aproximam de Zica.

BETH – Zica, por que você tá chorando? Seu pai te bateu?

ZICA (*Chorando*) – Eu não tô chorando! Menino não chora!

Agnes chega mais perto de Petruska.

AGNES – Cidiíííííinha!

240 Petruska não dá bola.

BETH (*Assustada*) – Ai, meu Deus, Zica! Você viu a loira do banheiro? Eu já vi a loira do banheiro, por isso eu não vou mais no banheiro sozinha. (*Tom*) Tá me dando uma vontade de fazer pipi...

ZICA – Eu não tenho medo de nada! Eu sou menino, tá? Por isso eu te levo no banheiro! (*As duas saem de cena*)

AGNES (*Empurrando Petruska*) – Cidinha! Eu tô falando com você!

PETRUSKA – Eu não sei quem é Cidinha! Eu me chamo Petruska Vladislava!

AGNES – Vou contar pra sua mãe que você falou um palavrão!

PETRUSKA – Desculpe, mas eu não posso falar com você, agora! Estou muito ocupada!

THELMA – Fazendo o quê?

PETRUSKA – Brincando de boneca! Quer brincar?

AGNES (*Cantarola*) – Petruska falou palavrão!

THELMA – Eu quero!

AGNES (*Cantarola*) – Petruska falou palavrão!

THELMA – A sua Barbie Pequena Sereia é velha! Precisa de botox.

PETRUSKA (*Olha para a Barbie*) – Não é, não.

AGNES (*Cantarola*) – Petruska falou palavrão!

THELMA – A minha Barbie Princesa Cinderella é mais nova e mais bonita!

PETRUSKA (*Pensa*) – Não gostei de brincar com você!

AGNES – Deus não gosta de criança que fala palavrão!

PETRUSKA – Pinto não é palavrão!

AGNES – É palavrão, sim!

PETRUSKA – Não é! Palavrão é caralho, porra, buceta, puta que pariu, foda-se ...

AGNES (*Dá um gritinho*) – Quem te ensinou isso? Menina que fala palavrão vai pro inferno!

PETRUSKA – Vamos trocar um pouco de boneca!

THELMA – Só um pouco! A sua Barbie tá mordida na perna.

242 PETRUSKA – É o Ken. Ele gosta de sexo selvagem!

BETH (*Voltando para a cena com Zica*) – Zica, fala por que você tá chorando?! Você levou um susto, foi? Onde? Me mostra?

PETRUSKA – A Zica tá chorando porque ela queria ser menino pra jogar bola com os outros meninos. Mas ela tem xereca e menino tem pinto!

AGNES – Xereca é nome feio! É pixoquinha que fala!

ZICA – Eu tenho é pinto!

THELMA – Eu tenho perereca!

BETH (*Implicante*) – Eu já tive sapinho!

PETRUSKA – Eu tenho é *buceta*!

ZICA – Eu não tô chorando! Eu sou menino!
Eu xingo!

Todas podem pegar no pé da Zica nesse momento.

TODAS (*Cantarolando*) – A Zica é menina! A Zica é menina! A Zica é menina!

ZICA – Não sou! Eu sou menino e vou bater em vocês *tudo*!

243

BETH – Zica, por que você não gosta de ser menina?

THELMA – Porque ser menino é muito melhor que ser menina, Beth! Menino não lava louça, não lava roupa, não varre a casa, não arruma o quarto, pode chegar em casa tarde, não toma banho, pode bater na gente...

AGNES – É. Menino faz o que quer!

PETRUSKA – E menino pode mijar em pé porque tem pinto! (*Grita*) Mostra o pinto, Zica!

AGNES – Deus vai castigar a Petruska!

PETRUSKA – Só porque eu falei pinto?

AGNES – Sem-vergonha! Falou de novo!

PETRUSKA – Eu falo pinto quantas vezes eu quiser! Você não manda em mim: pinto, pinto, pinto, pinto, pinto, pinto, pinto, pinto, pinto, pinto...

Petruska e Agnes saem de cena, falam ao mesmo tempo.

AGNES – Sem-vergonha, sem-vergonha, sem-vergonha, sem-vergonha, sem-vergonha, sem-vergonha...

244

As duas saem de cena.

ZICA – Sabia que eu já fiz gol de tudo quanto é jeito? Gol de carrinho, gol de patinete, gol de bicicleta!

THELMA – Você não tem bicicleta, que eu sei!

ZICA – Eu já fiz gol *inté* de cobertor!

BETH – Por quê? Você tava com frio?

ZICA – Gol de cobertor é quando você joga a bola e *descobre* o goleiro! E tem gol de lençol também!

THELMA – Vai ver que é por isso que eu fico com sono quando vejo futebol!

BETH – E gol de travesseiro, você já fez, Zica?

THELMA – Eu detesto futebol! Quando tem jogo o pai não sai da frente da TV e briga com a mãe! E quando o time perde, ele bebe! Pior que ele torce pro Juventus, que perde sempre.

BETH – Eu consigo ficar um tempão sem respirar!

THELMA – Eu também!

ZICA – Eu também!

245

Ficam as três sem respirar, enquanto as outras continuam repetindo a mesma coisa. De repente, elas param. Olham para as outras sem respirar e voltam a repetir em seguida.

BETH (*Para Zica*) – Respirou!

ZICA – Você respirou que eu vi!

THELMA – Eu ganhei!

Petruska e Agnes voltam à cena.

PETRUSKA – O que é que foi, Agnes? (*Tom*)
Nunca viu um pinto?

AGNES – É lógico que não, sua suja! Seu pai devia lavar sua boca com sabão!

PETRUSKA – Eu não tenho pai!

BETH – Tem sim! Minha mãe disse que ele vive enchendo a cara de cachaça lá no bar com o pai da Thelma!

THELMA – Olha como fala do meu pai! Ele me deu educação, viu? E, se vocês não sabem, cachaça é bom pra saúde, tá? E com limão e açúcar é muito gostoso. Eu já tomei!

PETRUSKA – Tomou?

246

THELMA – Tomei.

AGNES – Todo mundo que tem pai devia agradecer a Deus! Mesmo ele sendo cachaceiro!

PETRUSKA – Aquele não é o meu pai.

THELMA – E onde está o seu pai?

PETRUSKA – Eles levaram... Os *aliendígenas*!

BETH (*Assustada*) – Nossa! Você também já viu os *a-li-en-dí-ge-nas*?

PETRUSKA – Vi! Eles são peludos, feios e fosforescentes!

BETH (*Vai ficando apavorada*) – Eu sei! E o disco voador faz um barulho horrível, muito parecido com a enceradeira velha lá de casa!

PETRUSKA – É. Eu vi quando o disco voador levou o meu pai!

BETH – Você sabe se eles vão levar mais alguém?

PETRUSKA – Eles disseram que você ia ser a próxima, Beth!

BETH (*Apavorada*) – É mesmo?

PETRUSKA – Eles ainda não passaram no seu quarto?

247

BETH (*Apavorada*) – Não sei...

THELMA – Você tem escutado uns barulhos esquisitos quando tá dormindo, Beth?

BETH (*Apavorada*) – Tenho! Eu sempre escuto uns barulhos!...

THELMA (*Se aproximando de Beth*) – São eles, Beth! Eles estão se aproximando...

PETRUSKA (*Se aproximando de Beth*) – Vão se esconder debaixo da sua cama...

THELMA (*Se aproximando de Beth*) – E... quando você pegar no sono...

Thelma e Petruska dão um grito histérico que apavora Beth, que grita também.

BETH (*Apavorada*) – Socorro!! Eu tenho medo!
(*Coloca uma chupeta na boca sempre que fica com muito medo*)

Petruska e Thelma riem a valer.

BETH – Agnes, foram os alienígenas que levaram o seu pai?

248 AGNES – Não, Beth. Foi Deus! Meu pai está lá no céu. É pra lá que vão todos os pais.

ZICA – E todos os *craque* de futebol. Meu pai que disse!

BETH – Até o Maradona vai pro céu?

AGNES – Não, Beth. O Maradona vai pro inferno.

ZICA – É! Porque ele é argentino!

AGNES – Porque o Maradona cheira. Meu padrinho que disse.

BETH – O Maradona não toma banho?

THELMA – Acho que não. Já viu o cabelo dele?

PETRUSKA – A Agnes faz xixi na cama!

AGNES – Não faço, sua mentirosa!

PETRUSKA – Faz, sim! Eu vi sua mãe levando o seu colchão pra secar no sol! Tinha uma mancha assim!

AGNES – É mentira!

PETRUSKA – Minha mãe me disse que a sua mãe disse que não sabe por que você voltou a mijar na cama!

AGNES – É mentira! Lá-lá-lá-lá! É mentira! Lá-lá-lá-lá! *(Segue repetindo)*

249

PETRUSKA – E minha mãe me disse que acha que a culpa é do seu padrinho!

AGNES *(Cantarolando)* – Eu não estou ouvindo! Lá-lá-lá-lá-lá-lá! Eu não estou ouvindo! Lá-lá-lá-lá-lá-lá! *(Segue repetindo)*

PETRUSKA – Minha mãe disse que o seu padrinho é um *santo do pau oco*!

AGNES *(Cantarolando)* – Eu não estou ouvindo! Lá-lá-lá-lá-lá-lá! Eu não estou ouvindo! Lá-lá-lá-lá-lá-lá! *(Segue repetindo)*

PETRUSKA – Minha mãe disse que o seu padrinho segura a Bíblia com uma mão, e, com a outra, segura o pinto!

AGNES – Sua suja! Sua podre! Menina sem-vergonha! Deus vai te castigar!

ZICA – Petruska, eu já vi o pinto do meu pai!

THELMA – Sabia que é com o pinto que eles fazem bebê?

BETH – Não é a cegonha que traz os bebês?

250

ZICA – Como faz filho?

THELMA – Filho não faz. Filho nasce!

PETRUSKA – O homem enfia o pinto dentro da xereca!

AGNES (*Sinal da cruz*) – Deus me livre e guarde!

BETH – Nossa! E não dói?

ZICA – Eu já tomei uma injeção e doeu muito! E a agulha era bem fininha! Mais fininha que o pinto do meu pai!

THELMA – É lógico que dói!

ZICA – Thelma, o que é esse roxo no seu braço?

THELMA – Eu caí.

ZICA – Você vive caindo, hein, Thelma? Eu vivo levando pontapé, chute! Mas eu não caio fácil, não!

BETH – De onde você caiu, Thelma? Era muito alto? Eu morro de medo de altura!

THELMA – Eu caí da escada. Eu tenho o sangue levemente azul, de princesa. O Dom Pedro era meu tataravô. A Lady Di era minha prima! E aí, eu tava descendo de princesa, e caí da escada. Aí, meu pai pegou a cinta nova dele... e...

251

AGNES – Você já foi num castelo?

THELMA – Claro! Eu moro num castelo!

PETRUSKA – Mentirosa! Você mora na Cohab que *nem nós*!

THELMA – Não moro, não! Eu só tô passando férias na casa dos empregados. Eu tenho que fingir que sou pobre que nem vocês pra não ser seqüestrada! Eu só brinco com vocês porque eu sou muito boazinha! (Tom) Zica, teu pai te bate?

ZICA – *Craro!* Mas também eu sou uma peste!
Apronto mais que os meus *irmão tudo junto!* Já
teve jogo que eu levei quatro *cartão vermelho!*
(*Espalma a mão aberta*)

BETH – Vamos ver quem tem o pai mais legal?

ZICA – O meu é o mais legal! Ele é até sóciofundador do União Futebol *Crube!*

BETH – O meu é mais legal que todos porque ele trabalha muito! E não é cachaceiro!

AGNES – O meu é mais legal que todos porque ele tá lá no céu!

252 THELMA – O meu é mais legal que todos porque ele me bate quando eu faço coisa errada! Por isso, quando eu crescer, eu vou ser uma menina muito boazinha.

BETH – E o seu pai, Petruska?

PETRUSKA – Essa brincadeira é muito chata! Sabe de que é legal brincar? De ser gente grande!

Clima. Mudança de luz.

BETH – Quando eu crescer, eu vou ser aeromoça!

PETRUSKA – Quando eu crescer, eu vou ser uma grande atriz!

AGNES – Eu vou casar e ter um monte de filhos!

ZICA – Eu vou ser jogador de futebol e vou ganhar muito dinheiro!

THELMA – Eu vou ser independente, vou trabalhar fora e vou ter um casal de filhos lindos!

Nesse momento, entra o vídeo final das crianças.

TIA – Era uma vez, uma menina... (*Entra apoio de vídeo no telão*) Quando ela era criança, gostava de brincar que era adulta. Quando ela era menina, gostava de brincar que era mulher. Quando ela era ingênua, gostava de brincar que era sapeca. Quando brincava, sonhava, ria, existia. Mas quando ela cresceu parou de brincar. Parou de sonhar. Parou de sorrir. Porque ensinaram pra ela que, quando a gente cresce, esquece que foi criança. Que a vida não é um parque de diversões. Que ela é feita de sofrimento e dor. Mas um dia ela dormiu e sonhou que não tinha crescido. E acordou e esqueceu de ser adulta. E se lembrou de quem ela era. E percebeu que não tinha crescido, que não tinha mudado. Ela era a mesma criança. Esquecida de si. Agora, ela se lembra. Ela se lembra de quem é. E ela não vai mais esquecer.

253

Acende – um a um – foco nas atrizes crianças.

BETH – Eu sou a Beth!

AGNES – Eu sou a Agnes!

PETRUSKA – Eu sou a Petruska!

ZICA – Eu sou a Zica!

THELMA – Eu sou a Thelma!

Todas repetem ao mesmo tempo:

TODAS – Vocês querem brincar com a gente?

Blecaute. Entra mixagem de cantigas de roda misturadas às risadas de crianças como no início da peça.

Fim

**Henrique V,
Que Queria Ser o Primeiro**

Henrique V, Que Queria Ser o Primeiro

de Emilio Boechat (18ª versão – revisão do dia
19 de abril de 2000)

Personagens em ordem de entrada em cena:

Gaiteiro

MENSAGEIRO

Rei Henrique V

Rainha Elisabeth

Mago Mordak

Malcolm, irmão de Henrique V

Príncipe Macbeth

Duncan, servo do príncipe

Serva/costureira do príncipe

Granduque Mac Donald

Mensageiro 2

Arauto

A morte

Rosencrantz

Guildestern

Marcello, o Mercador Cego

Mensageiro 3/general do Exército

Soldados do REI

Rei Luís 1

Personagens:

Rei Henrique V

Rainha Elisabeth
Mago Mordak
Lorde Malcolm
Príncipe Wallace Macbeth
Duncan, servo do príncipe
Duque de Mac Donald
A Morte
Rosencrantz
Guildenstern
Rei Luis I
Gaiteiro real
Os versáteis:

Serva/costureira do príncipe
Marcello

Mensageiro 3/ general do Exército

Mensageiros 1 e 2

Arauto

Soldados

Perfil dos personagens:

Rei Henrique V, do Clã dos Macbeth – Homem de certa idade (por volta dos 50 anos ou mais) é o rei soberano da Escócia. Carrega um grande trauma em sua vida, o fato de ser quinto, enquanto o seu desafeto, o rei de França, é primeiro. Por este motivo, declara guerra à França achando que se derrotar Luis I se tornará, automaticamente, Henrique I. É um déspota, apesar de não saber o que significa isso. Usa o cargo de Rei como

uma criança mimada: apenas para satisfazer as suas vontades, as mais estapafúrdias possíveis. Exerce com orgulho o poder que tem sobre a vida ou morte das pessoas que o cercam (dando sempre preferência pela morte, é claro). Fia-se nos conselhos de seu braço direito e eminência parda: o Mago Mordak.

Rainha Elisabeth – Mais jovem que o rei (entre 35 e 40 anos) casou-se com Henrique por um acordo entre famílias quando tinha apenas 14 anos. Com um apetite sexual enorme (que faz dela quase uma ninfomaníaca), não consegue satisfazer-se apenas com o rei (já idoso). Arruma logo vários amantes. Menosprezada num reino onde só os

homens detêm o poder, com uma inteligência e cultura limitadas, acaba descobrindo ser médium e que consegue contatar-se com os mortos. Depois que é banida da corte para um convento, foge de lá. Com a ajuda dos mortos que estão sempre com ela, torna-se líder evangélica.

259

Mago Mordak – Diz-se um instruído nas ciências ocultas e magia negra. Mas não passa de um grande charlatão. Sendo o único lúcido de todo o reino, usa suas artimanhas para manter privilégios mudando de lado sempre que lhe convém. É o braço direito do rei Henrique aconselhando-o em todos os momentos de crise do reino.

Lorde Malcolm de Macbeth – Irmão mais novo do rei Henrique V, não se conforma em ser muito mais culto do que ele e ter que se contentar em ser apenas um nobre, sem poderes políticos. Trama tomar-lhe a coroa e tenta obter, para isso, a ajuda do mago. Revela-se um megalomaniaco psicopata que fará de tudo para chegar ao trono.

Príncipe Wallace de Macbeth – filho mais novo do rei Henrique, sente-se deslocado em um reino de homens brutos. Por isso, mantém forte relação com sua mãe, sendo seu maior fã e admirador. Fica radiante quando o pai resolve casá-lo com o príncipe Ferdinando da Espanha. Quando o rei cancela o casamento e exila sua mãe num convento, pensa em trair o pai, instigado por seu tio. Acaba enlouquecendo, corroído pela culpa de sua traição.

Duncan – servo pessoal do príncipe Macbeth e também seu maior amigo e confidente. A relação dos dois é como a de uma madame com o seu cabeleireiro. É também um admirador da rainha Elisabeth e, depois que ela passa a interessar-se pela magia, torna-se quase que seu braço direito e espião no reino, levando para ela as informações do palácio quando esta já está pregando para o povo nos campos. Odeia o mago Mordak e, com a disputa pelo poder entre o rei e seu irmão, começa a sonhar em ocupar o seu lugar

como conselheiro da futura soberana da Escócia, no caso da morte de ambos. É afetadíssimo.

Grão-duque de Mac Donald – É o don Juan do reino. Casado, é amante da rainha da Espanha e da própria Elisabeth. Chega ao absurdo de transar e enganar a própria morte. Morto por engano no lugar de Henrique, volta do além para se encontrar com a rainha, a única com poderes de ver e falar com os mortos. É um de seus conselheiros quando resolve fugir do exílio e pregar para o povo.

Morte – Linda e sedutora, é na verdade a assistente de sua irmã (esta sim, a Morte de verdade). É enganada pelo grão-duque de Mac Donald's, pelo príncipe e por Marcello, o mercador que, por sua vez, são acobertados pela rainha. A Morte é obrigada a pedir ajuda ao Mago e passa a dever-lhe um grande favor.

261

Rosencrantz e Guildenstern – São os mesmos personagens da história de Hamlet. São como unha e carne, um completando sempre o discurso do outro. Veem tudo o que observam com uma visão crítica e distanciada.

Rei Luis I – Desafeto de Henrique V aparece apenas no final da peça para dar-lhe um desfecho surpreendente. Fala com sotaque francês e é afetado ao máximo.

Gaiteiro Real – Músico de gaita de fole escocesa. Entra mudo e sai calado. Comenta musicalmente certos momentos da peça.

Marcello, o mercador de Veneza – Grande fã dos dotes físicos da rainha, teve os olhos vazados, por ordens do rei, quando espionava um dos banhos semanais de sua soberana. É tido no reino como um homem muito esperto e habilidoso negociante (mas a sua fama é bem maior do que a sua esperteza e tino para os negócios). Torna-se aliado de Lorde Malcolm em seus planos para tirar Henrique do poder. Morre em uma das batalhas e busca refúgio também nos braços da rainha, médium.

262

Mensageiro 3/General das tropas de Henrique – torna-se general pelo simples fato de desafiar o rei quando, ao levar até ele a notícia de que lorde Malcolm invadiu a Escócia, critica-o dizendo que este não sabe escolher os seus homens de confiança.

Os Versáteis – Atores de veia cômica e circense, esses três atores são os grandes curingas do espetáculo revezando-se em todos os papéis pequenos da peça (mensageiros, arauto, soldados, e até mesmo Marcello e general). São responsáveis pelos números de humor físico dentro do espetáculo com acrobacias e piruetas.

Sinopse do Espetáculo:

Henrique V, rei da Escócia, está em guerra com o Luis I, rei de França (e está perdendo feio). As esperanças do rei voltam-se para:

em primeiro lugar, a volta de seu primogênito e herdeiro o príncipe William, que saiu da Escócia para aventurar-se pelo mundo escrevendo para teatro;

em segundo lugar, para uma provável aliança com o rei da Espanha consolidada por meio do casamento de seu filho mais novo, príncipe Macbeth, com Ferdianando, herdeiro do reino da Espanha.

263

Lorde Malcolm, irmão de Henrique, achando-se mais bem preparado do que este para ocupar o trono, trama roubar-lhe a coroa. Para isso, busca a ajuda do mago Mordak, conselheiro pessoal do rei e amante da rainha Elizabeth.

O mago, que não quer perder o poder seja lá quem ocupe o trono, faz jogo duplo, fingindo trabalhar ora para o rei, ora para seu irmão.

Malcolm, por sua vez, descobre que a rainha Elisabeth tem um amante e trama matar seu irmão e jogar a culpa na rainha e em seu amante.

Por engano, acaba matando, no lugar do rei, o grão-duque de Mac Donald (também amante de Elisabeth).

O rei descobre o crime do irmão e a traição da rainha. Para puni-los, envia o irmão para as Cruzadas e exila a rainha em um convento.

Malcolm não desiste de tomar a coroa do irmão. A conselho do mago, aproveita-se do descontentamento do príncipe Macbeth (que tivera o casamento com o príncipe de Espanha cancelado pelo rei e sua mãe exilada por ordem deste também), e tenta convencê-lo a levar seu pai para a morte durante o dia da caçada ao *sdruwal*.

264

O rei acaba sobrevivendo à traição do filho. Isso faz com que o príncipe enlouqueça com a culpa. Malcolm, por sua vez, foge para a França.

Paralelamente, a rainha, que se descobre com o poder de comunicar-se com os mortos, foge do convento onde estava desterrada e torna-se uma líder evangélica. Ela prega para seu povo, aconselhada pelos mortos que falam com ela (entre eles o seu filho Macbeth e o grão-duque de Mac Donald).

Lorde Malcolm invade a Escócia à frente das tropas de Luis I. O rei, a conselho do mago, enfrenta

o irmão, comandando ele mesmo as tropas escocesas. O mago trama que o rei e o irmão não saiam da guerra com vida. Para concretizar seus planos, busca o apoio da rainha, que assumiria o trono no caso da morte de Henrique e Malcolm.

Os planos do mago dão certo e o rei e Malcolm acabam matando-se um ao outro. O que ele não esperava é que Duncan, servo da rainha e do príncipe, o assassinasse pensando já em tornar-se o novo mago do Reino.

Logo após as mortes do rei, de seu irmão e do mago, é anunciada a volta de William à Escócia. Mas ele cai do cavalo, quebra o pescoço e morre.

265

Elisabeth, então, torna-se a única e legítima herdeira ao trono da Escócia. Como rainha, nomeia Duncan o novo mago e seu conselheiro pessoal. Mas, para espanto de todos, o Mago Mordak ressuscita e pede que a rainha o torne bispo de sua igreja recém-fundada: a Igreja Universal do Reino da Escócia.

Nomeado bispo, o mago envia Duncan para a fogueira da inquisição por praticar a magia e as ciências ocultas.

O final da peça é marcado por uma grande revelação. Para aplacar a ira de Luis I, rei de França, e

assinar a paz com a França, a rainha Elisabeth é obrigada a casar-se com o soberano francês que se torna também rei da Escócia. O fato desperta a ira de alguns dos súditos e comandados da rainha, que tramam tomar-lhe a coroa, dando a impressão de que toda a trajetória de guerras e traições na Escócia ainda não chegou ao fim.

Ato único

CENA 1 – Castelo. Salão do trono do rei.

CENA 2 – Corredores do castelo.

CENA 3 – Aposentos do príncipe Macbeth.

CENA 4 – Salão do trono do rei.

CENA 5 – Aposentos da rainha.

CENA 6 – Aposentos do príncipe Macbeth.

CENA 7 – Gruta do mago.

CENA 8 – Castelo. Salão do trono do rei.

CENA 9 – Corredores do castelo.

CENA 10 – Aposentos da rainha.

CENA 11 – Gruta do mago.

CENA 12 – Salão do trono do rei.

CENA 13 – Corredores do castelo.

CENA 14 – Aposentos do príncipe Macbeth.

CENA 15 – Gruta do mago.

CENA 16 – Salão do trono do rei.

CENA 17 – Corredores do castelo.

CENA 18 – Aposentos da rainha.

CENA 19 – Floresta.

CENA 20 – Salão do trono do rei.

267

CENA 21 – Velório no salão do trono do rei.

CENA 22 – Corredores do castelo.

CENA 23 – Floresta.

CENA 24 – Funeral no salão do trono do rei.

CENA 1 – Castelo. Salão do trono do rei.

O gaiteiro de fole entra seguido da guarda real (3 atores) e inicia os primeiros acordes de uma música escocesa. *Todos os personagens masculinos usam kilt (saia)*. Mensageiro entra cambaleando, suas vestes rasgadas e manchadas

de sangue. Uma expressão de dor em seu rosto.
Faz uma reverência

MENSAGEIRO – Realeza real, rei Henrique, o quinto do clã dos Macbeth, patrono dos descamisados! Nossos homens não puderam resistir ao poderio do exército de Luis I, rei de França! Todos morreram!

268 REI – Miseráveis! (*Tom*) oh, se William, meu primogênito e príncipe herdeiro, estivesse conosco... Mas preferiu a pena à espada! E saiu a aventurar-se pelo mundo escrevendo histórias de outros reinos, literatura panfletária! Como se isso pudesse ter algum futuro! Enquanto temos aqui uma guerra para resolver, ele se interessa por teatro! Teatro! Oh, teatro! (*para o mensageiro*) o que me dizes só entristece ainda mais meu coração já combalido, mensageiro! (*grita*) Matem esse homem!

O Mensageiro é arrastado do salão por guardas enquanto implora piedade ao rei.

REI (*Inconformado, levanta-se do trono e caminha de um lado para o outro gesticulando muito*) – Infâmia! Serei ridicularizado por toda a Bretanha! (*consternado*) Se William estivesse aqui... (*para o mago*) meu bom Mago Mordak, filho da mãe, tu não previste a nossa vitória?

MAGO – Meu bom e néscio rei, previ sim, a vitória de um dos lados. Agora, vos digo: Luís I triunfou nesta batalha, mas outras ainda se sucederão!

REI – Aquele almofadinha! Pensa que é melhor do que eu por que ele é primeiro e eu sou quinto! Mas, eu derrotarei Luís I e me tornarei Henrique I!

MAGO – Ignaro monarca, não pode se tornar Henrique I, simplesmente por derrotar Luís I.

REI – Eu sou o rei, eu posso tudo!

MAGO – Não pode da mesma maneira que não se tornou Henrique IV por ter matado o seu pai, nem seu pai se tornou Henrique III por ter matado o pai dele, nem seu avô se tornou Henrique II por ter matado o pai dele também, o mesmo acontecendo com o seu bisavô, que não se tornou Henrique I por ter matado o seu tataravô!

REI – *Holy shit!* Por que o Luís é primeiro e eu tenho de ser o quinto? Eu sou melhor do que ele! (*irritado*) Mago, diga alguma coisa!

MAGO – Eu sugiro que minha abjeta majestade mude de nome. De hoje em diante, serás conhecido como Henrique Benjor, o primeiro e único rei lorpa da Escória, quer dizer, Escócia!

REI – Bravo! Eu adorei! Principalmente, o rei lorpa! *(Tom)* Eu, Henrique Benjor, primeiro e único rei lorpa da Escócia, nunca sou derrotado! Transformarei tudo isso num grande acontecimento! Farei o maior enterro que toda a Europa jamais viu! Luís I ficará se roendo de inveja! Faremos uma grande festa e convidaremos todos os reis da Europa, menos o Luís, é claro! *(Começa a rir de prazer)*. Como eu sou inteligente! Como eu sou esperto! *(Tom. Parando de rir de repente)* Comente, mago.

MAGO – Milord, sois mesmo um fulustreco!

270 REI – Eu sei disso, mas a minha modéstia me impede de reconhecer! *(Tom)* Vamos, meus súditos, quero todos trabalhando nos preparativos do velório-baile! Vamos, vamos!

CENA 2 – Corredores do castelo.

O mago, vendo Malcolm, irmão do rei, quieto num canto do grande salão, vai ter com ele.

MAGO – Nobre Malcolm Macbeth, por que te vejo tão lastimoso? Acaso não participareis dos preparativos do velório baile?

MALCOLM – Sábio homem dos mistérios no universo, vós não sabeis tanto quanto eu que somos governados por um completo pacóvio?

MAGO – Pacóvio?

MALCOLM – Um imbecil! (*Tom*) Se ao menos William, meu sobrinho querido, ainda habitasse entre nós... Mas tens-se preocupado mais com as histórias do reino da Dinamarca! (*fingindo comoção*) Bem sei eu que tais sentimentos não deveriam habitar o coração de um irmão, mas não consigo evitar cismar que a coroa repousaria melhor no cimo de outra frente que não a de Henrique V! E não negai, judicioso homem das ciências ocultas, que tendes as mesmas ideias!

MAGO – Fidalgo Malcolm, eu sou apenas um velho com medo da aposentadoria! Nessa minha longa jornada, presenciei atos nobres, ou as mais terríveis vilanias! Vesti ouro, quando havia riqueza; e montei uma butique, quando veio a penúria! Enquanto havia fartura, eu me empanzinei! E quando veio a fome, aproveitei pra fazer um regime!

271

MALCOLM – Refleti sobre o que vos digo, nobre mago Mordak! A Escócia precisa de uma solução enquanto ainda nos resta uma Escócia! (*Sai*)

MAGO – Refletirei, nobre Malcolm. Que disto poderá depender também meu próprio pescoço! (*Sai*)

CENA 3 – Aposentos do príncipe Macbeth.
Rainha, príncipe Macbeth e Duncan.

PRÍNCIPE – Mamãe, conte-nos mais uma das histórias de amor de sua juventude!

DUNCAN – Isso, conte para a gente, mamilady!

PRÍNCIPE (*sério*) – Duncan, menos empolgação que a mãe é minha!

RAINHA – Bem... vou contar sobre o dia em que conheci o rei!

272

PRÍNCIPE – Então, amou meu pai, um dia?

RAINHA – Não. Mas ele me apresentou ao homem que me fez sentir fundo o que era amar!

PRÍNCIPE (*surpreso*) – Jesus, mamãe!

RAINHA – Não. Ele tinha outro nome...

DUNCAN – Teve, então, um amante secreto neste castelo?

RAINHA – Não! Todo mundo o conhece. Só não sabem que é meu amante.

PRÍNCIPE – Então, ele ainda habita entre nós?

RAINHA – Sim. Mas, por que o espanto? O que poderia fazer uma mulher como eu, casada com um completo desconhecido aos 14 anos, inocente, cheia de sonhos, dúvidas: O que é sodomia? Sexo oral é pecado? É permitido a uma mulher se masturbar? ...

O príncipe e Duncan vão ficando constrangidos.

PRÍNCIPE – Tudo bem, mamãe!

DUNCAN – E como conseguistes manter qualquer notícia sobre esse romance longe dos ouvidos do rei?

RAINHA – Vocês acham que o rei me escuta?!

273

PRÍNCIPE – Oh, mamãe! Sei muito bem o que é querer encontrar o verdadeiro amor! Eu também padeço a cada dia que passa e não esbarro com ele em meus aposentos!

DUNCAN – Eu também! (*Tom*) É verdade que o quarto dos criados é tão pequeno que não há como se mexer e não esbarrar em alguém...

PRÍNCIPE – E, mamãe? Quem seria este homem que lhe ensinou os segredos do amor?

DUNCAN – Ih, o velho bruxo fofoqueiro vem vindo aí!

O Mago entra nos aposentos.

MAGO (*beijando-lhe as mãos*) – milady Elisabeth! (*para o Príncipe*) Alteza! Eu vos saúdo!

PRÍNCIPE (*se apruma, querendo mostrar altivez e masculinidade. Fala com voz grossa*) – Oh, mago... (*perdendo um pouco a pose*) ...podeis ler vós nos astros o futuro que me aguarda o amor? Respondei-me: com quem me casarei?

MAGO – Vossa Majestade nunca se casará. Assim está escrito nas estrelas!

274 PRÍNCIPE – Mas que desgraça!

RAINHA – Não seja cruel com a minha criança, mago!

PRÍNCIPE – Se é assim, dê-me um conselho como futuro candidato ao trono que sou!

MAGO – Saiba que quando há só uma coroa em jogo, são muitos os que a gostariam de roubar! Portanto, tomai cuidado! Os mais próximos de vós são os que deveis temer mais!

PRÍNCIPE – Os mais próximos? Eu acho que ele está se referindo a você, Duncan!

DUNCAN – Ai, sai de mim! Você acredita em tudo que esse velho diz?

MAGO (*irritado*) – Velho é a... (*para si, acalmando-se*) Controle-se, bom homem!

PRÍNCIPE – Duncan, o que você vai me aprontar?! Eu sei que você morre de inveja por que eu sou príncipe e você é da ralé!

DUNCAN – Eu tenho muito orgulho de onde nasci! Sou da Mangueira, nasci com o samba no pé! (*começa a rebolar e sambar*)

RAINHA – Calma, meninos! (*Sussurra para o mago*) Vai-te, já! Conversemos mais tarde com privacidade.

275

O mago sai.

PRÍNCIPE (*olhando para o mago que deixa a cena*) – Não sei... Por vezes eu desconfio que esse mago sabe realmente de todas as coisas!

DUNCAN (*como quem não está acreditando*) – Acha mesmo? (*pensa*) Nada, pra mim ele não passa de um charlatão que se aproveita da boa-fé de seu pai, o rei!

PRÍNCIPE – Ih, Duncan! Desde quando você deu pra ter opiniões políticas?

CENA 4 – Salão do trono do rei.

Rei Henrique V, Rainha e o Grão-duque de Mac Donald.

REI – Grão-duque Mac Donald! Já soubeste das novas?

MAC DONALD – A fragorosa derrota de nosso exército diante dos franceses?

REI (*Irado*) – Não! (*acalmando-se*) O nosso grande velório baile!

MAC DONALD – Oh, sim! É claro!

REI – Você gosta da guerra, grão-duque?

MAC DONALD – Particularmente, eu prefiro a pesca!

REI – A guerra, meu nobre Mac Donald... é uma merda! Tive que adiar a reforma do banheiro real por causa dela. Os franceses sempre roubam meu carregamento de mármore italiano! E meus melhores encanadores morreram nos campos de batalha! (*Tom*) Grande grão-duque Mac Donald, Mac... Big Mac... Posso chamá-lo de Big Mac?

MAC DONALD – Como melhor lhe convier, meu rei!

REI – Pois então, Big Mac, eu tive uma ideia! Sei que manténs boas relações com o rei da Espanha!

MAC DONALD – Nem tanto, milord!

REI – Comes a mulher dele!

MAC DONALD – Meu cara... (*tapando a boca*)
Perdoe, minha alteza!

REI – O que eu quero é que você, com todo o seu charme e poder de sedução, persuada a rainha da Espanha a convencer o rei Felipe de que seu lugar é a meu lado na guerra contra o pulha do Luís !!!

MAC DONALD – Se houvessem laços mais estreitos entre as famílias reais da Escócia e de Espanha...

REI – Nada que um bom casamento não possa ajeitar!

277

MAC DONALD – Mas, majestade, o rei de Espanha só tem um herdeiro: o príncipe Ferdinando. E milord não tem uma filha!

REI – É verdade! (*Tom*) Pois oferecerei a mão de meu filho em casamento ao filho dele!

TODOS – Oh, God!!

RAINHA – Mas, amor, Macbeth não é muito novo para se casar?!

MAC DONALD – Perdão, milord, mas talvez esta não seja a melhor solução!

REI – Não há outra solução! Quem não tem cão caça com gato! E trate de arrumar um jeito de convencer a rainha da Espanha de que o casamento é uma boa para ambos os reinos!

O rei deixa a sala. O mago vai acompanhá-lo mas Malcolm o detém.

MALCOLM – Velho bruxo! Para que tamanho *afogadilho*?

MAGO – Afogadilho?

MALCOLM – O mesmo que pressa.

278 MAGO – Acaso não ouvistes as novas sobre o *himeneu*?

MALCOLM – Himeneu?

MAGO – O casamento de Macbeth e Ferdinando! Preciso *demover* o rei desta ideia!

MALCOLM – Demover?

MAGO – Convince-lo do contrário.

MALCOLM – Mas isso é tudo o que precisamos agora! Mais um *desavindo* do rei!

MAGO – Desavindo?

MALCOLM – Um inimigo: pois, é claro que o rei da Espanha vai considerar tal proposta um *opróbrio*!

MAGO – Opróbrio?

MALCOLM – Uma afronta. O rei ficará deveras *encordado*.

MAGO – Encordado?

MALCOLM – Zangado. (*dá gargalhadas*) Quero que vós encorajeis o rei a levar adiante esta absurda ideia! Será a definitiva **prosternação** de Henrique!

MAGO – Prosternação?

279

MALCOLM – Humilhação!

MAGO – Verei o que posso fazer!

MALCOLM – Mais ânimo, meu bom e velho haríolo!

MAGO – Que diabos! Haríolo?

MALCOLM – O mesmo que adivinho! (*Tom*) É apenas questão de tempo livrarmos a Escócia de meu irmão Henrique!

Malcolm sai deixando o mago sozinho.

MAGO – Por todos os astros do zodíaco! Se me preocupa a queda de Henrique é senão por amor ao meu próprio pescoço! Só temo por meus privilégios! *(Tom)* Na próxima vez que me encontrar com Malcolm trarei um alfarrábio, quero dizer, um dicionário debaixo da manga! *(Sai)*

CENA 5 – Aposentos da rainha.

A Rainha está de camisola deitada sensualmente sobre a sua cama. Ela fala com alguém fora de cena.

280 RAINHA – *(acenando para alguém fora de cena e rolando na cama)* – vem, meu carrasco da inquisição! Vem castigar esta pecadora!

Entra em cena Mac Donald vestido de sadomasoquista da inquisição. Brande um chicote.

MAC DONALD – Hummm, Elisabeth! Vou te pegar no colo, te deitar no solo e te fazer mulher! *(Pula na cama)*

Os dois rolam na cama.

MAC DONALD – *(segurando a rainha por trás)* – Ai, Beth! Balança essa bundinha! Balança, Beth! Balança! Meu amor...

RAINHA – (*berrando*) – Eu sou uma pecadora!
Mereço ser castigada!

MAC DONALD – (*espantado com o berro*) – Mais baixo, Elisabeth! Quer despertar a atenção do rei?

RAINHA – Fique sossegado! Ele quase nunca vem ter comigo!

MAC DONALD – E como conseguiram ter filhos?

RAINHA – Bem... uma vez por ano, o rei vem até a mim cumprir com suas obrigações!

MAC DONALD – (*agarrando Elisabeth*) – Que desperdício! Eu me deitaria contigo todos os dias... se não fosse casado.

281

RAINHA – E se não comesse a rainha da Espanha! Afinal, quantas amantes você tem? Três? Quatro? Cinco?... o que vem depois do cinco?

MAC DONALD – Seis! (*Tom*) Mas, o que são números diante de nossa paixão! (*agarra a rainha*)

Ouve-se a voz do rei que se aproxima.

REI – Elisabeth! Elisabeth!

RAINHA – Meu Deus! É o rei!

MAC DONALD – Caramba! Você não disse que ele só vinha ter contigo uma vez por ano?!

RAINHA – Bem, você sabe que eu não sou boa com números!

MAC DONALD – O que eu faço agora?

RAINHA – Debaixo da cama! Esconda-se debaixo da cama!

Mac Donald se joga debaixo da cama. Entra o rei.

RAINHA – Meu soberano? Que surpresa!!

282 REI – Surpresa? Por quê? Esqueceu-se de que hoje é dia de nosso encontro anual, quando provo toda a minha virilidade?!

RAINHA – Sou péssima para datas, milord!

REI – Chega de conversa e vamos logo acabar com isso! Estou no meio de uma guerra e tenho muito que fazer!

RAINHA – Podemos deixar para outro dia...

REI – Ou é agora, ou só no ano que vem! Eu sou o rei! Minha agenda vive lotada! Como era mesmo que fazíamos...

RAINHA – Eu abria as pernas e milord vinha por cima de mim.

REI – Lembrei, agora! Vamos lá!

O rei pula sobre a rainha. Mac Donald aproveita para tentar escapar. Derruba algo despertando a atenção do rei no momento em que ele segura os seios da rainha.

REI – O que é isso?

RAINHA – Meus seios!

REI – O barulho! Que barulho foi esse?

283

RAINHA – Foi apenas um gatinho.

REI – Maldito gato! Tirou a minha concentração. *(levanta-se)* Deixemos isso para o próximo ano! *(sai)*

RAINHA – Desgraçado! Estraga a minha transa e não me come! *(Tom)* E eu estava quase gozando!

CENA 6 – Aposentos do príncipe Macbeth.
O príncipe Macbeth e Duncan.

PRÍNCIPE – *(engrossa a voz)* – ... Duncan, meu pai vai me casar com o príncipe da Espanha!

DUNCAN – *(de súbito)* – Mas o que deu no seu pai? O rei quer desmoralizar a Escócia! Já não basta a gente andar de saia?

PRÍNCIPE – Ai, amiga, eu esperava que você ficasse contente por mim!

DUNCAN – E o espanhol, escorrega no quiabo? Sienta en el croquete?

PRÍNCIPE – Olha, segundo umas amigas minhas... *(engrossando a voz)* ...Ele frequenta as rodas. Mas não é bichinha, não! É daqueles que gostam de machão, minha filha... *(engrossa a voz)* ...quer dizer, Duncan!

284

DUNCAN – É por isso que a santa tá botando toda essa banca de machão?

PRÍNCIPE – O que você está achando?

DUNCAN – Faz aí de novo!

O príncipe faz pose de machão.

PRÍNCIPE – E aí, meu irmão? Que é que tá olhando? Vai encarar?

DUNCAN – Ai, que medo! *(Tom)* Macbeth, até que você dava um bofe bacana, hein?

PRÍNCIPE – Sai pra lá que este aqui já tem dono! (Tom) Você acha que ele vai gostar de mim?

DUNCAN (*voltando à realidade*) – Como gostar de você, menina! Isso tudo é um absurdo! Casamento de bicha no século 15? Isso não existe! É melhor perder as ilusões!

PRÍNCIPE – Você tá é com inveja! Imagina eu com um latino legítimo, puro-sangue do meu lado! Yo me quedo loca!

DUNCAN – Ai, amiga, vai com calma! Pobre quando vê muita esmola desconfia! Eso és mucha felicidad para solo un maricon!

285

CENA 7 – Gruta do mago.

A Rainha Elisabeth fala com alguém fora de cena.

RAINHA – Nossos encontros têm ficado cada vez mais difíceis!

MAGO – (*entrando em cena*) – Culpa de teu marido!

RAINHA – É verdade. Se, ao invés de marido, ele fosse meu irmão... poderíamos nos ver à vontade!

MAGO – Refiro-me a essa guerra em que ele nos meteu! E agora essa ideia estapafúrdia de casar o príncipe Macbeth com Ferdinando de Espanha!

RAINHA – Não sei o que é estapafúrdio, mas concordo com você. Macbeth é muito jovem para se casar.

MAGO – Meu Deus! Será que você não pode falar alguma coisa que faça sentido?

RAINHA – Por que todos pensam que eu sou burra? Sou burra só porque tenho dificuldades em falar rápido o resultado de uma soma?

MAGO – Não uma soma qualquer, mas “2 mais 2”!

RAINHA – Eu vou aprender a ser inteligente!

286

MAGO – Tem coisas que não se aprende!

RAINHA – Podias ser meu mestre, assim como o foste nas práticas do amor! Minha vida neste reino é tão vazia e entediante! Além de me deitar com o rei, com vós, com... o rei... torrar o dinheiro dos cofres públicos com roupas caras, joias, viagens... assistir a um enforcamento ou decapitação uma vez ou outra...

MAGO – (*irônico*) – É realmente uma vida massacrante. E o que gostaríeis de aprender?

RAINHA – Tu podias começar me ensinando um pouco sobre o que guardam estes livros... (se-

gurando um dos livros de magia) Este aqui, por exemplo, do que se trata?

MAGO – *(retirando o livro das mãos da rainha e abrindo-o ele próprio)* – Este livro ensina encantamentos para invocar os espíritos daqueles que se foram, mas se recusam a deixar a terra. *(Tom. fechando o livro)* Mas, deixemos os mortos onde estão. Prefiro preocupar-me com os que estão bem vivos! Como nós dois! *(agarra novamente a rainha)*

RAINHA – Talvez tenhas razão! Mas, agora, preciso ir!

MAGO – Então, nos encontremos amanhã! Às três horas, no lugar de sempre! Vá vestida de criada.

287

RAINHA – Seu pervertido!

MAGO – É só para que ninguém desconfie de você!

RAINHA – Estarei lá!

Ao sair, disfarçadamente, rouba o livro do mago, sem que ele perceba.

MAGO – Ainda perco a cabeça por causa desta mulher!

O Mago e a Rainha Elisabeth saem, um para cada lado.

CENA 8 – Salão do trono do rei.

Entra gaiteiro tocando fole. Estão no salão o rei Henrique V, rainha Elisabeth, Malcolm, mago, mensageiro 2 e dois soldados do Rei.

REI – Vamos, rapaz! Leia logo esta carta!

MENSAGEIRO 2 – *(quase berrando)* – *Digníssimo rei Henrique V, ao receber sua carta com o inusitado pedido de casamento, confesso que enrubesci de tanto... ódio.*

MALCOLM – *(para o mago)* – Eu sabia!

288 MENSAGEIRO 2 – *(tosse)* – *Meu ódio foi tamanho que quebrei tudo o que vi na minha frente...*

MALCOLM – *(para o mago)* – The victory is mine! Quer dizer, do povo da Escócia!

REI – Continue!

MENSAGEIRO 2 – *...quebrei tudo o que vi na minha frente, inclusive uma boneca de porcelana que pertencera à minha mãe e pela qual eu tinha muita estima e apreço. Mas, ao invés de ódio, meu coração foi preenchido de uma grande comoção, que eu não experimentava desde quando debutei aos 15 anos e dancei a valsa com meu real pai! Se o nobre rei Henrique*

V tem a coragem de admitir que seu filho, o príncipe Macbeth, padece de uma enfermidade que o torna diferente dos outros homens, por que eu, Felipe, rei da Espanha, não poderia também assumir... (respira)

RAINHA – (para o rei) – Ele vai assumir em público?

MALCOLM – (para o mago) – Custa-me crer no que estou ouvindo! Bom e velho bruxo, dizei que estou sonhando!

MAGO – Você está sonhando.

MENSAGEIRO 2 – (tosse seco) – ... não poderia também assumir... que meu filho, o príncipe Ferdinando das Astúrias, sofre do mesmo mal: um excesso de sensibilidade que faz com que um homem se curve e se magoe, como uma flor que balança ao vento. Não me oporei a tal enlace matrimonial, fazendo minha a vossa felicidade e a de nossos filhos!

289

Um grande silêncio se faz no salão. O rei se dirige ao mago.

REI – Ele concorda ou não com o casamento?

MAGO – Concorda.

REI – (*feliz*) Ganhei um aliado! Luís I, rei de França, me aguarde! Henrique Benjor, o primeiro rei lorpa da Escócia ainda não morreu!!

MALCOLM – (*para o mago*) – Ainda não! Mas sua hora não tarda! (*Sai*)

REI – Por falar em morte, ia me esquecendo! Joguem o mensageiro ao fosso!

MENSAGEIRO 2 – (*sendo arrastado para fora do palco*) – Não! Por favor! Piedade!

CENA 9 – Corredores do castelo.

Malcolm detém o mago nos corredores do castelo.

MALCOLM – Como poderia eu imaginar que isto pudesse vir a ocorrer: a realização de um casamento profano! E, assim, Henrique está a um passo de conquistar um forte aliado!

MAGO – Talvez seja o momento de *procrastinar* vossos planos!

MALCOLM – Procrastinar?

MAGO – (*com um sorriso cínico nos lábios*) – Sim, o mesmo que adiar!

MALCOLM – Não *retrogradarei*!

MAGO – O quê?!

MALCOLM – *(com um sorriso nos lábios)* – Não recuarei! Se não tenho o rei da Espanha contra meu irmão, sei agora que nossa rainha é uma *fedífraga*!

MAGO – Fedífraga?!

MALCOLM – Uma infiel! A rainha tem um amante!

MAGO – Hum... *(engole seco)* Não diga! Tem certeza disso?

MALCOLM – Absoluta!

291

MAGO – E por acaso sabeis quem é o tal *amásio*?

MALCOLM – O amásio?

MAGO *(Com um sorriso cínico no rosto)* – O amante!

MALCOLM – Descobrir a identidade do biltre é simples questão de tempo!

MAGO – Mas o tempo **insta**!

MALCOLM – Insta?!

MAGO – Urge! Voa!

MALCOLM – Eu sei ! Preciso desmoralizar o rei antes que ele e a Espanha concretizem uma *aliagem*!

MAGO – Como?

MALCOLM – Uma aliança! God bless! (*vai sair*)

MAGO – (*abrindo o pequeno dicionário de bolso e procurando uma palavra*) – Espere! Então, não devo *admoestar* o rei?

MALCOLM – Se for **exprobratório**, não. Se for **exortativo**, sim. Adeus! (*Sai*)

292 MAGO – (*procurando no dicionário*) – Exprobratório? Exortativo? (*desistindo e arremessando o livro no chão*) Droga! (*para si*) Por que Malcolm tinha que se intrometer entre mim e Elisabeth?! Preciso fazer algo! Preciso de um dicionário maior! (*sai*)

CENA 10 – Aposentos da rainha.

Estão presentes na cena: a rainha Elisabeth, o príncipe Macbeth e Duncan. Estão todos sentados em volta de uma mesa redonda e com as mãos dadas. Sobre a mesa, *um grande livro* e uma vela acesa.

PRÍNCIPE – Tem mesmo certeza de que quer fazer isso, mamãe?

RAINHA – É claro que tenho! Se os homens deste reino não nos dão ouvidos, quem sabe não nos escutarão os mortos?

DUNCAN – *(folheando o livro)* – Ai, gente, mas isso que eu estou lendo, não é bruxaria?

PRÍNCIPE – Ouvi dizer que muita gente já foi parar na fogueira por muito menos!

DUNCAN – Eu é que não ponho a minha mão no fogo por ninguém!

RAINHA – Meninos, calma! Isso não tem nada a ver com bruxaria! Bruxas são mulheres feias que voam em vassouras! E nós somos lindas e nem sequer um dia tivemos que varrer um chão, quanto mais montar numa vassoura!

293

DUNCAN – Bem, eu confesso que já...

RAINHA – Chegou a hora de invocarmos os mortos!

PRÍNCIPE – *(levantando-se da mesa)* – Oh, my God! Eu senti alguma coisa!

DUNCAN – *(curvando-se de dor)* – É claro que sentiu! Você chutou a minha canela!

PRÍNCIPE – Desculpe, gente, mas eu vou embora! Isso é muita emoção para mim! *(sai correndo do quarto da mãe)*

RAINHA – *(berra)* – Espere! Macbeth! (PARA DUNCAN) E você, santa? Também vai pular fora?

DUNCAN – Estou atolada nesta até o pescoço com a minha rainha! Que venham os defuntos, oh my!

Os dois fecham os olhos e se dão as mãos

RAINHA – Alacazam, alacazim. Esquindole-lê. Esquindola-lá! Pega no Ganzê! Pega no Ganzá! *(Abrindo um dos olhos e falando para Duncan)* Tem certeza de que era isso que estava escrito?

294

DUNCAN – Certeza absoluta, milady!

RAINHA – Pedimos que se houver algum espírito desgarrado aqui na terra se manifeste, agora!

Batidas na porta.

DUNCAN – Oh, my God!

RAINHA – Quem está aí? É um espírito de luz, ou um espírito caído?

Novas batidas.

RAINHA – Essas batidas querem dizer que sim, ou querem dizer que não?

Novas batidas.

DUNCAN – Holy Christ!

RAINHA – Essas batidas agora se referem à primeira ou à segunda pergunta?

Novas batidas.

DUNCAN – Holy Jesus!

RAINHA – Estou confusa... Essas batidas agora se referem à primeira, à segunda ou à terceira pergunta? E, antes que bata novamente, não haveria como responder de outra forma?

295

Novas batidas na porta, seguidas de uma voz

VOZ DO MAGO – Sou eu!

DUNCAN – Holy Mary!

RAINHA – Eu quem? Seja mais específico! E não responda com batidas! Elas me deixam confusa! De onde você vem?

VOZ DO MAGO – De trás da porta!

RAINHA – A porta que dá lugar aos céus? Ou ao inferno? Espírito, volte para a luz e encontre o seu caminho!

VOZ DO MAGO – Eu estou aqui! Na sua porta, Elisabeth! Estou batendo na sua porta!

Novas batidas.

RAINHA – *(de olhos ainda fechados)* – Não! Sem batidas! Eu não entendo o que significam as batidas!

DUNCAN – Milady, acho que não se trata de um espírito. Tem alguém batendo na porta!

VOZ DO MAGO – Abra a porta!

296 RAINHA – *(pensando)* – Oh, meu Deus! Essa voz! *(levanta-se)* Espere aqui, Duncan! *(vai até a porta. Abre apenas uma fresta. É o mago)*

MAGO – O que está acontecendo aqui?

RAINHA – Fale baixo! Duncan está aqui! Quer que nos descubram?

MAGO – Quero evitar que isso aconteça! Encontrei-me em meia hora no lugar de sempre e lhe falarei mais!

RAINHA – Estarei lá!

A Rainha volta para a mesa, onde está Duncan

RAINHA – Surgiu um imprevisto. Preciso sair.

DUNCAN – (*lendo o livro*) – Que mistérios esconderá a nossa rainha? E que outros esconderá este livro? (*lendo o livro*) Vejamos se encontro aqui mesmo as respostas... Começo a pensar que este livro poderá ser de grande utilidade... Vejamos quem o escreveu... Paul Rabbit? Uhm...

CENA 11 – Gruta do mago.
A rainha e o mago na gruta.

MAGO – Elisabeth, preciso que penses bem... (*reformulando*) Ou melhor, preciso que penses... (*reformulando*) Quer dizer, tente pensar um pouco...

RAINHA – Seja claro!

297

MAGO – O que o rei sabe sobre nós dois?

RAINHA – Muita coisa! Eu sou a mulher dele e você é o seu braço esquerdo...

MAGO – Direito! Eu sou o seu braço direito!

RAINHA – Achei que você fosse canhoto...

MAGO – Eu sou canhoto! (*Se acalmando*) Isso não importa! (*Tom*) Ele sabe alguma coisa sobre o nosso romance?

RAINHA – É claro que não! Sabe muito bem que o rei não dá ouvidos às coisas que eu falo...

MAGO – Já comentaste sobre nosso romance secreto com alguém?

RAINHA – Bem, um dia desses...

MAGO – Não vá me dizer que contou para alguém?!

RAINHA – Para Macbeth e Duncan...

MAGO – Contaste sobre nosso romance, sobre nossos encontros secretos?

RAINHA – Pra que o pânico?! Macbeth e Duncan são como minhas filhas! Quer dizer, o Duncan, porque o Macbeth é minha filha, quer dizer...

298

MAGO – Pois, saiba que Malcolm, vosso cunhado, descobriu tudo!

RAINHA – (*nervosíssima*) – O quê? Descobriu? Como assim?

MAGO – Descobriu! (*irritado*) E pode ter sido muito bem Macbeth ou Duncan que deram com a língua nos dentes!

RAINHA – Eles não poderiam! Eu não mencionei teu nome!

MAGO – O que exatamente você contou para Macbeth e Duncan?

RAINHA – Conteí sobre como te conheci, como descobri as coisas do amor por outro homem que não o rei! Mas, acho que eles desconfiam de outra pessoa!

MAGO – Jesus Christ!

RAINHA – Exatamente! É dele que eles desconfiam! *(Tom)* Eles não podem saber sobre ti!

MAGO – Malcolm pode me destruir se vier a descobrir tudo sobre nós! Tomai muito cuidado com vosso cunhado!

Beijam-se rapidamente e cada um sai para um lado.

299

CENA 12 – Salão do trono do rei.

O Rei Henrique e o Grão-duque De Mac Donald bebem.

REI – Brindemos à união de Escócia e Espanha!

MAC DONALD – Um brinde!

REI – Grão-duque, foste de grande valia para o sucesso dos planos reais!

MAC DONALD – Não fiz nada que um súdito fiel não faria por Vossa Majestade, pela bandeira de seu país e pelo seu próprio pescoço!

REI – E para continuar a comer a rainha... Da Espanha! (*Gargalha*)

MAC DONALD – (*fica meio sem graça*) – Não quero fazer alarde de meus atos!

REI – Come-quieto! (*Tom*) Você não se contenta com pouco, hein, Mac Donald? A grã-duquesa, a rainha de Espanha... Quer dizer que gostas de rainhas?

MAC DONALD – Não de todas, meu rei.

300 REI – E o que achas da sua rainha e minha esposa, Elisabeth?

MAC DONALD – (*empolgado*) – Ah, a rainha é um belo pedaço de ... Tenho profundo respeito pela figura de nossa dama soberana!

REI – Acho bom que seja assim, Mac Donald. Caso contrário, eu mesmo cortaria seus ovos fora! (*gargalha*) Mas vamos brindar! É tempo de comemorar! De festejar o que o futuro tão gentilmente nos reserva! It's good to be the king!

MAC DONALD – Um brinde a Henrique Benjor, o primeiro e único rei lorpa da Escócia!

CENA 13 – Corredores do castelo.

O Mago aparece em cena com roupas de dormir.
Entra Malcolm.

MALCOLM – Está feito!

MAGO – (*aparece de pijama*) – O que aconteceu? Por que me chamastes aqui no meio da madrugada?

MALCOLM – Sois o primeiro a saber da infeliz e atraíçoad morte do rei Henrique V!

MAGO – Morto?

MALCOLM – Tão certo como a galinha não voa! 301

MAGO – Não voa?

MALCOLM – Não voa!

MAGO – Tem certeza?

MALCOLM – Tão certo como o rei está morto!

MAGO – Tem mesmo tanta certeza?

MALCOLM – De que o rei está morto?

MAGO – Não, de que a galinha não voa!

MALCOLM – Não!

MAGO – Não tem certeza?

MALCOLM – Não voa! A galinha não voa, porra!

MAGO – E o rei?

MALCOLM – Também não voa!

MAGO – Não, o rei está morto?

MALCOLM – Tão certo como... (*definitivo e irritado*) Está morto sim!

MAGO – Então, você o matou?

302 MALCOLM – Se Deus deu seu único filho para salvar o mundo, eu ofereço meu único irmão em sacrifício pela redenção de toda a Escócia!

MAGO – Que nobre da sua parte!

MALCOLM – E impingirei a culpa, pespegarei a culpa, pregarei a culpa...

MAGO – Já entendi!

MALCOLM – ... à nossa Elisabeth e ao seu amante!

MAGO – Mas, para que acreditem em vossa história é preciso antes descobrir o tal amásio!

MALCOLM – Mas eu já sei quem é! Ele estava o tempo todo diante de mim e eu não percebi...

MAGO – (Levando a mão à cabeça e curvando-se) – Estou passando mal, acho que vou vomitar...

Neste instante escuta-se correria. Gaiteiro entra e toca fole.

ARAUTO DO REI – (*surge correndo*) – Mac Donald! Mac Donald! O grão-duque Mac Donald! O Big Mac!

MALCOLM – Sim! Mac Donald é o culpado da morte de Henrique!

MAGO – Não estou entendendo nada! Dissestes que **vós** matastes o rei!

MALCOLM – Sim! Mas a culpa será de Mac Donald! O comedor de rainhas é o amante de Elisabeth!

MAGO – Ele também?

MALCOLM – Como? Ele também?

MAGO – Digo: – Além do rei, ele também deitava com a rainha?!

MALCOLM – É claro! Eles são amantes! Por isso pude matar o rei! E a faca suja de sangue, eu deixei nos aposentos de Mac Donald, manchando

com ela suas roupas! Pelo jeito, já descobriram a faca e agora o culpam pelo crime!

MAGO – Mac Donald?

MALCOLM – Sim! (*Tom*) The victory is mine!

ARAUTO – (*Se aproximando*) – Assassínio! Assassínio!

MALCOLM – O que aconteceu, arauto?

ARAUTO DO REI – O grão-duque Mac Donald!

MALCOLM – (ANSIOSO) Sim, foi ele!

304 ARAUTO DO REI – Não teremos mais Big Mac entre nós! O grão-duque Mac Donald foi assassinado!

MALCOLM – Ele também? Quer dizer, foi?

ARAUTO DO REI – Sim, ele foi encontrado apunhalado pelas costas nos aposentos de Henrique V.

MAGO – (*sussurrando para Malcolm*) – Matastes o grão-duque no lugar do rei?!

MALCOLM – E por que estava ele no quarto de meu irmão?

ARAUTO DO REI – Os dois beberam muito! O grão-duque adormeceu na cama do rei que

por sua vez, também tomado pela embriaguez, desfaleceu no banheiro. Ao retornar, de madrugada ao seu quarto, a rainha encontrou o grão-duque morto!

MALCOLM – E o rei? Como está meu irmão?

ARAUTO DO REI – Vosso irmão vomitou um pouco, mas passa bem! (*sai*) Assassínio! Infâmia! O grão-duque está morto! Viva! Amanhã teremos velório-baile!

MALCOLM – Maldição! (*Tom*) Mas isso não ficará assim! A Escócia merece melhor destino que ser governada por um **toleirão** como Henrique! Nos vemos amanhã, mago! Até lá eu terei pensado em alguma coisa!

305

Sai Malcolm

MAGO – Que ironia! Salvo porque a Rainha corneava o rei com outro, além de mim. Preciso ter mais cuidado com Malcolm. Não posso permitir que sua sede de poder ponha em risco meus privilégios! (*curioso*) E o que diabos será toleirão? (*Sai*)

CENA 14 – Aposentos do príncipe Macbeth. O príncipe experimenta seu vestido de noiva. Estão com ele a costureira real e Duncan. Chegam mais tarde o rei Henrique e a rainha.

DUNCAN – Eu nunca pensei, na minha vida, que um dia ia ver o casamento de uma amiga minha. E de véu e grinalda, com honras de uma verdadeira princesa! *(emocionando-se)* Como você está linda, Beth! Ai, eu acho que vou chorar!

PRÍNCIPE – Ai, sua bicha! Seja homem pelo menos uma vez na sua vida e contenha essas lágrimas porque... porque... senão eu também choro! *(cai no choro. Os dois se abraçam)*

306 COSTUREIRA REAL – *(emocionando-o)* – Ai meu príncipe, vê-lo chorar assim me faz também padecer de emoção! *(Chora. Vai se abraçar ao príncipe e Duncan)*

PRÍNCIPE – *(repelindo a costureira)* – Aaaa! Sai pra lá, sua... mulher!

DUNCAN – Ai, que grudenta! Agora vou ter que tomar um banho pra tirar esse cheiro horrível de... de mulher!

Entra o rei bufando no quarto do príncipe.

REI – *(irado)* – Cancelem tudo! Desconvidem quem foi convidado! Botem para fora os que já chegaram! Matem todos os penetras abomináveis!

RAINHA – *(que segue o rei)* – Calma, meu rei! As coisas não se resolvem desta maneira! E sua batalha com o rei de França? Pense nisso!

REI – Que se dane a batalha! Não preciso de aliados para perder uma guerra! *(Tom)* Quer dizer, para ganhar uma guerra!

PRÍNCIPE – Mamãe! Papai! Posso saber o que atormentais vosso coração?

REI – Ainda tenho que aguentar essa bicha!

RAINHA – Meu filho, seu pai está muito nervoso! Mas, já, já, ele manda matar umas pessoas e se acalma!

307

PRÍNCIPE – Será que alguém pode ser mais claro?

RAINHA – Macbeth, já deve saber que Cristóvão Colombo, a mando do rei da Espanha, descobriu o Novo Continente!

REI – Pois, eu como parente dele exigi a parte que me cabe desse latifúndio! E aquele canalha se negou a dividir o continente comigo!

PRÍNCIPE – Mas, nobre pai, se eu vou me casar com o príncipe da Espanha, quando este assumir a coroa, o Novo Continente também será nosso!

REI – Cale a sua boca! Não haverá mais casamento! Eu não vou esperar pra conseguir o que é meu de direito! Se ele não vai dar por bem, eu tomo por mal! O casamento está desfeito! E eu declaro guerra à Espanha!

O rei sai.

DUNCAN – Era muita felicidade pra uma bicha só, minha amiga! Não fica assim, Beth! Bicha burra nasce na Escócia!

PRÍNCIPE – Mamãe, faça alguma coisa, por favor! Eu amo Ferdinando!

308 RAINHA – (*grita pelo rei*) – Henrique! Ferdinando... Henrique... (*Abraçando o filho*) Oh, Macbeth! Sabes que teu pai não me dá ouvidos!

A rainha, Macbeth e Duncan se abraçam e choram .

RAINHA – (*Tom*) – Mas, quem sabe se os mortos não terão segredos a nos revelar?

PRÍNCIPE – Ah, não, mãe?! Essa história de falar com os mortos de novo, não!

RAINHA – A quem mais podemos apelar nesse reino, quando os que estão vivos nos dão as costas? (*para Duncan*) Investigaste mais o tal livro?

DUNCAN – E descobri uma forma que parece mais simples e eficiente de conversar com os que já se foram.

PRÍNCIPE – My God!

RAINHA – E qual é?

DUNCAN – (*puxando a rainha e o príncipe pela mão para que sentem à mesa*) – Numa folha de papel escrevemos as letras do alfabeto e as palavras sim e não. Colocamos um copo emborcado sobre a folha. Cada um de nós pousa seu dedo indicador sobre o copo. Então, fazemos perguntas para os mortos! Se houver a presença de algum nesta sala, ele fará com que o copo ande sobre a folha revelando-nos as respostas!

309

PRÍNCIPE – Mas que magia sinistra é essa?

RAINHA – Não percamos tempo! Agora, nós invocamos os espíritos desgarrados! Aqueles que se foram deste mundo e se perderam no meio do caminho! Se existe algum de vós aqui, nos revele a sua presença!

Trovoadas e relâmpagos .

DUNCAN – O que foi isso?

PRÍNCIPE – Eu tenho medo, mamãe!

RAINHA – Tem alguém aí?

Foco no copo que começa a mover-se sobre a mesa.

PRÍNCIPE – Duncan! Para de empurrar o copo!

DUNCAN – Eu não estou empurrando nada!

RAINHA – Ele está se movendo sozinho!

Foco no copo que para, de repente.

DUNCAN – Ele respondeu que sim!

310 PRÍNCIPE – *(o príncipe se levanta e solta um berro estridente)* – Aaaaaahhhhhhhh!!!!!!

A rainha e Duncan sacodem o príncipe, tentam fazê-lo voltar à realidade. Duncan, então, lhe dá um tapa.

PRÍNCIPE – Se para preservar meu casamento precisarei passar pelo horror de falar com os mortos, prefiro morrer solteira! *(sai correndo e chorando)*

DUNCAN *(Olha para a rainha e para o Príncipe)*
– Eu já o trago de volta, milady! *(Corre atrás de Macbeth)* Amiga, volte aqui!

RAINHA – Céus! Será que isto funciona com apenas uma pessoa? (*coloca o dedo sobre o copo*) Espírito, quem é você?

Ouvimos uma voz.

VOZ DE MAC DONALD – Não precisa do copo, minha amada rainha!

RAINHA – Essa voz.... Papai, é você?

Surge o espectro de Mac Donald diante da rainha

MAC DONALD – Não! Sou eu: Mac Donald!

RAINHA – (*levantando-se de susto*) – Mac Donald! Mas você está morto!

311

MAC DONALD – E não era com os mortos que queria falar?

RAINHA – (*corre para o copo e berra*) – Espírito, volte para a luz e siga o seu caminho!

MAC DONALD – Eu não irei embora enquanto minha missão não estiver cumprida! Há algo de podre no reino da Escócia.

RAINHA – O que você quer de mim?

MAC DONALD – (*agarrando a rainha, num abraço*) – Estou morto há apenas alguns dias e já sinto

a falta do teu corpo... da tua bunda... balança, Beth! Balança, meu amor!

RAINHA – *(desvencilhando-se)* – Ai, você está gelado!

MAC DONALD – Eu estou morto!

RAINHA – Se está morto, por que seu espírito ainda vaga na terra?

MAC DONALD – Quem me matou pensava assassinar o rei!

RAINHA – Que azar!

312 MAC DONALD – Meu espírito exige vingança! *(Tom)* Precisai me ajudar a descobrir quem foi meu carrasco!

RAINHA – Sou apenas uma mulher...

MAC DONALD – Sim! E que pedaço de mulher *(corre atrás da rainha que corre também)* Mas, o que importa agora é que manténs boas relações com o mago e ele sabe de tudo que acontece no reino!

RAINHA – E por que não foi ter com ele?

MAC DONALD – Não confio no mago! *(Tom)* E, além disso, não sei por que, mas você é a única

peessoa neste reino que pode me ver! Você é um receptáculo do Espírito Santo!

RAINHA – Eu sou um receptáculo do Espírito Santo! *(Tom)* Quer dizer que sou “acima da médium”!

MAC DONALD – Não! Você é uma... *(desiste)* como queira!

RAINHA – Eu sou um instrumento de Deus!

MAC DONALD – Não exagere!

RAINHA – Eu sou um receptáculo!

MAC DONALD – *(berrando)* – Calma! *(Tom)* Preciso ainda de outro favor teu!

313

RAINHA – Fala, defunto!

MAC DONALD – Um pouco mais de respeito! *(Tom)* Preciso que me escondas da morte!

RAINHA – Eu o ajudarei, sei de um lugar onde ninguém o achará! Debaixo de minha cama estarás seguro!

MAC DONALD – Debaixo da tua cama? Mas que lugar idiota!

RAINHA – Tu mesmo te escondeste lá várias vezes e nunca foste apanhado! *(saem os dois do palco)*.

A rainha ainda tem tempo de berrar) Eu sou um receptáculo...

MAC DONALD – Fale baixo!

Saem de cena.

CENA 15 – Gruta do mago.

O Mago está absorto em sua gruta. Escuta um barulho.

MAGO – Quem se aproxima tão sorrateiramente?

MORTE – *(entra a morte: uma mulher lindíssima)*
– Sou a temível, soberana e inexorável morte!

314

MAGO – My God! Se a morte é assim tão bela, que me leve já para o lado escuro!

MORTE – Tua hora ainda não é chegada. Estou à procura daquele famigerado, desgraçado, mulherengo de uma figa: o grão-duque Mac Donald!

MAGO – Custa-me crer que Mac Donald, com toda a sua libido, fugiria de figura tão bela... Mesmo se tratando da morte...

MORTE – *(meio sem graça)* – Na verdade... ele me seduziu, me amou, me atou a uma cama e depois fugiu! *(ameaça chorar)*

MAGO – Quereis dizer que o grão-duque enganou a própria morte!

MORTE – Ninguém engana a morte!

MAGO – E o grão-duque por acaso não te passou a perna?

MORTE – Estou me referindo à minha irmã! Ela sim é má! Eu sou apenas sua assistente! (*aflita*) Me ajude a encontrar o grão-duque!

MAGO – E o que eu ganharia com isso?

MORTE – Sei de alguém que estava escondido no quarto de Mac Donald no dia de sua morte...

315

MAGO – (*disfarçando o interesse*) – Parece uma informação sem importância... Mas, só por curiosidade... quem seria tal criatura?

MORTE – Isso é engraçado porque...

MAGO – (*interrompendo*) – Não, por favor, fale somente aqui, no meu ouvido.

MORTE – (*sussurra o nome no ouvido do mago*).

MAGO – (*solta uma gargalhada*) – Ah! Ah! Ah! Essa é muito boa!

MORTE – Então, vais me ajudar?

MAGO – Eu a ajudarei! Mas vais ter que me pagar com algo melhor do que isso!

MORTE – Eu sabia que isso ia sair caro!

Ouve-se a voz do rei

REI – Mago! Mago! Você está aí?

MAGO – Agora vá procurar Mac Donald que tenho assuntos com o meu soberano!

316 MORTE – (*pomposa*) – Eu, a morte, me retiro!
Mac Donald, a morte o chama! Mac Donald! (*sai*)

O Mago fica só. Entra O rei Henrique V.

REI – Mago, preciso que descubras nessa sua bola de cristal quem foi o assassino do Big Mac! Creio que, descobrindo quem o matou, posso estar descobrindo meu próprio inimigo!

MAGO – Muito inteligente, milord! (SE APROXIMA DE UMA BOLA DE CRISTAL) Vamos minha bola de cristal, me responda quem matou o grão-duque Mac Donald!!

REI – O que ela está dizendo?

MAGO – Ela está me perguntando o que ganha se vos disser quem é o assassino!

REI – Até essa sua bola é chantagista! Eu estou bem-arrumado mesmo! Diga-lhe que lhe darei um grande saco de ouro!

MAGO – Espere, as coisas estão ficando mais claras agora! Droga, ficaram nebulosas de novo! Espere, agora acho que vejo algo... Ah, desculpe, era apenas o meu reflexo! Oh, sim! Agora, sim! Sim!... Não!

REI – Vem cá, vai demorar muito tempo, é?

MAGO – Faz o seguinte, meu rei! Segure aquela antena ali.

317

O Rei vai até um objeto que lembra uma antena de TV.

MAGO – Agora... vira um pouco pra direita! ... Não, foi muito! Agora um pouco pra esquerda! Mais um pouco! Agora um pouco pra frente! Isso! Isso! Fique parado assim, não se mexa! A imagem está ótima!

REI – O que está vendo?

MAGO – A novela das oito! (*alguma piada de ocasião*)

REI – Cacete, e o meu assassino?

MAGO – Vira um pouco pra sua direita! Isso!
Agora fica assim! Eu posso ver agora!

REI – E aí?

MAGO – O desgraçado sempre esconde o rosto!
Miserável!

REI – Assim, não é possível!

MAGO – Calma! Calma! A-haaa!

REI – Viu? Quem é ele?

318 MAGO – Não vi quem é ele, mas vi alguém que
o viu!

REI – Quem?

O Mago faz uma cara de mistério. Chama o rei
até ele e cochicha o nome.

CENA 16 – Salão do trono do rei.

Entra o gaiteiro real tocando seu fole. Estão
em cena: o rei Henrique V, a rainha Elisabeth, o
mago, e 2 soldados do rei. Entra lorde Malcolm.

MALCOLM – (*fazendo reverências ao rei*) – Al-
teza, posso saber o motivo de um chamado tão
formal para comparecer em vossa real presença?

REI – Mano Malcolm, eu tenho motivos graves para crer que foi você o assassino do grão-duque Mac Donald! Tragam a testemunha!

Duncan é arremessada dentro do salão.

PRÍNCIPE – Amiga!

RAINHA – Mas, o que está acontecendo aqui?

REI – *(para Duncan)* – Você era amante do grão-duque Mac Donald?

RAINHA – God!

PRÍNCIPE – Holy Mary!

319

DUNCAN – Bem, milord, digamos que nós éramos amiguinhos!

REI – Fale alto!

DUNCAN – *(berra)* Sim!

REI – Você estava no quarto do grão-duque na noite em que ele morreu?

DUNCAN – Sim, milord!

REI – E você viu um homem entrar no quarto do grão-duque esta noite com um punhal sujo de sangue?

DUNCAN – Sim, milord!

REI – E você viu o rosto desse homem?

DUNCAN – Sim, milord.

REI – Esse homem está aqui, nessa sala agora?

DUNCAN – Sim, milord!

REI – E você pode apontá-lo?

DUNCAN – Não, milord!

REI – Ora, por quê?

320 DUNCAN – Minha mãe me ensinou que é feio apontar em público!

REI – Idiota, aponte já para o homem que viu na noite do assassinato do grão-duque!

Duncan vai levantando lentamente o seu dedo. Todos no salão se abaixam ou tentam sair da direção do indicador de Duncan. Finalmente ela aponta para Malcolm.

REI – Aí está, Malcolm! O que tens a dizer!

MALCOLM – Matei o grão-duque sim! Mas foi para lavar a honra de meu rei! Tal homem que

gozava da confiança de meu soberano era também amante de minha cunhada e vossa esposa, a rainha Elisabeth!

RAINHA – Desgraçado! Mentiroso!

REI – O que diz é muito grave!

MALCOLM – Mas é a pura e mais cristalina verdade!

RAINHA – Desgraçado! Mentiroso!

REI – (*para a rainha*) – O que tens a dizer em sua defesa, minha rainha?

RAINHA – Desgraçado! Mentiroso!

321

REI – Tens como prová-lo?

MALCOLM – Tenho cartas de amor escritas de próprio punho do grão-duque para nossa rainha!

RAINHA – Isso não prova nada! Todos sabem que eu não sei ler!

REI – Isso é verdade!

PRÍNCIPE – Além disso, o que poderia garantir que o amor do grão-duque era correspondido? Todos sabem que os belos dotes de minha amada mãe são admirados por muitos e já fizeram

até a desgraça de alguns, como a de Marcello, o mercador de Veneza!

REI – Isso também é verdade! Tive que mandar vazar os olhos do homem por andar espionando os banhos semanais de minha rainha! (*Tom*) Parece que temos um impasse. (*para o mago*) Que me dizes de tudo isso, mago?

RAINHA – (*sussurra*) – Me livre desta pelo nosso amor!

MAGO – Meu bom e inidôneo rei, quando não se pode provar a inocência de nenhum dos lados, o melhor é aplicar uma pena leve para ambos.

322

REI – Belas palavras, mago! (*respirando com soberba*) Bem... nesse caso... condeno a rainha ao confinamento em um convento de beguinhas. Nunca mais verá um homem na sua frente. Nem às suas costas!

RAINHA – Malcolm, patife!

A rainha sai chorando.

REI – E você, meu irmão, que demonstrou tanta sede de vingança e tamanha vocação para o assassinio, o mandarei, para as Cruzadas para que uses todo seu ódio na conversão dos mouros e na morte dos pagãos que negam a Jesus Christ!

MALCOLM – Mas, isto é um contrasenso! As últimas Cruzadas terminaram há quase dois séculos!

REI – Nenhuma luta está perdida quando se têm esperanças, meu irmão! Podeis retomar gloriosamente Constantinopla dos turcos! Amanhã mesmo partireis para sua honrada e gloriosa missão!

MALCOLM – (*passando pelo mago*) – Preciso ter contigo! Não baldarei em meus intentos!

MAGO – Não baldará?

MALCOLM – Não fracassarei!

Malcolm sai.

323

MAGO – Droga, perdi de novo!

REI – (*com pompa*) – Provarei a todos que nada abala o reinado de Henrique Benjor, o primeiro rei lorpa da Escócia! Amanhã, dia oficial da caçada ao sdruwal, darei uma grande festa! Vamos sacudir a poeira e dar a volta por cima! (*sai*)

CENA 17 – Corredores do castelo.

Malcolm procura o mago para tentar a sua cartada final.

MALCOLM – mago, sabeis que eu sou o homem certo para assumir a coroa de nosso combalido país! Ajudai-me, mago, a **avassalar** a Escócia.

MAGO – Avassalar?

MALCOLM – O mesmo que imperar!

MAGO – Então, além de tirar seu irmão do trono, quereis afastar da coroa também os seus herdeiros diretos! Essa é vossa *cupidez*?

MALCOLM – Cupidez?

MAGO – Sim, ambição.

MALCOLM – Sabeis que sou o único neste reino inteiro capaz de reerguer a Escócia! Isso é *axiomático*!

324

MAGO – O quê?

MALCOLM – É óbvio. (*Tom*) E quanto aos herdeiros diretos? Estamos falando de uma rainha adúltera; um primogênito, o poeta e sonhador William, que sumiu! Só resta Macbeth, que eu tenho certeza preferirá o exílio voluntário na França onde poderá assistir aos desfiles de moda, usar perfumes caros, se maquiar e andar de salto alto.

MAGO – (*para si*) – O biltre já tinha tudo planejado desde o começo! (*para Malcolm*) E como pretendeis conquistar a coroa tendo sido enviado para as Cruzadas? Ou, pretendeis *obstar* as ordens do rei?

MALCOLM – Obstar?

MAGO – Fazer oposição!

MALCOLM – Não deixarei que as ordens de Henrique *pejem* os meus planos!

MAGO – Pejem?

MALCOLM – Sim, embarquem, atrapalhem.

MAGO – Para vencer uma guerra é preciso um exército!

MALCOLM – Tenho muitos homens que lutariam ao meu lado!

MAGO – Quem, por exemplo?

325

MALCOLM – Por exemplo... (*pensa*) Marcello, o mercador de Veneza!

MAGO – Mas ele é cego!

MALCOLM – Mas é muito esperto! Convenceu lorde Mac Laren, o avarento, a comprar um cavalo coxo por 40 moedas de ouro!

MAGO – Eu, você e um homem cego?

MALCOLM – Eu reunirei um exército! Imagine: todos os mutilados da guerra quererão lutar ao meu lado!

MAGO – E de que adiantam mutilados numa guerra?

MALCOLM – Ora, os mutilados são a alma de uma guerra! Uma guerra sem mutilados é como um casamento sem noivos!

MAGO – Se quiserdes tanto a minha ajuda, então, fazeis o seguinte: amanhã, no dia da caçada ao sruwal, escondei-vos na antiga gruta do ermitão da floresta. E vá armado de vossa espada.

MALCOLM – E para quê?

MAGO – Ainda não terminei o meu **alvitre**.

326

MALCOLM – Alvitre?

MAGO – O meu conselho. (*sussurra no ouvido de Malcolm*)

MALCOLM – (*rindo*) – Sois mesmo um **finório**!

MAGO – Como?

MALCOLM – Um ardiloso! Irei já tratar de pôr em prática este estratagema! (*sai*)

MAGO – (*abrindo o dicionário*) – Espere! E vós sois um... (*Tom*) Droga! (*para o público*) Se pensam que ajudo Malcolm estão enganados. Tento ape-

nas me fortalecer em ambos os lados do conflito. Se meus planos surtirem efeito, posso até ocupar melhor situação que a atual! Agora, que já mexi os cordelinhos me retiro para assistir à farsa! (sai)

CENA 18 – Aposentos da rainha.

A rainha Elisabeth prepara suas malas para viajar até o convento de freiras onde passará o resto de seus dias. Entram Duncan e Macbeth nos aposentos.

RAINHA – Meus meninos! Querem me separar de vocês!

DUNCAN – Precisamos fazer algo, se nem o mago, que parecia tanto seu amigo, moveu um dedo para ajudar-vos!

327

PRÍNCIPE – Papai foi longe demais! Que fizesse sofrer o povo, eu não me importava. Mas desgraçar sua própria família?!

RAINHA – Talvez, em tudo isso haja a mão do destino a me empurrar para a verdadeira missão de minha vida!

PRÍNCIPE – Não te entendo, minha mãe.

RAINHA – Meus meninos, preciso confessar algo! Descobri que tenho o poder de me comunicar com os que já se foram!

DUNCAN – Cruz-credo!

PRÍNCIPE – Isso de novo, mãe?!

RAINHA – Uma noite, o grão-duque Mac Donald veio ter comigo, depois que já havia ido desta para melhor! Na verdade, ele está aqui, neste momento!

Entra o Grão-duque de Mac Donald

DUNCAN – Sai pra lá, encosto!

PRÍNCIPE – Onde?

328 MAC DONALD – Lembre-se de que só você pode me ver, Elisabeth! *(passa a mão na bunda da Rainha)*

RAINHA – Ai!

DUNCAN E PRÍNCIPE – O que foi?

RAINHA – Ele passou a mão na minha bunda!

DUNCAN – Continua um safado mesmo depois de morto! *(Mac Donald passa a mão na bunda de Duncan)* Ai! Também senti algo na minha bunda!

RAINHA – Foi ele.

PRÍNCIPE – Cruz-credo!

MAC DONALD – Apesar de não poderem me ver, provarei que dizeis a verdade, Elisabeth. Anuncia a eles que farei flutuar esta vela.

RAINHA – Ele disse que fará a vela flutuar!

PRÍNCIPE – Ai, socorro!

Mac Donald segura a vela que faz flutuar pelos aposentos

DUNCAN – Meu Deus...

PRÍNCIPE – Do céu! É mesmo verdade!

DUNCAN – Rainha, talvez ele possa nos ajudar a vos livrar de seu triste destino!

329

MAC DONALD – Prometo vingar-me de Malcolm, por mim e por você, Elisabeth, minha tesudona! *(passa a mão na bunda da rainha)*

RAINHA – Ai! *(Tom)* Ele diz que quer vingar-se de Malcolm! E passou a mão na minha bunda de novo!

DUNCAN – Mas a culpa de tudo isso é também do rei e daquele mago de uma figa! *(Mac Donald passa a mão)* Ai!

MAC DONALD – Malcolm, Henrique e o mago! Todos têm sua parcela de culpa! Todos pagarão!

RAINHA – Ele disse que Malcolm, Henrique e o mago pagarão. *(Tom)* Mas, eu não penso em vingança! Sinto que agora sou um receptáculo do Espírito Santo!

Entra a Serva.

SERVA – Milady, vossa carruagem está pronta!

RAINHA *(para Macbeth)* – Meus meninos, eu tenho que partir!

PRÍNCIPE *(corre e abraça a mãe)* – Oh, mamãe!

Os três se abraçam. Mac Donald abraça a rainha por trás

RAINHA – Ai!

PRÍNCIPE – O que foi, mamãe?

RAINHA – Mac Donald, novamente! *(saíndo)*
Adeus, crianças!

DUNCAN – Espere, Rainha! Eu a ajudo com as malas! *(Mac Donald segue os dois e passa a mão em Duncan)* Ai!

O príncipe fica só no palco.

PRÍNCIPE – Adeus, minha mãe! Eu farei tudo o que puder para livrá-la deste malfadado destino!

Eu juro! Oh, minha mãe! (*cantando*) Oh, minha mãe, menininha do Gantoá!

Entra Malcolm nos aposentos da rainha.

MALCOLM – Por que sofres, jovem príncipe?

PRÍNCIPE – Não me faltam motivos para a dor e a angústia, meu tio! Não bastasse o cancelamento de meu casamento, sou separado de minha mãe! E meu irmão amado está longe para me ajudar! Dizem que foi visto em *Stratford Upon Avon*, mas ninguém sabe ao certo seu paradeiro! Só ele compreenderia meu sofrimento!

MALCOLM – Sofrimentos estes provocados todos pelo mesmo homem...

331

PRÍNCIPE – Sim, meu pai, o rei Henrique é o responsável!

MALCOLM – Seu pai está velho, Macbeth! A Escócia precisa de sangue novo! Macbeth para rei!

PRÍNCIPE – O que quereis insinuar?

MALCOLM – Um encontro a sós com o rei, é tudo o que preciso! Participei da grande caçada ao Sdruwal e fiz com que o rei se perca de seu séquito, perto da gruta do ermitão da floresta! Do resto, me encarrego eu!

PRÍNCIPE – É com mais uma morte que planejas me fazer rei da Escócia?

MALCOLM – Se te horrorizas com tal pensamento, esqueçamos já tudo o que foi dito nestes aposentos!

PRÍNCIPE – Preciso refletir um pouco... tenho agora o ódio dentro de mim! Mas preferia ter dentro de mim a alegria de uma bela pomba rola! Hoje sou só vingança, mas ontem fui compaixão... O amor traído muitas vezes se transforma em ódio... Não poderia o ódio se trair pelo amor? A vingança é um prato que se come frio, mas se já esfriou, por que comê-lo, a menos que seja uma sobremesa gelada... Mas e se, ao invés de prato, tivéssemos um copo?

MALCOLM – (*de saco cheio*) – Príncipe, por favor!

PRÍNCIPE – Dê-me algum tempo para pensar!

MALCOLM – Devo partir do reino, amanhã! Terás, portanto, toda noite para pensar.

Malcolm sai por um lado e o príncipe pelo outro.

CENA 19 – Floresta.

Inicialmente, apenas dois nobres vestidos para a caça. Eles conversam enquanto esperam pelo séquito do rei.

GUILDENSTERN – *(aparentando empolgação)* – Ah, o Dia Nacional da Caçada ao Sdruwal! Você não fica feliz neste dia, Rosencrantz!

ROSENCRANTZ – Sim, Guildenstern! Parece-me um ótimo dia para uma caçada!

GUILDENSTERN – É verdade! Principalmente, para caçar um bom, grande e gordo sdruwal!

ROSENCRANTZ – Meu caro Guildenstern, alguma vez já pegastes um sdruwal?

GUILDENSTERN – Nunca em toda a minha vida! Pelo menos que eu me lembre, Rosencrantz!

ROSENCRANTZ – E há quantos anos é caçado o sdruwal na Escócia?

333

NOBRE CAÇADOR 2 – Há mais de 200 anos na Escócia é caçado o sdruwal e nunca nenhum homem conseguiu capturar tal criatura!

ROSENCRANTZ – Nenhum homem?

GUILDENSTERN – Nenhum que pudesse contar, pelo menos! Há, no entanto, relato de homens que já desapareceram durante essa perigosa caçada, provavelmente, mortos pela criatura!

ROSENCRANTZ – E, meu caro Guildenstern, com que se parece um sdruwal?

GUILDENSTERN – Como nenhum homem jamais caçou um sdruwal, ninguém imagina com o que ele possa parecer! Existem apenas suposições! Alguns dizem que ele teria cinco patas e a cara de um camelo, outros afirmam que ele lembra um elefante de perfil! Mas, a bem da verdade, são apenas levianas conjecturas!

ROSENCRANTZ – E como se pode caçar um animal que não se sabe sequer como se parece?

GUILDENSTERN – Por isso mesmo essa caçada se torna tão desafiadora e perigosa!

334 ROSENCRANTZ – Meu caro Guildenstern, se nenhum homem jamais caçou ou viu um sdruwal, como podemos saber se ele realmente existe?

GUILDENSTERN – (*pensa um longo tempo*) – Não podemos saber, Rosencrantz.

ROSENCRANTZ – Meu caro Guildenstern, por que, ao invés de perdermos nosso nobre tempo caçando algo que não sabemos se existe, não vamos a uma taverna, pegamos umas mulheres e enchemos a cara?

GUILDENSTERN – Hum... E por que não? Vamos lá!

ROSENCRANTZ – Droga, vem chegando o rei!

GUILDENSTERN E ROSENCRANTZ – Salve vossa majestade!

Entra gaiteiro anunciando o Rei.

REI – Salve-se quem puder, caros lordes! Hoje o sdruwal será meu e ninguém tasca! (*para o mago*) O que preveem seus astros, mago?

MAGO – Tempo bom, se acaso o sol der o ar de sua graça; e tempo ruim, se for a chuva que der as caras!

REI – (*olhando ao redor*) – Pelo visto, será mais um ano em que caçaremos sem meu filho, o príncipe Macbeth...

335

PRÍNCIPE – (*chegando*) – Meu pai me chamou?

MAGO – (*surpreso*) – Príncipe!?

REI – Então, junta-se a nós? Em anos me dará finalmente uma grande alegria depois da partida de William!

MAGO – (*se aproxima do Proscênio*) – Vejo que tudo corre como o planejado!

PRÍNCIPE – Pai, posso caçar ao vosso lado? Tenho um forte pressentimento de que eu encontrarei um sdruwal!

REI – Isso é um ótimo sinal! (*para Macbeth*) É lógico que caçará ao meu lado!

PRÍNCIPE – Nobre pai! Eu proponho que nos espalhemos para acharmos logo um sdrual!

REI – Grande ideia, meu filho! Não percamos tempo! Vamos à caçada!

Sai o rei e é seguido por todos, cada um na sua direção. Só o rei e o príncipe no palco

PRÍNCIPE – Pai. Ouvi algo!

REI – Vamos, meu filho! Deve ser um sdrual!

336

PRÍNCIPE – (*se joga no chão*) – Ai!

REI – O que foi, Macbeth?

PRÍNCIPE – (*perdendo a pose*) – Rasguei meu fustão novo! (*tosse seco para engrossar de novo a voz*) Quer dizer, acho que torci meu tornozelo!

REI – Vamos parar a caçada e cuidar disso, já!

PRÍNCIPE – (*solta um gritinho*) – Não! (*Engrossa a voz*) Não, meu pai! Eu estou bem! Sinto que hoje é o dia em que será capturado o sdrual! Corre, pai, e o alcança! Sereis um herói nacional por isso!

REI – Então, eu vou! Para que lado?

PRÍNCIPE – Em direção à gruta do ermitão da floresta!

O rei sai do palco.

PRÍNCIPE (*Desesperado cai de joelhos*) – O que eu fiz?! O que eu fiz, Holy Mary?! Eu Macbeth, príncipe da Escócia, embriagado pela sede de poder e vingança, tramo a morte de meu próprio pai! (*Tom*) Morrer ele merecia... (*novamente desesperado. Assume a pose do pensador grego*) Mas não desta forma! (*Berra*) Oh, my God! (*Olhando para o joelho*) Rasguei meu fuseau novinho! (*Volta a correr e sai do palco*) Pai! ... Pai!... (*Cantarola*) Você foi meu herói, meu amigo!

337

Macbeth sai por um lado. O rei volta por outro.

REI (*perdido*) – Meu reino por um cavalo!

Surge Malcolm de trás dos arbustos.

MALCOLM – Salve o futuro ex-rei da Escócia!

REI – Malcolm, meu irmão! Não deveria estar a caminho das Cruzadas?

MALCOLM – Já escapastes de minha lâmina uma vez, Henrique! Mas não escapareis da segunda!

O primeiro golpe fará tcham! O segundo golpe fará tchum! E... Tcham, tcham, tcham, tcham!

REI – Irmão, já inventaram coisas melhores para se fazer a barba que a lâmina de uma espada!

MALCOLM – Reza por tua alma! (*Avança com a espada*)

Surge, dentre os arbustos, Marcello, o mercador cego.

MARCELLO – Malcolm! Malcolm! Onde estás? (*tropeça e cai*)

338

REI – Mas, quem é esse?

MALCOLM – É Marcello, o mercador de Veneza!

REI – Há algo de errado com ele?

MALCOLM – É cego, não está vendo?

REI – Se é cego, não pode ver!

MARCELLO – Conheço essa voz! Pertence ao mais ignóbil dos homens: o rei Henrique V!

REI – Sim, sou eu! Mas, basta de elogios! Lhe dou 200 moedas se matar meu irmão agora!

MALCOLM – Não seja estúpido, Henrique! Ele luta do meu lado!

MARCELLO – (*interessado*) – Duzentas moedas?

MALCOLM – Não lhe dê ouvidos, Marcello! Este homem mandou vazar teus olhos!

MARCELLO – Tendes razão, Malcolm! Sai de minha frente! Matarei esse biltre com um só golpe!

Marcello sai brandindo a espada que nem um louco. Malcolm e o rei se esquivam. Marcello tropeça e cai novamente. Corta a mão.

MARCELLO – Raios! Cortei meu dedo!

339

MALCOLM – Acalmai-vos, Marcello! Matarei o rei por nós dois!

REI – Marcello, te ofereço 300 moedas de ouro para que mate este meu irmão degenerado!

MARCELLO – Como ousai me fazer tal proposta indecente?

REI – 500 moedas, então!

MALCOLM – Desista, mano!

MARCELLO – (*muito interessado*) – Quinhentas moedas?!

MALCOLM – Quinhentas moedas não serão suficientes para compensar a visão que foi lhe roubada, Marcello!

MARCELLO – Tendes razão! Eu quero 1.000 moedas!

REI – Mas isso já é um roubo!

MALCOLM – Chega! Encomendarei vossa alma ao demônio!

Dois homens que se aproximam. São os dois nobres, Malcolm detém sua espada por um instante.

340

MALCOLM – Holy Shit! Alguém se aproxima!

REI – Ajudem-me! Este usurpador de tronos quer me matar!

ROSENCRANTZ – Guildenstern, aquele empunhando a espada, não é o letrado lorde Malcolm, irmão do rei e que todos pensavam estar a caminho das Cruzadas?

MALCOLM – Sim, sou eu mesmo! E se vós não quiserdes morrer também, afastai-vos!

GUILDENSTERN – Rosencrantz, aquele não é Marcello, o mercador de Veneza?

ROSENCRANTZ – O que vendeu um cavalo coxo por 60 moedas a lorde Mac Laren?

GUILDENSTERN – Eu ouvi dizer que foram 80 moedas!

MALCOLM – Foram 150 moedas! Ele mesmo me disse!

ROSENCRANTZ – (*para Marcello*) – Afinal de contas, por quantas moedas vendeste aquele cavalo coxo?

MARCELLO – Duzentas moedas!

TODOS – Duzentas?!

341

NOBRES – Impossível!

MARCELLO – Na verdade, foram 20 moedas! Mas ele pagou à vista!

REI – Seus idiotas! Ficam discutindo sobre cavalos coxos, mulheres e bebida enquanto minha vida está por um fio?! Não percebem que este que saiu do mesmo ventre que eu agora quer me matar?

GUILDENSTERN – Malcolm? Ele não faria isso! (*Malcolm ouve e fica lisonjeado*)

ROSENCRANTZ – Não é homem pra tanto!

MALCOLM – Eu o matarei! Juro pelo sol que me ilumina!

ROSENCRANTZ – Bom... está meio nublado...

REI – Matem logo meu irmão e esse cego idiota!

MARCELLO – Ora, não me chame de cego idiota!

Marcello sai brandindo a espada. Malcolm se desvia por pouco. Marcello avança, sem saber, sobre Rosencrantz e o atinge no braço.

342

ROSENCRANTZ – Oh, meu Deus! Fui ferido!

GUILDENSTERN – Cego de uma figa, como ousai atingir meu nobre amigo? Preparai-vos!

Guildenstern começa a duelar com o cego, que brande a espada de qualquer maneira. Malcolm parte em defesa do amigo.

MALCOLM – Covardes! Como ousam lutar com um pobre homem cego?!

Sem querer, o cego atinge Malcolm no braço

MALCOLM – Cego miserável! Será que não vês?

MARCELLO – Morte ao rei! (*atinge novamente Rosencrantz*)

ROSENCRANTZ – Ele está à sua direita, cego!

Rosencrantz começa a lutar também contra o cego. Lutam Malcolm e Marcello contra os dois nobres. O rei, se aproveitando da situação, pega um bacamarte ou uma besta esquecida no chão e aponta para os duelistas, tentando matar o irmão. Finalmente dispara, mas acerta o cego.

MARCELLO – Oh, maldição! Fui ferido!

REI – Droga, errei!

343

MALCOLM – (*duelando contra os dois nobres agora*) – Mataram meu pobre amigo!

REI – E o próximo será você, meu irmão!

MALCOLM – Três contra um! Esta luta eu não posso vencer! (*com um golpe afasta os dois nobres*) Mas eu voltarei! E a coroa da Escócia será minha! (*sai*)

REI – Maldição! O traidor escapou com vida!

Nesse instante, chega o mago, acompanhado de dois súditos que seguram estandartes do reino da Escócia.

MAGO – *(como se não soubesse de nada)* – O que aconteceu?

REI – Meu irmão Malcolm me emboscou e tentou me assassinar!

MARCELLO – Por favor, chamem um padre! Eu estou morrendo!

MAGO – E quem é este pobre infeliz?

ROSENCRANTZ – É Marcello, o mercador de Veneza!

344 MAGO – O que vendeu um cavalo coxo por 120 moedas a lorde Mac Laren?

GUILDENSTERN – Na verdade foram só vinte moedas!

MARCELLO – *(agonizante)* – Mas ele pagou à vista!

REI – Este homem estava ao lado de meu irmão! Os dois tentavam me assassinar! Eu tentei convencê-lo de que deveria passar para o meu lado, mas ele preferiu não ver que estava errado!

MAGO – O pior cego é aquele que não quer ver!

O príncipe entra em cena correndo

PRÍNCIPE – *(corre, abraça o rei e começa a beijá-lo)* – Pai! O senhor está vivo! Vivo!

REI – Oferecerei 10 mil moedas pela cabeça de meu irmão: Malcolm! Agora, voltemos ao castelo! Esta história toda me deixou faminto!

Todos vão se retirando do palco. O mago se aproxima do proscênio. Dirige-se à plateia.

MAGO – Nem tudo saiu como eu gostaria. Melhor teria sido se Malcolm e o rei tivessem se matado um ao outro. Mas da próxima vez, tomarei melhores precauções! *(volta os olhos para o príncipe Macbeth e se retira do palco)*

345

PRÍNCIPE – Oh, consciência! Eu sofro duas vezes! Pela morte que tramei e pela morte não consumada! *(enlouquecendo)* Oh, céus que sois testemunha de minha desgraça! Caia sobre mim! Ou, chão: devora-me! Ou, plantinha carnívora: me coma! Ou, larvinha, esconde-me em teu casulo! Já não sei quem sou! Ser ou não ser... *(vai saindo do palco)* Sou um menino? Uma menina? Uma gazela? Uma cotovia? Uma borboletinha? Uma florzinha? Aquela nuvem que passa lá em cima sou eu?

Sai do palco.

CENA 20 – Salão do trono do rei.

Entra o gaiteiro tocando o tema do rei em seu fole. O arauto o segue e anuncia.

ARAUUTO – Anuncio os nobres Rosencrantz e Guildenstern com novas sobre a rainha!

REI – Vocês viram a rainha? Foram ao mosteiro?

ROSENCRANTZ – Não fomos ao mosteiro.

GUILDENSTERN – Não somos muito religiosos.

REI – Afinal, onde viram a rainha?

346 **ROSENCRANTZ** – Numa cavalgada!

REI – Ela estava cavalgando?

GUILDENSTERN – Nós estávamos.

ROSENCRANTZ – Quando a vimos.

REI – Resumam esta história, pelo amor de Deus!

GUILDENSTERN – Desculpe, milorde.

ROSENCRANTZ – Mas não somos mensageiros.

GUILDENSTERN – Talvez devêssemos entregar esta tarefa a um profissional!

ROSENCRANTZ – Contaríamos a ele a história...

GUILDENSTERN – E ele faria um relato mais sucinto...

ROSENCRANTZ – Iria direto ao ponto.

REI – O que estão falando? (*irritadíssimo*) Me contem essa historia em uma frase!

GUILDENSTERN – A rainha fugiu do convento e profetizava para o povo nos campos!

MAGO E O REI – Profetizava?

GUILDENSTERN – Pregava a pobreza...

347

ROSENCRANTZ – Dizia que o povo deveria se desfazer de tudo o que tinha...

GUILDENSTERN – ... e entregar a ela.

ROSENCRANTZ – E culpava as desgraças da Escócia de termos no trono...

GUILDENSTERN – Palavras dela...

ROSENCRANTZ – Um homem profano e herege!

REI – Mas o que significa isso?

GUILDENSTERN – É quem não pratica os deveres religiosos.

ROSENCRANTZ – Um ateu.

REI – Eu sei o que é! (*Tom*) Mas o que essa louca pretende? Virar uma nova Joana D’arc? Se não parar de incitar o povo contra mim: à fogueira com ela!

MAGO – (*consigo*) – É tudo muito estranho... a rainha com sua inteligência diminuta nunca poderia estar fazendo tudo isso sem a assessoria de alguém com tutano de verdade...

348 REI – Estou cercado de traidores por todos os lados! Meu irmão, minha esposa... Só faltava agora Macbeth também se virar contra mim!

Duncan entra correndo pelo salão do trono.

DUNCAN – (*corre e se ajoelha diante do rei*) – Oh, milord! Seu filho, o príncipe Macbeth, está mais uma vez dependurado na janela da mais alta torre de vosso castelo e ameaça saltar para a morte!

REI – Que falta faz meu filho William! (*ordena*) Guardas, vão já buscar Macbeth!

Entra o príncipe no salão.

PRÍNCIPE – Ninguém precisa mais buscar Macbeth, a gazela voadora!

REI – Macbeth, vá já para o seu quarto!

DUNCAN – (*chorando*) – Oh, Beth! Você está viva, minha amiga?

PRÍNCIPE – Hoje eu tive uma visão! Sonhei que era uma cotovia...

REI – Ai, esse sonho de novo?

PRÍNCIPE – ... e quando voava, passei por uma janela e vi o mago deitado sobre minha mãe!

349

MAGO – (*começa a tossir*)

REI – Louco! Era com o grão-duque que sua mãe se deitava na minha ausência!

MAGO – Alteza, não achais melhor trancar seu filho em seus aposentos para que vossa vergonha seja menor?

REI – É claro! Já não bastava ter sido envergonhado pela esposa, depois pelo irmão traidor...

PRÍNCIPE – Meu tio Malcolm! Apenas uma pessoa nesse reino o conhecia bem...

MAGO – *(começando a ficar realmente preocupado)* – Prendam este homem!

REI – Eu dou as ordens aqui! *(berra)* Prendam meu filho!

O príncipe escapa dos guardas.

PRÍNCIPE – É difícil capturar um pássaro! Como cotovia, vi muitas vezes meu tio conversar em segredo com o nosso bom mago!

MAGO – Seu filho está realmente louco! Louco de pedra!

350 REI – Ai que infelicidade a minha! Macbeth, vá já para o seu quarto!

PRÍNCIPE – Um pássaro não pode viver encarcerado! Ele precisa da liberdade!

MAGO – Alteza, sugiro mandar seu filho a um sanatório! Ele precisa de tratamento imediatamente!

PRÍNCIPE – *(imitando um pássaro em voo)* – Voa cotovia! Voa cotovia! E leva embora os teus segredos!

REI – Nobres, segurem meu filho! Agarrem-no!

ROSENCRANTZ – Mas, devemos segurá-lo ou agarrá-lo?

GUILDENSTERN – Há uma diferença sensível!

REI – Detenham-no!

ROSENCRANTZ – Agora complicou tudo!

GUILDENSTERN – Já sei! Eu agarro e você segura!

O príncipe se livra dos nobres e corre até a murada do castelo. Fica de pé sobre o parapeito. O mago é a pessoa mais próxima do príncipe.

DUNCAN – Beth, desce já daí, menina!

351

PRÍNCIPE – A cotovia agora tem que partir seguindo os ventos quentes que vêm do sul!

REI – Mas não são as gaivotas que voam para o sul no inverno?

PRÍNCIPE – Eu estou louco, esqueceu? *(Tom)* Agora chegou a hora de voar...

O príncipe perde o equilíbrio e cai. Mas fica pendurado na janela. O mago corre e segura a mão do príncipe.

PRÍNCIPE – Um pequeno escorregão! Assim não posso pegar impulso!

MAGO – *(bem baixinho para o príncipe)* – Seu louco de uma figa, quer arruinar com minha carreira? *(fingindo)* Ele está me escapando!

REI – *(berra)* Nobres, segurem meu filho!

ROSENCRANTZ – Quantos quilos você acha que ele pesa?

GULDENSTERN – Com ou sem roupa?

REI – Parem de discutir e o socorram!

MAGO – *(baixo para o príncipe)* – Morre! *(berra)* Não tenho mais forças! *(solta o príncipe que cai para a morte)*

352

DUNCAN – *(corre para a janela)* – Beth, minha amiga! Beth morreu! Beth morreu!

REI – Mas o que esse idiota está falando? Meu filho chama-se Macbeth! Macbeth!

DUNCAN – *(chora)* – Beth morreu! Oh, minha amiga! *(agarra o mago pelo pescoço)* Desgraçado! Você é o culpado de tudo!

REI – *(para os nobres)* – Por favor, tirem essa coisa da minha frente!

Os nobres arrastam Duncan para fora do palco aos berros.

MAGO – (*fingindo desolação*) – Eu poderia tê-lo aguentado um pouco mais!

REI – Que se prepare o velóriobaile de meu filho! (*Tom*) William! Onde estás? Vós sois agora meu único filho!

Sai também.

CENA 21 – Velório. Salão do trono do rei. Gaiteiro entra tocando música fúnebre. Temos vários gays velando o príncipe morto e envolto em um manto rosa.

REI – Que desgraça!

353

MAGO – Sim, majestade! Era um jovem que tinha muito ainda pra dar!

REI – Estou me referindo a este manto! Rosa! Deixou escrito numa carta como seu último desejo! Até depois de morto, meu filho insiste em me cobrir de vergonha!

O mensageiro entra de repente.

MENSAGEIRO 3 – Majestade! Nossos homens, mal equipados, com frio e famintos, não foram páreo para o exército francês! Todos morreram! Neste momento, o exército francês já invadiu as fronteiras da Escócia!

REI – Mago, como não previstes que seríamos invadidos pela França?

MAGO – Minha lorpa, majestade, lembrai de ontem à noite quando tirei as cartas para vós?

REI – Sim...

MAGO – E não tirei, por acaso, a carta da morte?

REI – Não!

MAGO – (*pensando rápido*) – Porque ela estava faltando no baralho!

REI – Exército de incompetentes!

354

MENSAGEIRO 3 – O exército francês, comandado por seu irmão, marcha contra vosso castelo!

REI – Estou cercado de incompetentes!

MENSAGEIRO 3 – Vossa alteza é estúpido o suficiente para não saber escolher os seus homens de confiança!

REI – Mas que desaforo é esse?

MAGO – (*puto*) – Por que o meu palúrdio rei, tão espantado com a incompetência de seus generais e covardia de seus soldados, não comanda pessoalmente a batalha na linha de frente?

TODOS – Oh!

Silêncio.

REI – Excelente ideia! E você, mago, irá comigo! Não posso me privar de seus bons conselhos!

MAGO – (*puto*) – Eu e minha grande boca!

REI – E você, mensageiro...

MENSAGEIRO 3 – Não precisa nem dizer! Joguem-me no fosso! (*imitando rei*)

REI – Não! Serás general de meus homens! Se és valente para enfrentar o rei, podes muito bem enfrentar os franceses!

355

MENSAGEIRO 3 – Com o senhor no comando? Quero ser jogado no fosso!

REI – Ninguém discute as ordens do rei Henrique... (*para o mago*) mago, com que roupa acha que devo me vestir para a ocasião?

MAGO – (*enquanto todos vão saindo*) – Bem, majestade, preciso refletir... é uma ocasião muito especial...

CENA 22 – Corredores do castelo.

A morte interpela o mago quando este está prestes a deixar o palco. Os dois estão sozinhos em cena

MORTE – Nem pense em ir embora! E o nosso acordo? Preciso encontrar Mac Donald!

MAGO – Nós vamos achá-lo. Contente-se em levar agora o pobre príncipe Macbeth, que Deus o tenha!

MORTE – Ele me escapou também!

MAGO – Mas, que espécie de morte você é?

MORTE – Isso nunca me aconteceu antes: sumirem assim três almas de uma só vez?

MAGO – Mas, de quem é a terceira alma?

356

MORTE – De Marcello, o mercador de Veneza!

MAGO – Ele também te passou a perna? Um cego?

MORTE – Acontece que ele é muito esperto. Até vendeu um cavalo coxo por 400 moedas a lorde Mac Laren!

MAGO – E você acreditou nessa história?

MORTE – Precisas me ajudar! Eu estou desesperada! *(começa a soluçar)*

MAGO *(abraça a morte e tira uma casquinha)* – Já disse que te ajudo. Mas, isso vai custar alguma

coisa. Afinal, agora são três mortos que queres que eu recupere para ti.

MORTE – Pago o que for preciso! (*se insinuando*)
O que queres?

MAGO – Calma. Vou pensar em algo e te direi na hora certa! Agora tenho que ter com o idiota do rei! Nos vemos em breve!

MORTE – (*sai à procura dos defuntos*) – Mac Donald! Macbeth! Marcello! Venham com a mamãe!

CENA 23 – Floresta.

A rainha prega para a multidão. No caso, para a platéia.

357

RAINHA – E disse Jesus: Vinde a mim os homens que têm perna, e se arrastem aqueles que são aleijados. Porque quem dá pérola aos porcos está arriscado a matar os bichos de indigestão! Bem-aventurados os mansos, principalmente os cornos mansos... porque os últimos chegarão mais tarde, e os primeiros pegarão os melhores lugares!

MAC DONALD – Minha tesudona fala como uma verdadeira líder espiritual!

MARCELLO – O povo está adorando! Sinta o peso desta sacola! Os miseráveis, que já não têm quase nada, nos deixaram uma pequena fortuna!

RAINHA – Bem-aventurado aquele que não tem nada! Porque nada é tudo e tudo é nada!

MAC DONALD – (*rindo*) – Esse povo engole qualquer coisa!

PRÍNCIPE – Mamãe, por que não prometestes algo agora! Ficaram tão contentes quando prometestes que no céu todos teriam participação nos dízimos!

MARCELLO – Essa ideia foi minha!

RAINHA – Então, prometerei que quem foi roubado, poderá roubar do próprio Deus!

358

MARCELLO – Já prometeu isso também.

RAINHA – Então, que todos farão três refeições por dia!

PRÍNCIPE – Já dissestes isso também!

RAINHA – Então, que... quem era cego verá.

MAC DONALD – Já prometeu isso!

MARCELLO – Além do mais, isso é mentira: morri e continuo sem enxergar! Mas, não estou reclamando. Pelo menos, posso ficar mais perto da rainha.

Agarra o príncipe por trás pensando ser a Rainha. O príncipe dá um gemido. Mac Donald intervém.

MAC DONALD – (*rindo*) – Estais agarrando o príncipe, cego!

MARCELLO – (*soltando o príncipe*) – Ai, meu Deus!

RAINHA – Nossa, quantas coisas já prometi!

MAC DONALD – (*agarrando a rainha por trás*) – Prometer é fácil!

PRÍNCIPE – Olhe, mamãe! Quem vem lá! É Duncan! Minha amiga do peito!

Duncan vem correndo do fundo da plateia em direção ao palco.

359

Duncan visita a rainha.

DUNCAN – Rainha! rainha!

RAINHA – Vinde a mim, ó pequenino! Que os que correm sempre chegam primeiro, a não ser que tropecem e caiam!

DUNCAN – Milady! Que bom encontrá-la! Mas, temo que traga más notícias!

RAINHA – Se é sobre a morte de Macbeth, eu já sei.

DUNCAN – Mas, como soubestes?

RAINHA – Ora, ele veio ter comigo. Na verdade, está neste momento ao meu lado.

DUNCAN – Amiga, você está aí?

PRÍNCIPE – Sim! Amiga! Mortinha da Silva.

Mac Donald passa a mão na bunda de Duncan

DUNCAN – Ai! Isso foi um sinal do príncipe?

RAINHA – Não! Foi Mac Donald! Ele não sossega.

360 DUNCAN – Tenho certeza de que o mago deixou o príncipe cair para a morte! E que é ele quem aconselha o rei a entregar a rainha para a Inquisição, pelo que andas dizendo por toda Escócia!

RAINHA – Eu sou apenas um receptáculo!

DUNCAN – Para piorar, Malcolm invadiu a Escócia e marcha contra o castelo!

PRÍNCIPE, MAC DONALD E MARCELLO – Que eles se matem!

DUNCAN – O próprio rei Henrique comandará o que resta de suas tropas combalidas!

PRÍNCIPE – Papai? Numa frente de batalha?

DUNCAN – O mago o aconselhou! Aquele velho deve estar tramando algo!

MAC DONALD – Então, existe alguma coisa por trás disso!

MARCELLO – Sim, aquele mago não dá ponto sem nó!

RAINHA – Por falar no diabo... não é ele quem vem lá?

DUNCAN – Preciso me esconder. Ele não pode me ver aqui. *(Tom)* Mas, rainha, tomai cuidado com as coisas que ele lhe diz! Pois, hoje, sois a única que pode salvar a Escócia! *(se esconde na floresta)*

361

Mago surge na plateia e caminha em direção ao palco.

MAGO – Salve, minha rainha!

RAINHA – Depois de tudo o que fizeste ainda tens coragem de aparecer na minha frente?

MAGO – O rei poderia ter mandado decapitá-la. O que fiz foi salvar-lhe o pescoço. Além disso, olhe para você: sois uma líder evangélica, quem diria! *(Olhando a sacola com o dinheiro do povo)* E parece que o negócio está dando lucros.

RAINHA – Também já sei que Henrique vai comandar suas tropas contra o irmão invasor, aconselhado por ti!

MAGO – Mas, tendes mesmo um espião no castelo!

DUNCAN (*Escondido*) – Ai, que medo! Este velhaco não pode desconfiar de mim!

RAINHA – Não preciso de espiões! Os mortos me contam tudo.

MAGO – (*para si*) – Então sois vós quem os esconde da morte...

362

RAINHA – O que dizes?

MAGO – Nada. (*Tom*) Apesar dos chifres que me puseste na frente, ainda tenho apreço por ti e saibas que faria de tudo para vê-la de volta no seu lugar: o castelo.

RAINHA – És um mentiroso!

MAGO – Na verdade, sei de uma maneira pela qual poderíeis vingar-vos de Henrique e Malcolm de uma só vez!

TODOS – Como?

MAGO – Bem, soberana, a história é essa...

Sobe a música e não ouvimos o que é dito. Todos saem do palco.

Entra gaiteiro que toca música de batalha. Guardas tocam tambores. Entra o rei seguido de alguns homens, entre eles, o general.

REI – (*Grita*) – Por favor, maquiagem! A minha entrada na guerra está próxima! Um copo de água! Preciso fazer um gargarejo para que minha voz esteja à altura das ordens e comandos que darei!

GENERAL – (EX-MENSAGEIRO 3) – É duro ouvir tantas asneiras!

REI – Estou pronto para a batalha! (*pensa*) O que eu devo fazer agora?

363

GENERAL – (*grita*) – Avançar!

Todos avançam. O rei fica para trás.

REI – Eu dou as ordens aqui! Avançar! (*corre para tentar alcançar seus homens*)

O mago entra no palco vazio. Anda de um lado para o outro.

MAGO – As cartas foram lançadas! No meio da batalha enviei um mensageiro até Malcolm avisando-o da vontade do rei de assinar sua rendição. Enviei um mensageiro até o rei com

o recado de que era Malcolm quem queria se render. E combinei que os dois se encontrassem neste local. *(Tom)* Inferno, por que demoram tanto? *(avistando o rei de um lado)* Ah, lá vem o rei! *(vendo Malcolm)* E é Malcolm quem vem daquela direção. *(Tom)* Agora devo me esconder no melhor lugar para manipular esses dois fantoches! *(se esconde)*

Entram Malcolm e o Rei, cada um de um lado do palco.

REI – Então, você veio mesmo!

364 MALCOLM – Sim. É claro que preferiria tê-lo matado em combate. Mas, já que isso não foi possível...

REI – Ainda bem que pensa assim.

MALCOLM – Mas, deixemos de conversa. E tratemos do que interessa: o **armistício**!

REI – O “o quê”?

MALCOLM – O acordo de rendição.

REI – Sim, é claro! Eu trouxe comigo!

MALCOLM – Quanta boa vontade da sua parte. Mas eu prefiro que você assine este que eu mesmo redigi!

REI – Que brincadeira é essa? Eu não assino nada!

MALCOLM – Não tem problema que não saiba assinar o próprio nome. Eu trouxe aqui esta almofadinha para molhar seu polegar!

REI – Vamos acabar com esta confusão. Eu vim aqui porque você disse que ia assinar a rendição!

MALCOLM – Nada disso. Você é quem mandou me avisar de que ia se render!

REI – Não seja ridículo! Eu deixaria que até o meu último homem morresse antes de pensar em me render!

MALCOLM – *(olhando para os lados)* – Isso parece uma cilada! *(pensa)* Que estou dizendo? Você não seria capaz de pensar em algo tão brilhante!

REI – Então, não foi você quem tramou tudo isso para poder me matar e ficar com a coroa?

MALCOLM – Não, mas você me deu uma boa ideia!

REI – Calma, Malcolm! Vamos conversar: podemos chegar num acordo! Não garanto que sejamos irmãos como antes. Mas, talvez, possamos ser primos!

MALCOLM *(Tira uma faca escondida às suas costas)* – Prepara-te para morrer!

REI – Hei, calma aí! O acordo era para ninguém vir armado!

MALCOLM – E você acha que eu seria tolo de não ter um trunfo escondido?

Vemos o mago escondido.

MAGO – Eu cuidei de enviar também a Malcolm um bilhete meu aconselhando-o a trazer uma faca, para matar o rei depois da rendição assinada.

Malcolm avança contra o rei. O rei saca de um bacamarte e atira em Malcolm.

366 MALCOLM – Canalha! Você também estava armado o tempo todo!

REI – E você acha que eu sou tão idiota de não me precaver!

MAGO – (*escondido*) – É claro que o rei é um idiota. Só trouxe a pistola porque eu assim o aconselhei! Agora, espero que os dois se matem! Para isso eu também vim preparado!

O rei se aproxima de Malcolm caído. Nesse momento, o mago arremessa a lança para o lado de Malcolm.

REI – Mas, de onde veio essa lança?

MALCOLM (*segurando a lança*) – Não importa! Também vais morrer! (*arremessa a lança contra o rei ferindo-o mortalmente*)

REI – Desgraça! Fui ferido! (*Tom*) William, por que me abandonaste?

MALCOLM – Eu morro, mas levo você junto comigo, irmão!

O rei e Malcolm morrem. O mago sai de onde estava escondido. A morte passa pela cena e acena para o mago, que acena de volta.

MAGO – E tudo termina como planejado! A morte está feliz: recuperou os mortos que a rainha escondia, ainda levou duas almas de lambuja e agora me deve um grande favor! A rainha, por sua vez, liberou os mortos para seguirem o seu caminho e encontrarem Jesus Christ, como eu mesmo lhe garanti! E ainda fez um acordo comigo se eu garantisse o fim da guerra que destruíra o país. Com os irmãos brigões mortos, a guerra termina, a rainha ascende ao trono e eu garanto um belo lugar para mim na nova Escócia! Tudo como eu mesmo planejei!

DUNCAN – (*surge por trás do mago com uma faca e o apunhala nas costas várias vezes. Diz a cada facada*) – Essa é por Macbeth! Essa é por

Marcello! Essa é por Mac Donald! Essa é por Elisabeth! E essa é por mim! Essa é por mim! Essa é por mim! Essa é por mim! *(Levanta e joga a faca)* Ai! Duncan, o que você fez, menina! Como você é decidida! Poderosa! Necessária! *(fala para o defunto)* Nem tudo vós pudestes prever, velho bruxo! Acontece que, no dia em que fizestes vosso acordo com a rainha, eu ouvi tudo e tratei de bolar um plano pra defender o meu lugar no novo reino! Essa bicha aqui vai dar a volta por cima, santa. E você vai para o lugar que merece: o quinto dos infernos! Agora vou até a rainha contar as novidades.

368 Começamos a ouvir os acordes do fole e vozes ao longe. Entram no palco os nobres Rosencrantz e Guildenstern.

ROSENCRANTZ – William! William!

GUILDENSTERN – William voltou!

DUNCAN – William, o primogênito? Vocês têm certeza?

ROSENCRANTZ – Tão certo como a galinha não voa!

GUILDENSTERN – Não voa?

DUNCAN – Esqueçam a galinha! Onde está William?

ROSENCRANTZ – Ruma para o castelo...

GUILDENSTERN – Montado em seu belo corcel!

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN – Viva William!
Viva o novo rei da Escócia!

GENERAL – (*entra em cena*) – William! William!

ROSENCRANTZ e GUILDENSTERN – Sim! Ele voltou!

GENERAL – William foi visto subindo no telhado!

TODOS – Subindo no telhado?

GENERAL – William morreu! Caiu do cavalo e
quebrou o pescoço!

369

Todos saem correndo para um lado.

CENA 24 – Funeral na sala do trono.

Enquanto o gaiteiro começa a tocar uma música fúnebre, pessoas vestindo luto atravessam o palco em um ritual até saírem novamente de cena. Entra a rainha seguida de Duncan. Os dois também vestem o luto.

RAINHA – Quanta desgraça! Perdi todos os que eu amava... (*Tom*) e todos os que odiava também...

DUNCAN – Ainda tendes a mim, minha rainha!
Serei fiel a ti até o fim dos meus dias!

RAINHA – Oh, Duncan, você tem sido tão bom comigo! Gostaria de poder recompensar todos os seus bons serviços!

DUNCAN – Na verdade, rainha... a senhora pode...

RAINHA – Verdade?

Duncan sai.

RAINHA – E como? Mas o que ele pode querer? Ser minha criada pessoal? A chefe das criadas do castelo? Fraulein?

Duncan volta vestido de mago.

370 RAINHA – O que é isso?

DUNCAN – Este é o meu pedido, rainha! Faça-me vosso mago e conselheiro pessoal! Apreendi muitas coisas com o livro que me destes! E poderei servir-lhe ainda melhor!

RAINHA – Se é isso o que queres...

Gaiteiro começa a tocar o tema da coroação. Entram no palco vários nobres vestidos de gala. A rainha senta-se no trono. Um nobre entrega-lhe o cetro de rei e outro lhe põe a coroa.

TODOS – God save the queen! Deus salve a rainha! Deus salve Elisabeth I, rainha da Escócia!

RAINHA – Como primeiro ato de meu governo, eu crio a Igreja Universal do Reino da Escócia da qual eu, Elisabeth me declaro a primeira líder evangélica da Escócia!

TODOS – Viva! God save the queen!

RAINHA – (*para Duncan*) – Como segundo ato, nomeio Duncan o novo mago do reino!

DUNCAN – Ai, obrigado minha musa! Mamãe: eu disse que chegava lá!

Nesse momento, entra o mago vestido de bispo.

MAGO – E o que vamos fazer com dois magos num mesmo reino? 371

TODOS – Oooohhhhh! Holy shit...

DUNCAN – Mas você está morto! Eu mesmo o mat...

MAGO – A morte me devia um favor: prometeu que, quando minha hora chegasse, ela não me levaria!

TODOS – Fuuuuuuck...

RAINHA – E, como faremos agora? Já nomeei Duncan o novo mago do reino!

DUNCAN – É verdade! Este castelo é pequeno demais para nós dois!

MAGO – Eu abandonei todas as bruxarias, ciências e forças ocultas. Tudo o que peço é que a rainha me faça bispo de sua Igreja!

DUNCAN – Essa bicha velha está armando uma, rainha!

RAINHA – Não posso negar tal pedido! De hoje em diante, és bispo da Igreja Universal do Reino da Escócia!

372 MAGO – E como bispo eu condeno à fogueira da inquisição a todos aqueles que adoram ao demônio, praticam a magia e evocam as forças ocultas! E o primeiro a ser condenado é vosso mago Duncan!

Alguns nobres seguram Duncan e o arrastam para fora do palco voltando em seguida.

DUNCAN – Rainha, me acuda! Me salve!

RAINHA – Pobre Duncan! É uma pena que tenha se desviado do caminho de Deus e buscado refúgio no satanismo!

MAGO – Sim, minha rainha. É uma pena!

GENERAL (EX-MENSAGEIRO 3) – Mas, milady, e quanto à guerra com Luis I, rei de França?

RAINHA – Oh, sim, é claro, ia me esquecendo. Declaro o fim da guerra com o rei de França! Poderemos novamente comprar os belos vestidos e a maquiagem requintada de Paris!

TODOS – Urra! Urra!

GENERAL (EX-MENSAGEIRO 3) – Mas, milady, não teremos de dar nada em troca para compensar as perdas da França?

RAINHA – Bem... eu darei, com muito gosto... Na verdade, tive que fazer com Luis I um acordo. Para aplacar seu ódio, casei-me com ele por correspondência, unindo os reinos de Escócia e França!

373

TODOS – Oooooohhhhhh!

Adentra ao palco Luis I vestindo trajes espalhafatosos.

LUIS I (*Entra desmunhecando*) – Elisabeth, mon amour! (*se deparando com os nobres de saia*) Sacre Couer de Dieux! Todos usam saias neste país! Isso é tudo! Preciso exportar essa moda já para “Parri”! (*Continua caminhando até a Rainha e sentando no trono*) Ai, Elisabeth, acho que vou adorar ser rei da Escócia! Tragam-me já uma saia!

TODOS – Salve Elisabeth! Salve Luis Primeiro...

LUIS I – Luis Primeiro, non! Me chamem de Luis Un, roi de France! Je ne pás de elegance!

GENERAL (EX-MESSAGEIRO 3) – (*para o mago em segredo*) – mago, não podemos permitir a Escócia genuflectir-se diante da França!

MAGO – (*para a plateia*) – Genuflectir-se? (*vai até o Proscênio*) Mas, vai começar tudo de novo?

TODOS – Salve Elisabeth! Salve Luis Un! God save the Queen! Dieu, salvé le roi!

374 MAGO – Infelizmente, William não pôde imortalizar esta história nas páginas de suas peças. Mas, outros a contarão. Talvez com menos talento e brilhantismo, mas ainda assim com um toque de originalidade, trazendo a influência dos negros da África, que nós escravizamos para trabalhar nas colônias do novo continente...

Sobe a batucada com bumbos misturados a instrumentos de samba e gaita de fole, tocados ao vivo pelos atores. Entram estandartes com dizeres políticos ("Joãozinho Trinta para rei", "Clóvis Bornay para rainha", etc.) E todos cantam a odiséia de Elisabeth, enquanto saem pela plateia.

FIM

Índice

Apresentação – José Serra	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Camila Baker, Lives in Concert	11
Eu Era Tudo pra Ela... E Ela me Deixou	85
Luluzinhas	173
Henrique V, Que Queria Ser o Primeiro	255

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Maurício Arruda, José Roberto Torero, Mariana Veríssimo e Luiz Villaça

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Org. Luiz Antônio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Rubem Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadá: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sérgio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico García Lorca – Pequeno Poema Infinito

Roteiro de José Mauro Brant e Antonio Gilberto

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arllete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analú Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

***Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 396

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso Série Teatro Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Felipe Goulart
Editoração	Fátima Consales
	Aline Navarro dos Santos
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Dante Pascoal Corradini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Boechat, Emilio

O teatro de Emilio Boechat : Camila Baker, Lives in Concert; Eu Era Tudo pra Ela... E Ela me Deixou; Luluzinhas; Henrique V, Que Queria Ser o Primeiro / Emilio Boechat – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. 396p. – (Coleção aplauso. Série teatro Brasil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 978-85-7060-643-3

1. Dramaturgos brasileiros 2. Teatro brasileiro 3. Teatro – História e crítica I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Título: Camila Baker, Lives in Concert. IV. Título: Eu era tudo pra ela... E ela me deixou. V. Título: Luluzinhas. VI. Henrique V, Que Queria Ser o Primeiro. VII. Série.

CDD 792.092 81

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Teatro : Biografias 792.092 81

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2009

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção *Applauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

Emilio Boechat é uma das maiores revelações como dramaturgo dos últimos anos. Kursou Cinema pela Universidade Federal Fluminense, é compositor, veterano autor de mais de 1000 roteiros para vídeos e eventos corporativos, roteirista de programas de TV (*Zorra Total*) e colaborou em novelas de sucesso (*Luz do Sol*, *Promessas de Amor*, *Amor e Intrigas*, *Floribella*, *Os Mutantes*, *Bela*, *a Feia*).

Foi ele mesmo quem selecionou quatro textos para esta edição, que começa com seu primeiro grande sucesso, *Camila Baker, Lives in Concert*, de 1990, que foi indicada para o prêmio Shell de Melhor Ator e Apetesp de Trilha Original, Sonoplastia e Ator. Em 1999, foi remontada com Caco Ciocler, Dalton Vigh, Cláudio Fontana. Em 2005, veio a continuação *Camila Baker, a Saga Continua*.

Outro texto presente neste volume é *Eu Era Tudo pra Ela... E Ela me Deixou*, com que Boechat ganhou o prêmio de Jornada Sesc de Teatro e foi indicado ao Mambembe. É uma tragicomédia sobre o divórcio de um casal que está junto há dez anos.

Luluzinhas aborda o universo feminino e traz os desencontros, desilusões, sonhos e ambições de cinco mulheres. Foi montada no TBC em 2003, com Mel Lisboa e Guta Stresser. A peça inédita *Henrique V, que Queria Ser o Primeiro*, mostra a guerra entre o Rei da Escócia (Henrique) e o da França (Luis I) e aborda todos os reflexos deste conflito, até que a herdeira Rainha Elizabeth assuma o poder.

Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, no registro e resgate da memória cultural brasileira.

ISBN 978-85-7060-643-3



9 788570 606433